

ENCADERNAÇÃO

Natale Salatêo

PONTE PRETA
RUA CASTELLI, 58
CAMPINAS
Telephone, 2-1-6

Confeccionam-se Pastas

OFFICINA de

e DOURAÇÃO



PARNASO SERGIPANO

Colligido e prefaciado

POR

Sylvio Roméro

II — VOLUME

ARACAJÚ

Typ. d' "O Estado de Sergipe"

1904



PARNASO SERGIPANO

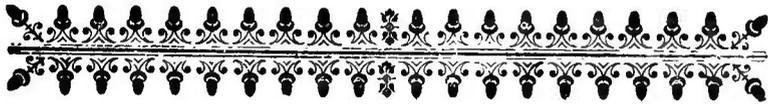




XV

José Jorge de Siqueira Filho





I

A visão do Orizaba

No seio do Orizaba restruge a lava agora ;
O sol despede a luz nos céos de azul setim :
Que livida poeira desbota os vèos da aurora ?
Irá o genio do mal se erguer do longo spleen ?

E quando o sol em brasa transpõe esse horisonte
Onde na febre d'ouro ensanguentou se a Hespanha,
Porque enfia do golpho até vergar a fronte
Tão fundo olhar de fogo no seio da montanha ?

Meu Deus ! que lendas frias da morta geração
Vêm assaltar a mente da misera nação !

As mumias dos caciques sentiram no deserto
Sobre seu peito os sec'los volvendo em turbilhões !
Do cataclysma immenso será que já bem perto
Abafam-se os mugidos na urna dos tufões ?

O Adeus de Anabuac no extremo da agonia
Arremessou-se, dizem, na bôca da cratera . . .
E inda hoje o viandante de medo se arripia,
Como se ouvirá o echo da imprecação severa . . .

Meu Deus ! que lendas frias da morta geração
Vem assaltar a mente da misera nação !

Da noite agora o genio co'os hirtos longos dedos
Apalpa os quentes estos no peito de Orizaba !
Murmura em treda nenia do Mexico os segredos...
Quem ouviu-a ? O itzli não brilha mais na taba !

Mais lumes na bafagem levantam-se esta noite...
E do vulcão a frente traz ondas amarellas...
E do sueste ao longe o mar geme ao açoite...
Quem é que vai se erguer nesta espiral d'estrella ?

Tudo é mysterio agora no topo de Orizaba...
Quem o viu ? O itzli não brilha mais na taba !

« Eil-a prostrada a cidade
Onde de alta magestade
A face da Divindade
Sabe a purpura cingir.
Para esta frente gelada,
Pelas lavas calcinada,
De muita nação a espada
Cruzou nos flancos de Ophir !

Do meu reino as aureas raias
Eram lá nas loursas praias
Onde as nevadas cambraias
Despe o rosado arrebol !
Minha corôa altaneira
Ia entestar-se fronteira
Com a ingente cordilheira
Que tem nos hombros o sol !

Glorias?... ai ! de cada um astro
Ide antes colher o rastro
Sobre o mobil alabastro
E enfeixai o por milhões !

Da eternidade nas teias
Destendei todas as veias...
Vibrai ahí epopéas
De mais de mil gerações !

Do empyreo jorrava o brilho ;
Do sol no eterno rastilho
Cantava a hesperide o idyllio
Dos mundos que erguem-se além !
Como era elle indolente
Da sua galera á frente,
Desfolhando á zona ardente
As coróas do cecem !

Mãe tudo foi profanado !
Cahi o deus venerado
As mãos do vampyro ousado,
Espurio filho do sol !
Primeiro os viste, Hispanhota ;
Tinham punhal na sacola,
Serenatas na viola,
Mais dansas em caracol...

Eil-a prostrada a cidade
Onde — réo da iniquidade—
A face da Divindade
Eu trouxe ao pulso os grilhões !
Do pó das tuas miserias,
Ergue as clavas daleterias,
Patria ! inda tens nas arterias
O lobo dos teus volcões ! >

E o phantasma sumiu-se na bruma...
Era a sombra do rei Montezuma !

II

Serenata dos Mortos

Por claras noites de estio
'na margem curva do rio
as garças vêm sobre a areia
escutar minha canção ;
'nas flores que abrem á noite,
da correnteza ao açoite,
respira alguma sereia
que me encanta o coração.

Das aguas na esteira verde
uma fôrma além se perde
como ondina que adormece
sobre o lotus sonhador:
é a jangada que coacha
e manso e manso se agacha
'no ló de esptimas que tece
aos cantos do remador.

Ai ! mett idyllio de morte
cantai vós, auras da noite,
quando os meus gelidos lyrios
eu vier vos desfolhar :
trazei-me essa neniai nfinda
das harpas rotas de Olinda,
a legenda dos martyrios
d'essa madona do mar.

No céu pequenas estrellas
'na timidez de gazellas
que respeitam as caravanas
abrem a palpebra azul ;
são fogos fatuos dementes

ou talvez larvas dolentes
das pobres almas humanas
lançadas 'nigneo paul !

A lua branca desata
os seus véos de serenata
e—o seio nú—se perfuma
dos effluvios do equador ;
e a jangadinha que coacha
mais manso e manso se agacha
'nos alvos focos de espumas
aos cantos do remador.

II

E quando a lua desata
os seus véos de serenata
e os effluvios do equador,
dizem que o seio do rio
retrahe-se 'num calafrio
e abafa um longo estertor:

Vê-se-lhe o dorso ondante
como serpente gigante
se espreguiçando ao luar:
São da noite errantes fadas
que as correntes prateadas
vêm assim electrizar.

No vento que alem resoa
o canceiro da proa
conhece a hora fatal ;
e—a vela solta, silente,—
das aguas 'na esteira algente
evita o encontro iethal.

Espera o sombrio esquife
tè que o rio se alcatife
das flores do nenuphar.

Então—sobre a lisa prata
 ai de quem a serenata
 dos mortos for escutar.

E' o bando dos desgraçados
 que ali morrem afogados
 de seus annos no verdor,
 que vem ao esquite sombrio
 quando descem sobre o rio
 os effluvios do equador.

III

Cada qual sobre a fronte serena
 a grinalda de rosa e açucena
 conservava do vago festim...
 Em seus olhos o lume estinguído,
 em seus lábios o verbo transido...
 Mocidade è cruel ver-te assim ?

IV

Louca sombra a vagar por noites bellas
 sobre o batel do prestito feral,
 vem 'na minh'barpa, ao sonho das estrellas
 cantar da infancia morta e madrigal.

1867.



III

Deus ?

Deus ! Esphynges... Phantasma... Idéa... Sombra !
 o que és tu e onde estás ? ao rés da alfombra ?

no vortice dos sóes ?
 Ou ja os polos quebrados de cem mundos
 de um nevo cáhos 'nos boqueirões mais fundos
 envolvem-te 'nos nós ?

IV

Em uma festividade Academica

Moço, e nas veias estuante o sangue,
tambem quizera á Patria erguer meu canto ;
Mas eu vejo da Patria a face languie
annuial-a o pranto.

A morena tupy mãos estrangeiras
desprenderam da virgem arasoya :
rompeo-se o manto azul das cordilheiras
e a Isis una sobre as aguas boias.

O filho das Moemas, nobre e fero,
prostou-se longo praso;
mas o olhar de Tupan no desespero
se avermelhou no occaso.

E sumiram-se em fundas igaçabas
as falanges valentes do Brazil !
Perguntai-o aos traidores emboabas
de burel o fusil !

Somente, quando a noite se corôa
da scentelhas dos phosphoros azues,
de mil sombras de Atlantes se povoa
o limo dos paëes.

Não divisaes ali um vulto branco
entre verdores que a soidão descora ?
Phantasmas erram lá de flanco em flanco
desses montes agora !

E' Olinda, a cabocla que sosinha
ali se gela em somno de innocente,
que adormecera aos sons inda á noitinha,
da guitarra languente.

Olinda, Olinda, que saúda os sóes
Co'a saudade das lendas—epopéas,
e entre as nenias do mar, dos arrebóes
enreda-se 'nas teias !

Quantas vezes ali abandonada
aos scismares de enfermo,
não disse ella—a amazona deslembada
'nos pallares do ermo :

— Amanhã, quando o sol surgir de lá
de seu leito de vagas verde-escuro,
meu anhelante seio beijará
a estrella do futuro !

E o futuro? Na demencia
de uma vil independência
vendeu se o sangue de heróes !
Do opprobrio ás nuas alfombras
sem dor atirou-se ás sombras
de tão brilhantes avós !

Mais tarde . . . é diversa a liça.
E' em nome da justiça
o cadafalso em acção !
Honra a lei que não tropeça,
que sabe pôr a cabeça
de Pedro Ivo em leilão !

Vêde o futuro, senhores !
Do vicio 'nos impudores
protrahe-se a misera grei !
E em troco emfim seberana
sobre a terra americana
ergue-se a estatua d'El-Rei !

Mas, quando ainda o sol surgir de lá
de seu leito de vagas verde-escuro,
nessas frentes de luz inundará
a estrella do futuro !

11 de Agosto de 1864.



V

A Maciel Pinheiro

Partes, amigo ? Adeos ! que a Paulicea
laureie-te a fronte que cuspiu-se aqui !
Que 'num beijo de Minerva brasileira
lave o sarcasmo que se ergueo a ti !

Mas tu luctaste, — e entre os mesmos cardos
tens o laurel dessa fulgente lucta !
Mas viram te cahir fitando a idéa :
pois tua gloria é o beijo de Celuta !

Vai 'na estrophe, Tyrteo, do minuano
encandescer teu grande pensamento.
E que o fragil batel do moço martyr
lá possa inda gu'ar mais brando vento !

Adeus ! 'na nevoa que acerca
a somnolenta Sion,
minha voz debil se perca
'nas areias do Cedron.
Sou fraco, fez-m'o o destino ;
seja calada a viseira ;
rojarei sob a poeira
deste nobre Parthenon.

Rojarei, sim ; mas a mente
 que uma vez sonhou a luz
 é como Christo que sente
 pender-lhe a cabeça á cruz.
 Não tujo ao arcar do cerebro
 'nos sonhos de liberdade,
 em meio da mocidade,
 que alto fadario conduz !

Que importa dentro em noss'alma
 sentir o felse embeber
 da onda que não acalma
 sem um arquejar siquer ?
 Para o réo do pensamento
 diante da Humanidade
 os urrhas da sociedade
 são cantos de Gelimer !

1865.



VI

O General das Massas

Sob a lapide fria e desornada
 da campa mendigada á fê de estranhos,
 algente e branca está a fronte augusta
 do venerando ancião sabio e guerreiro :
 —guerreiro que o jámais manchado gladio
 da liberdade consagrou 'na vaga ;
 —sabio que os raios todos do seu genio
 soube vibrar à servidão do erro.

As estrellas do céu velam-lhe, o somno,
 as estrellas da gloria o illuminam

Cahio, e sua quéda foi triumpho !
 Morreo, e sua morte foi aurora !
 Tambem descamba o sol grande, inflammado,
 sobre os coxins purpureos do occidente.
 Tambem dos Andes 'nos giganteos flancos
 desvaira-se o condôr entre os fraguados.
 Tambem dos altos pinceros do L bano
 descamba o cedro que fulmina o raio
 sobre os estrados das geladas rosas.

Dorme, illustre ancião, á luz dos seculos !
 As estrellas do ceo velam teu somno,
 as estrellas da gloria o illuminam.

Dorme, que foi-te a vida um pesadelo,
 um pesadelo de visões de genio !
 Dorme, que foi-te a vida uma tormenta,
 uma tormenta d'alma que se abreva
 do fel de aspirações sempre trahidas,
 aspirações indomitas, oceanicas,
 como a sciencia, o amor, a liberdade !

E negaram-te alli, pobre grande homem,
 onde os grilhões da morte inda congregam
 os que uniram 'na vida os doces liames
 da patria e da justiça, um triste asylo !
 E em nome do Christo te o negaram !
 Tu—em nome do Christo—lhes perdôa !

E a ti que bem te fôra esse obulo exiguo
 de piedade vã ! Esses ministros
 que os santuarios pollutos galvanisam
 'na lareira da fé soprando embalde,
 accaso ac pé de ti transportariam
 o poste denegrado, ensanguentado,
 onde teu pai estorceo-se em lance heroico,
 —martyr da grande fé da liberdade ?

Ah! Christo! Christo! fosses tu descido
entre os homens agora, á luz immensa
deste sec'lo que tanto te proclamma,
tu mesmo, oh deus de amor e liberdade,
nem ter as a purpura mesquinha
que enganou-te a nudez... Novos algozes
cuspir-te-hiam talvez na face morta,
rojada ao poviléo no chão das ruas!

Dorme, illustre ancião e lhes perdôa!
As estrellas do céo velam teu somno,
as estrellas da gloria o illuminam.

Vós que num ang'lo da funerea quadra
vêdes ahi da lua a frouxa lampada,
através da pendida casuarina
a magestade do êrmo dominando
—muda—o verbo dos céos—a cruz humilde,
o signo divinal do genio martyr,
curvai-vos e passai!

O pó revoltó

dessa tumba modesta ahi resguarda
urna pejada de scentelhas d'astros!

Ao pé d'elle rastejam reis da terra.
Subio tão alto quanto sobe o apóstolo
que em mãos tem da verdade o grande labaro!
Sua purpura? —o pallio da sciencia!
Seu verbo grandioso? —a liberdade!
Curvai-vos e passai!

Seu nome agora

Ide seguil-o do equador ao tropico,
deste oceano ao outro perguntai-o,
pedi-o á historia! e aos filhos de Bolivar,
—qual foi seu nome? —o general das massas!

Passai como o silencio ante esse morto !
As estrellas do céo velam-lhe o somno,
as estrellas da gloria o illuminam !

Porto Calvo, 1869.



VII

O Gaucho e o Dictador

Os Andes movem as senis espadoas,
as aguias tremem no Jordão da luz !
Livida roja a legião das larvas,
que ao golpho negro o Dictador conduz . . .

Quando dos povos é soada a hora,
os astros quebram o eternal grillhão ;
e ao som plangente das tiorbas roucas
vam vasquejar de Jcsaphat 'no chão !

Então da cripta infernal dos Orbes
abrem-se as fauces que não dizem : basta !
E o guante negro do sinistro archanjo
sec'los e povos na mudez arrasta .

Quem vai agora 'no estradar pujante
que os mil pampeiros encadeia e passa ?
Os Andes movem as senis espadoas,
as aguias tremem da fatal desgraça !

A valla immensa dos heróes dos pampas
das cordilheiras ao sopé se abriu
Mas o estaudarte dos titans da America
até o zimberio do equador subio !

E' grande, é bello, de Humaytã nas lanças
rasga se o ponche do Gaucho ousado,

quebra-se a espada... E o general surri-se !
—No Capitolio elle entrará soldado !

E em baixo roja a legião das larvas
que ao golpho negro o Dictador conduz...
Os Andes movem as senis espadoas,
o sol derrama avermelhada luz !

Bravia Esparta ! escarnecel-a...nunca !
que ella estribucha sobre um chão que é seu !
Cesar é grande, porque inclina a fronte
ante o sarcophago onde está Pompeo !

Destes guerreiros sobre as fronteas rubras
raios, pampeiros, fuzilai, batei !
O echo estruge : o Ditador é forte !
As aguias dizem : o Gaucho é rei !



VIII

Endechas

Quando á tarde divagares
'nas florestas de araquá,
quando o louro camará
beijar-te o branco vestido,
quando na matta escutares
a jurity sonora
soltando triste e queixosa
seu pesaroso gemido,

quando o suberbo alcantil
ao longe todo doirado
e o campo ainda molhado
dos prantos da noite achares,

ou quando, florinhas mil
colhendo 'no teu jardim,
teus cantos de seraphim
'n'harpa de amor entoares ;

escuta dentro em tua alma
uma fibra entristecida,
a segredar-te, querida,
um idyllio de saudade;
lembra-te a voz terna e calma
que em 'lindos labios de flor
cantava de um santo amor
outr'ora 'na soledade.

E quando pequena cruz
se erguer ahí do teu lado,
quando o carneiro cançado
'na fria pedra poisar,
quando uma esquecida luz
levar-me a pallida lua
e outra voz que não a tua,
a Deos por mim supplicar ;

não tremas ! verás nascida
uma florinha roxeada,
por mães dos anjos plantada
sobre o tumulo que me encerra !
Colhe a florzinha sentida
qual triste murchado lyrio :
— ella é a flor do martyrio
que me deste sobre a terra.

IX
Oriental

Tua canção longa e rouca
ai ! 'no teu peito suffoca,
homem do mar ;
sob a noite embalsamada
os sonhos de minha amada
quero velar .

A nevoa vibra tardia
notas de aêrea algemia
'neste anafil,
quaes nunca souberam mãos
dos mil escravos christãos
do Boabdil .

O róscio das primaveras
enche as languidas antheras
do resedá ;
assim o'esp'rança e ventura
eu sinto a fragrancia pura
'no amor de Isnah !

A noite aos celestes lumes
sobre ella novos perfumes
vai derramar .

No dorso mobil das vagas
escuta o gemer das plagas,
homom do mar .

De aroma e beijos ufana
ebria se atira a sultana
'no seu divan ;
sonha co'a pela de Ophir
que ao turbante de um visir
luzio 'no Iran .

Mas ella—ai! só os trasflores
da innocencia são as cores
do seu sonhar!

Tua canção longa e rouca
afflige a minha alma louca,
homem do mar.

Sorprende, guarda p'ra ti
de alguma errante peri
doce canção:
mas cobre a nuvem macia
deixa dormir da utopia
meu coração.

Quem me dera ir 'na vertigem
ao pé do leito da virgem
ficar de joelhos!
meu canto a sobresaltára,
e uma lagrima molhara
seus olhos bellos!

Oh minha estrella dilecta
que te miras do propheta
'nos céos azues,
de meus sonhos sobre a poeira
eu vejo descer a esteira
de tua luz.

Na terrá uma houri proscripta
lança o veneno e a desdita
'no meu viver..

Là onde os mundos a mil
se libram, meu anaül,
irás gemer.

Sob a aza fria da estrella
os snhos da virgem bella
irei velar.

Tua canção loa e roucnga
assenta à minha alma louca,
homem do mar.

1866



X

Theresinha

Costava de ver-te
passar, Theresinha,
co'a saia curtinha
'no peito do pé ;
'no meio das outras
co'as fallas garridas,
co'as transas cahidas,
com teu cache-nez.

Na curva indecisa
do seio em projecto,
'no doce inquieto
do porte infantil,
tu eras um mixto
de sonhos de fada,
de luz increada,
de rosas de abril.

Os mais se apraziam
'nos coques e fitas
das moças bonitas,
'na missa da Sé ;
mas eu só buscava
te ver, faceirinha,
co'a saia curtinha
'no peito do pé.

E os meus curiosos :
 —a tal namorada
 do nosso pancada,
 diziam, quem é ?
 Mas não te encontravam
 como eu 'nas sortidas,
 co'as transas cahidas,
 com teu cache-nez.

E eu—pobre poeta—
 da tua innocencia
 misturo a olencia
 dos sonhos na mol...
 Que tem ? a rolinha
 cahe 'na aza do abutre ;
 mas a aguia se nutre
 dos raios do sol.

Tambem não mais trazes,
 ja sei, Theresinha,
 nem sôlta a transinha,
 nem flor no bonet.
 Já estás na mania
 dos coques e fitas
 bem como as bonitas
 da missa da Sé !

1868.



XI

Jovita

Eu te vi radiante e faceira
 entre a turba de teus trovadores ;
 á teus pés atiravam-te flores,
 mais os loiros benjoints de Sabá ;

tu—rainha de um dia—trazias
'no diadema que á fronte poisou-te
as estrelas que miram-se à noite
'nas lagoas do teo Ceará.

T'odo o povo corria adiante
da gentil *voluntaria da morte*,
que deixava seus campos do norte
pelos rudes pampeiros do sul ;
tambem eu dei-te lyrios e rosas
a mirar tua face morena,
mais dos seios a curva pequena
sob as dobras da tunica azul.

Tu trazias 'no olhar a altiveza
de quem visa 'no céu seu fadario,
pobre martyr tão junto ao Calvario
abraçada co'a cruz da nação !
Liberdade e amor—foi teu sonho,
liberdade e amor—tua sina :
tu, ficaste, Jovita, heroína,
tu sagraste essa douda paixão !

Mil corôas seguiam teus passos,
tu 'no pó do caminho as deixaste,
pelas sedas a blusa trocaste
tu descida do teu pedestal.
Mas por sob esse manto de opprobrio
para o espaço teus olhos se erguiam !...
Pois teu sangue sorrindo pediam...
tu morreste sorrindo ao punhal !

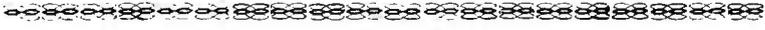
Teu pequeno perfil de amazona
resvalou pelas mãos do coveiro,
como a sombra do sonho primeiro
de tua alma 'na extincta illusão !
Mas, si os filhos do norte voltarem
levantando seus cantos de gloria

os trophéos da esforçada victoria
entre os goiyos aqui deixarão!

Dorme á luz das estrellas do tropico
o teu somno de olvido e de opprobrios
sob o mesmo sudario que cobre-os
os proscriptos que foram teus paes!
Virá o raio suster-se 'na nevoa,
e o pampeiro do ipê sobre as flores,
para ouvir tua lenda de amores,
teu romance de glórias fataes.

1868





XVI

Pedro Ribeiro Moreira







I

Recuerdos

Hontem á noite, deslumbrante, ativa,
Como sultana que abandona o véo,
Por sobre alfombras de macias nuvens
Cortava a lua a vastidão do céo.

Alva, nitente no docel agosto
Qual meiga diva a derramar fulgores,
A louca amante prateava os mares
E enchia rindo o coração de amores.

Como era doce o murmurar do vento !
Nos ares placidos se esfolhava um canto,
E ao pezo enorme do arquejante seio
Dormia a terra no lethargo santo.

Longe—as espumas flutuavam lucidas...
Mais longe—o bosque se estrellava em flores,
Emquanto os labios segredavam tremulos
Furos idyllos de febris amores.

Sob as acácias dos jardins silentes
Voavam quentes sensuaes desejos,
E as claras ondas do luar tocavam
Bocas mimosas estalando beijos.

E os astros bellos invejavam timidos
Por entre a gaze do infinito azul,
Os resplendores das pupillas negras
Das lindas filhas do paiz do sul !

Ah ! quando a vida universal dourava
Do mundo inerte as formações sombrias,
E o bando humilde das ondinas pallidas
Se illuminava sobre as agoas frias;

E a flor, o insecto, a solidão, os mares,
Diziam hymnos d'um concerto immenso,
Vozes que vibram nos espaços fulgidos,
Alem... alem do nevoeiro denso:

Pensava em ti... em teu amor querida...
Erás meu idolo. Me esqueci de Deos,
E o teu olhar adelgaçava as trevas
Da longa noite dos supplicios meos.

Amo-te muito ! a inspiração, o genio,
Fez de minh'alma a projecção da tua..
Tu és a aurora, eu—a vaga altiva
Onde ella sempre vem mirar-se nua !

Se tu quizessees... por te amar iria,
Colombo ousado de encantado mundo,
Formosas perolas de fulgente brilho
No mar da gloria procurar ao fundo !

Vem ser a luz, a castidade ingenua
Do lar deserto do proscripto hebreo...
Trazei-lhe os lirios da manhã purissima
E as nobres creanças que o infeliz perdeo !

Os teus suspiros a tremer recolho,
Nem um fulgor do teu olhar rejeito..
Que importa o odio, quando agora e sempre,
A onda cresce a estremecer no peito ?

Como o escravo oriental velando
Da huri mimosa o rescendente banho,
Acolhe e espera como premio—um riso
Frio, insensivel, desdenhoso, estranho!

Se me desprezas, mais te adoro e amo;
Teos odios pedem q'eu te queira mais..
E meo amor como o oceano immenso..
Fabrica mundos com os mais vis crystaes!

Mulher! eu quero como abelha ávida
Sugar-te o mel do coração em flor,
E no Jordão de teos carinhos meigos
Fartar a sede desse grande amor!

Olha, eu te juro... quando a lua pallida
Voltar de novo á vastidão infinda,
Estas algemas que me prendem tanto
Mais firme e crente beijarei ainda.



II

A' Sesta

É maio dia... nas selvas
Nenhum ruido palpita.
Arde a fornalha do mundo,
Parece a vida proscripta;
E incandescente, fecundo,
— Qual flammejante trophéo—
O sol em pino se entranha
Na profundeza do céu.

Nenhuma nuvem recorta
A nitidez das alturas...
E das escarpas dos montes
As inundadas planuras,
Desde as barrancas agrestes
As regiões mais austraes,
Abatem-se os pezadelos.
Dos ardores tropicaes.

Longe, aos reflexos metallicos
Que scintillam sobre o rio,
As capivaras mergulham
Das águas no leito frio;
E a multidão dos amphibios
Nos juncos a farfalhar,
Estatelados engolem
As labaredas do ar.

Ao ver-se a immensa floresta
Cerrada na copa escura
Sem bulicio nas ramagens,
Sem rumores na espessura;
E a immensidade dos seres
Estagnados na dor,
Sem uma prece nos labios,
Sem uma supplica de amor;

Dir-se-hia a terra abrazada
Na calmaria profunda,
Um brigue desavorado
Que solitario se afunda,
Quando a voragem do incendio
Estrepitando...a voar,
Tece um sudario de chammas
Aos mortos—que vão ao mar.

Nem mesmo desce serena
A correntesa do rio,
A branca vela latina
Da canôa do gentio...
As fogueiras já extinctas
Nas tolderias além,
Contam que as tribus selvagens
Dormem no Chaco tambem.

Somente nas altas margens
Das aguas silenciosas,
Onde as garças uma ás outras

Se conchegaram medrosas,
Como um demonio sedento
Que se vae a despenhar,
Meio assombrado... espreitando
Estaca o negro jaguar.

Vibrante sopra o deserto,
—Como estridulos ornejos—
Quentes lufadas, anhélos
De intermitentes bocejos...
A natureza prostrada
De cansaço e de torpor,
Lembra a attitude arquejante
De exhausto gladiador.

Ha tanta luz ondulando
Nas vagas do firmamento,
E é tão ferina a tristeza
Desse penoso momento,
Que as ondas febris do sangue
Ao coração vão levar
Sombrias fezes repletas
De nostalgia e pezar.

Tudo se enerva... e a luxuria
Dos nervos fluindo accesa
Fermenta como o delirio,
Se impunha como a surpresa...
Quebram-se os musc'los... e os laços
Dos instictos mais brutacs.
Se enroscam no pensamento
Como medonhos crotaes.

Então... è quasi impossivel
Quebrar a lamina bruta
Desse punhal que nos fere
Nos paroxismo da lucta ?.
Qual avalanche terrivel,

Pulverizada no ar,
As idéas que nos chegam
Não podem chrystalizar.

E assim como as caravanas
Angustiadas, perdidas,
Buscam das verdes palmeiras
As sombras humedecidas,
Dorme-se... e o somno da sésta
Suave, restaurador,
E' como um tepido banho
De aromatico vapor !.

Depois... a tarde estremece
Nas veigas embalsamadas,
Como o colo enternecido
Das virgens enamoradas ;
E a brisa arranca da alvura
Das laranjeiras em flor,
Suspiros cantos, anceios
De poesia e de amor.

Mais tarde, longe... na olar
Do horisonte inceudido,
Rola o sol ensanguentado
—Immenso condor ferido !...
E o rio, a gruta, as cascatas,
Vibrando a sterna canção,
Prorompem nos murmurios
De uma supplice oração.

Formosa e pallida tarde
Que tanto adora o poeta !
Meiga odalisca fugida
Dos serralhos do proq' heta...
Americana purissima
Que a Italia,—terra da luz,
luveja quando o Vesuvio
Illumina os ceos azues :

Quando dos seios derramas,
Sobre a relva das alfombras,
Constellações de mil flores
Protegidas pelas sombras ;
Como as brumas da tormenta
Que o sól fulmina ao passar,
Se dissipam por encanto
—Maguas que iam chorar.

E' meio dia... esperemos
Amigo, que a tarde erguida
Esfolhe bellas grinaldas
Pelo calvario da vida...
O calmo somno da sésta
Sadio, restaurador,
Consola como o perfume
Das magnolias do amor .



XVII

Justiniano de Mello e Silva





Corre!

Da noite no sepulchro achaste flores,
Per'la de amor no pranto das auroras.
E reclinada n'um leito de venturas
Tu sonhaste com Deus bem longas horas.

Correste... nuvem rosea do horizonte
Veio na fronte leda te beijar..
E sempre a virgindade—loiro sonho—
Nas gases de tua alma a doudeijar!

Sorriste.. os lumes todos se extinguiram,
Sorriste.. os astros todos palpitarão!
Entre as nevoas da terra errantes sombras
Nos bafos de teus labios se ebriaram.

Nos hombros as madeixas flutuavam...
Nos seios, a inconstancia das esferas..
A ternura das auras não faltava,
Era a festa gentil das primaveras.

Quizeram que fallasses. melodias
Dos ceus, do mundo vieram-te ameigar...
O mundo deu-te o riso da esperanza,
O ceu deu-te os mysterios do luar.

Corre... que es anjos todos te proeurem...
Nas alfombras do céu não vás sonhar!
Nas dhalias d'este templo ha resplendores,
Podes... vem no meu peito resomnar.

Nas praias deste amor as conchas d'ouro
 N'um dia azul, mimoso encontrarás ;
 Da innocencia a flor se abrindo tremula,
 Seus perfumes singelos sentirás.

Corre. A onda é mansa, a terra muda,
 Alli na Ygara leste é remador..
 Os descantes da noite se finaram,
 Bebem da brisa os mares o frescor.

N'essa carreira louca da existencia
 Não vás as crenças d'alma assim perder...
 — ~~Com~~nambula na volupia desviada,
 — Mariposa na chamma a fenecer.

Oh ! pára ! tantas almas te contemplam,
 Tanta lava guardada a se aquecer..
 Abre teu peito ás vagas do infinito,
 Vem n'este vacuo immenso te conter.



II

Nuvens e luzes

Se eu pudesse ser a nuvem que perpassa,
 A innocente rival das rosas brancas,—
 Essa nuvem, molhada de langores,
 Vaporosa, amante, socegada,—
 A nuvem que te vira desgrenhada,
 Pallida e bella no cahir da tarde,
 Por phantasmas de amor arrebatada,
 Placida a bojar nas ondas frias !

—Ondina tu foste ; das praias te viram
 Qual flor desbotada nos seios do mar !
 As ramas dos mangues, as plantas agrestes,
 Os lotus, as conchas quizeram-te amor.

O incendio do occidente é grande, bello !
 Ebrio resvalando em grutas aureas...
 Ebrio, nú, perdido e deslumbrado
 No banquete do céo só vendo luzes !
 Ebrio—iroso, blasphemo, vacillante,
 Tendo ainda nas mãos o copo cheio,
 Cheio de loucuras, sonhos, hymnos.
 Ebrio—sublime, delirante, doido,
 A solidão do templo envolto em trevas ;
 As naves regeladas, mudas, quedas,
 Do lampadario a chamma amortecida;
 O lacerar dos vermes nos equifes,
 O crucitar das aves agoureiras,
 O silencio terrivel dos desertos:
 A dor, o coração vasando maguas.

— — —
 Ondina tu foste, das praias te viram,
 Qual flor desbotada nos seios do mar...
 As ramas dos mangues, as plantas agrestes,
 Os lotus, as conchas quizeram-te amar.

E a nuvem passou : visagem tremula,
 Sonho encantado no solar do somno...
 Mas a onda do rio murmurante
 Rosa de queixas atirou na margem.
 E a nuvem já passou : os labios pallidos
 Do luar melancolico dos ermos
 Humedecidos ficam de volupia.
 E a noite terna, vaga dolorida,
 Da systole da vida nota sôlta,
 Nota sôlta morria nos espaços !

Ondina volveste, das praias te viram,
 Qual flôr desbotada nos seios do mar...
 As ramas dos mangues, as plantas agrestes,
 Os lotus, as conchas quizeram-te amar.

A noite, a noiva fria, inanimada,
 Sem ternura, sem amor, sem mocidade,
 A beira do sepulchro, qual defunta
 Pranteada dos goivos e salgueiros..
 Mulher acordada um dia extatica
 Nos braços de consorte ardente e bello...
 Oh ! conchegados morreriam ambos,
 —Dia e noite—á luz da tempestade !

° Mas ella quiz a sombria do mosteiro,
 A solidão de templo envolto em trevas ;
 As naves regeladas, mudas, quedas,
 Do lampadario a chamma amortecidas ;
 O latejar dos vermes nos esquifes,
 O crucitar das zves agoureiras,
 O silencio terrivel dos desertos ;
 A dor, o coração vasando magoas.
 Noite ! és companheira do infortunio,
 Levas n'aza o negror do cemiterio !

Ondina volveste, das praias te viram,
 Qual flor desbotada nos seios do mar..
 As ramas dos mangues, as plantas agrestes,
 Os lotus, as conchas quizeram-te amar.

E assim passaste as horas descuidada !
 Não moveu-te o quadro do occidente,
 Nem acordou-te a friorez da noite !
 E as luzes da manhã—brilhantes pat'las—
 D'essa rosa de Deus eterna e pura
 Novo engaste acharam nos teus labios !
 Incenscrio augusto das espheras,
 Balançado nas mãos da immensidade...
 Se queres mais perfumes—desce, desce,
 Rasteja nos cabellos pretos d'ella :

Acorda-te—, Ondina—, das praias te viram,
 Qual flor desbotada nos seios do mar...
 As ramas dos mangues, as plantas agrestes,
 Os lotus, as conchas quizeram-te amar.



XVIII

Sylvio Roméro







I

Jo-ê de Anchieta

Cençado do repouso, a America offegante,
Com seu olnar profundo e languido seismar,
Um dia, despertando aos tepidos bafejos,
Deu seu collo moreno aos homens de alem-mar.

Deu seus labios de fogo aos bravos navegantes.
Sedentos de emoções, de luctas e de amor,
Que, achando pouco o mar e a patria, cá tiveram
Nas fronteas mais suor, nos peitos mais ardor

E na macia trança, impávida a cabocla,
Que, a cutis setinosa ás flores imitou,
Prendendo de uma vez os nobres luctadores,
De uma alma de amazona a fé lhes confiou.

De uns sonhos de amazona o mel de offluvios tantos,
Colhidos no fervor da força e da paixão,
Foi como um filtro mago em corações de deuses,
Como um beijo da brisa em juba de leão !

A vida estúa aqui Nos leques das palmeiras
Pensamento do céu se move impresso em luz ;
São raios deste sol eterno que nos ama,
São mimos que este ar brilhante aqui produz.

Exhala a natureza em tudo um devaneio,
Sua alma inda mais fulge ao toque do luar ;
E o bello navegante, envolto na magia,
Captivo, se esqueceu das terras de alem-mar.

E rompe desde ahí a justa do futuro,
 No solo do tupy começa a alvorecer;
 Os peitos dos heróis são como os dos amantes,
 Que vingam sua noiva após longo soffrer...

Oh! que bello o aspecto em tardes murmurosas
 Da malta bafejada ás virações do sul!
 E quanto alenta a vida o sopro das campinas,
 Que bella a solidão do nosso ceo azul!

Aqui neste paiz, onde os brilhantes rolam
 Entre as flores do chão, brinquedos infantis,
 Que um poder arrogante atira pela relva,
 Quando a tarde soluça e doura os alcantis,

Aqui tudo rendeu-se aos magicos encantos,
 A' riqueza, ao porvir que a terra prometteu;
 Só Anchieta então o pallido propheta,
 Se lembrava de Deus, luc'ava pelo céu!



II

O Eldorado

Corre, corre o aventureiro,
 Buscando riqueza e ouro...
 «Vamos atraz do thezouro
 Que o Novo-Mundo contem !...»
 Bradam alegres, ruidosos,
 Os desherdados da Europa...
 De que cobiça se ensopa
 Seu olhar !... Como elles vem!

Arvores de prata e brilhantes
 Por toda parte os convidam;
 Que delirio !. Não duvidam
 Um reino de seu cantar

Onde tudo são riquezas,
 Onde d'ouro são areias,
 As cidades d'ouro cheias,
 São d'ouro as ondas do mar!..

Deixemol-o em paz. Essa miragem;
 Que a savana mostrou-lhes radiante,
 Era o futuro da America virente
 Apontado nos seculos ávante...

O *Eldorado* da America são flores
 Que o deserto produz alli cheirosas ;
 O *Eldorado* são palmas que nos tocam
 Pela nossa alma...tremulas, sedosas...

Sonhos que as noites puras nos ensinam,
 Cantos que as alvoradas cá desfiam :
 O *Eldorado* são todos os sussurres,
 Os languores, os mimos que nos criam ;

São todos os arroubos, os avanços
 Que ousados nos arrojam p'ra diante ;
 Os applausos do sol que nos atiram
 Na carreira espaçosa e fulgente...



III

A fonte da mocidade

(LENDA AMERICANA)

Ao basto sussurar, que das trapadeiras,
 Na vasta solidão das selvas altaneiras,
 Bem longe, sim, bem longe, onde o deserto altivo,
 Mas o deserto alegre, inebriante e vivo
 Das mattas collossaes d'America vaidosa,

Ostenta-se e murmura os mil caprichos vagos
 Da seiva, que prorompe em vida marulhosa,
 Meu pensamento errante é como sobre os lagos
 As pennas que uma vaga impelle para o chão.

Que pôde essa ave muda ouvir nessa mansão
 De grande e de profundo? A voz dos temporaes,
 O fracassar do vento, o grito dos chacaes;
 Do rio, que enrespado enreda-se nas mattas,
 Mordendo o chão raivoso, o trom das cataractas...
 Ouvir o indefinido, o perpassar das azas
 Dos genios matinaes, que occultam-se nas gazas,
 Do florestal enorme... Asyladora sombra!..
 Alli nada é de mais, e as almas exiladas,
 Fugindo à pequenez dos homens apressadas,
 Lá têm guarida emfim dos cedros no solar...

Corramos para longe, oh! minh'alma, a buscar
 Das moitas o frescor, da natureza a nota
 Forte, alegre, vibrante em canto que denota
 A virgindade em flor que a terra ostenta aos ceos.
 Fugamos para longe! O vento, aos escarceus,
 Proclama a castidade, a força, as alegrias
 D'America risonha!—En côro d'harmonias
 Dos passaros no bando a embriaguez trasborda
 Em meigas saulações ao sol, á vida, á luz.
 Um palpitante solemne, ethereo, a tudo acorda
 Immerso no prazer. Na terra alli transluz
 Intraduzivel, casto—o amor que as rosas sentem,
 Quando, em fogo divino, os labios seus consentem
 Que os genios da campina osculem doidamente,
 Em um delirio immenso, encandecente em quê
 A corolla da flor sorrir toda se vê... —

Foi lá nesse retiro, acastellado em sonhos,
 Que a lenda os favos seus crescer deixou risonhos.
 Foi lá que a velha Europa, errando a phantasia,

Qual bom guerreiro em paz que prelios novos cria,
 Sonhou outro poder maior do que o *Eldorado*.
 Era o prodigio novo assim alli criado,
 A forte juventude em toda a claridade,
 A *Fonte* a borbulhar da eterna *Mocidade*!

O europea dizia: — «Aquelle que se banha
 Nas aguas d'essa fonte, è jovem toda vida;
 Renova-se-lhe a força, o viço se lh'entranha
 Como as gottas do orvalho em flor mal expandida...»

Do genio americano encerras o emblema,
 Legenda triumphal, oh! juvenil poema!



I V

A mancha negra

(A ESCRAVIDÃO)

A natureza ainda aqui sorria virgem!
 Havia pouco então que, em festival vertigem,
 O nosso mar sulcara a frota de Cabral.
 Trazido pelo vento, em doido temporal,
 O velho navegante, escapo ás duras vagas,
 O *Eden* do futuro achara em nossas plagas.

Ainda nesse tempo o vasto céo tranquillo
 As selvas espelhava enormes, colossaes.
 Do mar os turbilhões, dos ventos o sibilo,
 Da catadupa o som, da lympha os ternos ais
 Passavam como o canto inebriante e vivo
 Do genio do Brasil. Ainda em solio divo
 A *Mãe d'agua* morena as tranças penteava,
 Aos cheiros da baunilha; a fonte acompanhava
 As queixas da cabocla, amante que chorosa

Do seu guerreiro ausente as magoas lhe dizia.
A terra os seios nús não tinha pezarosa
Deixado retalhar á clara luz do dia.

E tudo era brilhante. Os troncos seculares,
Beijados pelo vento, agitando os cocares,
Ouviam deslisar, os rios namorados,
Qu'estendiam alem os corpos prateados...

O selvagem valente o arco destendia,
E a setta ia certa ao dorso do tapir ;
A liberdade brusca, indemita, erradia.
Criou azas tambem ; sabia então subir !

Soava pelo espaço o alegre dithyrambo,
Cantado pela flor e as virgens *cor de jambo*,
Cantado pelo azul e pelas ventanias.
O rio, a vastidão, a matta, os descampados,
Sabiam modular as fortes melodias
Em côros festivaes, em hymnos alternados.
De tudo irradiava a vida, as turbulencias
Do virginal sentir ; mirificas essencias
Trescalavam do val aos seios das donzellas.
Em somno de leão dormia o Amazonas,
Esperando Ocellana ; ao sol de nossas zonas,
Guerreiro sem rival, sonhava fortes luctas...
Aos roncões do jaguar, occulto pelas grutas,
Bradava a *pororoca* em seu pavor profundo.

Pois bem ! Neste paiz, aqui no *Novo-Mundo*,
Aqui, onde o que brota e cresce e lucta e aspira,
Alenta o proprio ser do sol na immensa pyra ;
Aqui, onde o viver é fitar as alturas,
Onde não ha baixeza e não se vêem planuras ;
A sordida cobiça, adiantando o braço,
De negro quiz trajar a luz de nosso espaço ;
A perfida avareza, alevantando a mão,
O vulto nós mostrou da vil—*Escravidão* !

V

O desembraque

(LEVA DE ESCRAVO)

Foi longa a travessia?... Mas a terra
 Aparece por fim... a terra pura,
 Que a seiva do povir no seio encerra,
 Que trasborda de risos na verdura!
 Então um paraizo so descerra
 Na grandeza que ajusta-se á ternura;
 A vida vae suave e descuidosa,
 A natureza, altiva e portentosa

Dos navios, que tristes ancoraram,
 Como ladrões... esqualidos bandidos...
 Saltam homens que a patria atraz deixaram;
 Que, aos sorrisos dos ventos em seus ouvidos,
 Estatelados, pavidos ficaram,
 Como se ouvissem só, entre gemidos,
 O chôro de seus país lá nos seus lares
 Que ficaram bem longe... atrás.. nos mares...

E' a turba famelica de escravos
 Que acabam de chegar... Ai! não saudemos,
 Su'alma dolorida, os seus aggravos,
 Todos feitos por nós...
 Para lavar os crimes ignavos
 Que na face dos homens inscrevemos.
 A cada som que dão estas cadeias,
 Alma da historia, quanto te mareias!...

Cambaleando, mortos de fadiga,
 Repellido do mar que os não tragara,
 Onde não de am diachar u a voz amiga,
 Que a dôr acorba em risos lhes trocára!..

Regeitados do ceo que não abriga
 O captivo que o olhar no céu fitara ;
 Rechaçado dos homens que os devoram
 A fome, a peste a morte... eis o que imploram...

Ah ! não, não foi por certo a luz dos fortes
 Testemunha do crime indiferente..
 Foram da noite as tremulas cohortes
 De sombras, que se escoam friamente,
 Que guardaram a presa.. Nos transportes
 Que nos mandas transidos pela mente,
 Oh ! tristeza do sol, inda reçumas
 Reflectida do mar sobre as espumas !..



VI

A Viola

Quanto eu te amava, oh ! rustico instrumento !
 Tu, que as maguas as dôres allivias
 Da sertaneja, em mansas melodias,
 Inda hoje me vens ao pensamento !.

Puro e bom despontava o sentimento,
 Dourando, como doura os dias
 O Sol—nosso conviva... e vertias
 Teus gemidos subtis todos ao vento...

Companheira querida das matutas,
 Confidente fiel de seus desejos,
 De seus sonhos, de amor sercnas luctas,

Como és boa da roça nos festejos,
 Quando as morenas languidas, a stutas
 Anam pela *prima* o som dos beijos !

VII

Casamento Tabaréo

Que forte reboiço ! A villa inteira.
Aprecia algum facto inesperado!...
As moças nas janellas...as matutas,
Aos magotes, na rua em phrazeado!...

E' que um moço da roça se casara
Com a filha de um vaqueiro da *Caruma*
E' num dia de *feira*... A tarde vña,
São horas de partir : —aprompta, *arruma* ?

Lá do lado da *praça* em fim desponta
A grande comitiva do noivado ;
Matutos de jaqueta e calças pardas
Vêm botando os cavallos no *picado*...

Vão pensando no *samba*, que hoje á noite
Sae fogo do *bahiano* aos rodopios!...
Mas no lombo do noivo atoleimado
Vão passando subtis uns calafrios...

E' que elle, embevecido e cabisbaixo,
Entre a gente que o brodio assim agrupa,
Todo fóra de si, a trote largo,
Vai montado com a noiva na *garupa* !...

Tres leguas de caminhos pedregosos.
Altas ladeiras a vencer... tremenda
Fora a viagem, se o pagodé doido
Não aguardasse a todos na *Fazenda*.

O ritual da festa foi cumprido
Em todos os preceitos principaes :
—O *encontro* infallivel lá na estrada,
O choro das madrinhas e dos pais ;

As danças, as cantigas, as saúdes,
 As graçolas, dengosos requebrados,
 A multidão de chistes, de risadas,
 De galhofas, de casos lembrados...

Não faltou a pilheria derradeira,
 A coroa final destas funções :
 —Uma *peça* qualquer pregada aos noivos,
 Engendada por lerdos gaiatões.

D'esta vez um phantasma improvisado,
 Bocca de fogo, envolto em vasta lona,
 Vae de um canto do quarto... amedrontado,
 Pula a correr a noiva em *camisona* !...



A caça aos Cambuis

Era a quadra das tardes mais formosas
 Da zona tropical,
 O bom tempo das festas ruidosas;
 Era o mez de Natal.

A natureza vaidosa e sonhadora
 Em tudo estava a rir;
 O campo era um tapiz; eterna aurora
 Vivia a nos sorrir.

Os passaros mais leves chilreavam
 Plumosos e tafües;
 As moças nas torrentes mergulhavam
 Os lindos corpos nús.

Nessa quadra divina o fructo brota
 Do calice da flor,
 Como protestos em que a terra nota
 Que é nullo o nosso ardor.

Florecem bellas campinas,
São tardes de passear
Eia, vamos, oh! meninas,
Voltaremos com o luar!

As noites são como o dia,
O orvalho gotas de mel:
Voltamos à Ave—Maria;
Muita fructa ha no vergel!...

Como um bando de andorinhas,
As moças correndo vão;
Como formam tão louquinhas
Namoro de arribação!

Ver entre as ramas floridas
Nas vazetas vultos subtis
De donzellas destemidas
Voejando aos cambuis,

São cousas da minha terra,
Encantos dos meus sertões;
A belleza se descerra
Ao choque dos corações..

Vão todos colher as fructas
Que a natureza espalhou,
Como confeitos celestes
Que a madrugada entornou.

As varzeas jazem lastradas
De boninas e jasmims,
As almas ficam juncadas
De sonhos e de festins...

Cada queal intercala com sorrisos
As ovações paganicas. suaves,
De anhelos puros, de paixões serenas,
Num santo chilrear de meigas aves....

Os cambuis recendem bem vermelhos
 Pelas bellas colhidos e guardados,
 Como sonhos de amor bem escondidos,
 Nós *cabeções* alvissimos, rendados....

Mas o que excede a toda maravilha
 De graça ingenua em moça sem receio
 E', pedindo-se-lhe um punhado delles,
 Responder : « Oh ! se quér, tire no seio ! »

Mette se o punho em busca dos fructinhos,
 Colhidos e guardados com ciumes,
 Toca-se a mão nos peitos escondidos
 Que palpitam alli duros !... Implumes,

Rolas selvagens, que se nutrem d'alma,
 Em ninhos engendrados, esquecidos—
 No coração que bate alli bem perto,
 Passaros gemeos no ideal perdidos...

Sim, oh ! seios de moças feiticeiras,
 Suavissimos jambos moreninhos,
 Vós sois a obra de um pincel divino
 Feito de luz e risos e carinhos !...



IX

A Modinha

A festa fervia... Que voltas ligeiras
 Os corpos adestros lá davam subtis !...
 Que risos, que gallas, que formas faceiras
 Das jovens matutas nos lindos perfis !...

Gemia a viola nos seus devaneios,
 No ar se perdiam das cordas os sons...
 Nes olhos quebrados, nos tremulos seios
 Que graças, que sustos que mimos, que tons !...

Na dança em vertigem, as fronte pendidas,
 Aos meigos requebros, volvia se um par ;
 Dos threnos suaves, das notas sentidas
 Nas almas caia sereno orvalhar...

E os olhos fallavam de gosos celestes—
 Brotados nos seios dos sonhos em flor:—
 Cochichos, carinhos... ruidos do vestes...
 Mas lá do recato sentia-se o olor.

Que doces sonidos de passos senoros,
 Que bellas miragens revolve-se então !.
 Aos bons *desafios* dos peitos canoros,
 A dança redobra no seu turbilhão...

Recresce o *bahtano* ; nos seus refervidos,
 Em taes rodopios um céu se desfaz...
 Um céu de desejos, de sons, de gemidos,
 De sonhos, de scismas nos traz...

Cançadas as notas, estanque a loquêla,
 Deixadas as danças, o par se assentou :
 «Agora a *modinha* ...» «Sim, vamos a ella...»
 «Quem canta, que chegue!...» «Se querem eu vou!»

Disse um da festa : e, pondo os dedos trepidos
 No violão, que geme ao seu ardor,
 Dá começo, ao depois que lido o empalma
 « A's bellas por quem minh'alma
 Empallidece de amor?... »

E cresce o canto alegre, suavissimo
 Como puras manhans todas em flôr...
 O ruido do mundo lá se acalma
 « Nas bellas pos quem minh'alma
 Empallidece de amor?... »

E das notas que vibra alli dulcissimas
 Sonora a voz do lucido cantor,

Do bello e da saudade cabe a palma
 «As bellas por quem minh'alma
 «Empallidece de amor !...»

São sonhos palpitantes, amenissimos
 Que ao peito nos immergem o seu candor ;
 Transparece do céu a vida calma
 «Nas bellas por quem minh'alma
 «Empallidece de amor...



X

No Ribeiro

Que tarde calmosa !... Voemos ás fontes ;
 Nossa alma languesce, nos cresta o calor ;
 Nas veias mais paras que descem dos montes
 Gozemos das aguas o doce frescor.

E vôa o cardume de fortes gazellas,
 De moças bonitas, travessas, pagans—
 Em busca das aguas... Correndo com ellas
 Vai grande bagagem de falas louçans...

De falas, de risos, de aladas meiguices.
 Que ás virgens desbrocham voando no ar ;
 De brancos queixumes, de gratas tolices,
 De santos palpites, de alegre sonhar...

Mergulham nas aguas os corpos nevados
 As brancas, as louras, que aqui bem as tem...
 Das virgens morenas os seios pulados,
 Os pés pequininos se mostram tambem.

Mais cresce o ruido ; nas aguas das fontes,
 Por sob as ramagens dos meus buritys,
 Scintillam as carnes, refulgem as fronte...
 Dissera um cantinho de céu das Huris !

Mas ides depressa, cançadas imagens,
Da velha poesia que a Arabia sonhou,
Eu digo que a vida melhores aragens,
Melhores bellezas por cá nos legou—

Não sei o que é mais suave
Alli, se os corpinhos nós,
Ou se as almas descuidosas,
Nos olhos surgindo á flux...

A vista *embebida*, a custo
Deixa sentir emoções,
Que o ouvido, a largos tragos,
Recolhe dos corações ;

Que abertos alli resfolgam,
Contando os carinhos seus,
Julgando estarem sosinhos
Com a solidão e com Deus...

E vão saindo das aguas,
Cantarolando gentis
Os versinhos deleitosos
Das canções do meu paiz ;

« Esta manhã choveu ouro,
O diamante orvalhou ;
Mas veio o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.—»

E vão saindo molhadas
As gotas rolam no chão,
Como idéas orvalhadas
Que jorram do coração...

Voava morna a tarde: em languidos trinados
 As aves suspirando, o sol fugia alem.
 Vendo-as sair do rio, os corpos aljofrados,
 Frescos como um sorriso, e fresca a alma tambem.

Quem sabe se na moita algum rapaz travesso
 Não estava escondido, e ás vira se banhar...
 Eu não respondo a isto; a doida mocidade
 Se attrahirá por força, emquanto elle durar..



XI

As ferias do Natal

O tempo amado das ferias !...
 Os escolares garbosos
 Dão, nos trajos mais vistosos
 Ponto final ás lições.
 Levam palmas, flores, risos,
 As *bandeiras* dos partidos,
 Pelos combates havidos,
 Ennastram bellos festões.

O povo recorda ufano
 Seus festejos seculares,
 E volta ditoso aos lares
 Dos *marujos* o folgar.
 O povo é nobre e profundo
 Esquecendo a magoa, os prantos
 Nas doçuras, nos encantos
 Das rimas de seu cantar.

Tudo é festa: a villa inteira
 Extravasa em alegrias;
 As auras são mais macias
 Nas devezas e no val: —

A natureza fluctua
Num desperdício de sonhos,
Os campos são mais risonhos
Nos bons dias de Natal.

Geme a viola sentida,
Bahiano reina altivo :
Das bella o olhar mais vivo
Nos vara no coração.
Da morena o requebrado,
Da cantiga o som mavioso
Morre suave, mimoso
Nas auras da solidão.

As noites são companheiras
Que emprestam os seus luzeiros,
O cheiro dos jasmineiros,
Seu silencio, seu luar. .
As moças trazem á festa
Seus sorrisos dulçurosos
Os seus cantares saudosos,
Os brilhos do seu olhar.

As almas têm mais perfumes,
Os segredos mais candura ,
A vida sorri mais pura,
A rosa é mais virginal :
A natureza fluctua
Num desperdício de sonhos ;
Os campos são mais risonhos
Nos bons dias do Natal. . .

XII

Amores infantis

Entre os mimos que a vida desfolha
Da ventura que á lucta descae,
Ha suspiros saudosos que ficam
D'um perfume que nunca se esvae.

Como um resto de ceo desnuclado
Em que o riso perenne fluctúa,
Fica n'alma um recanto estrellado
Que a innocencia infantil perpetúa.

São os sonhos mimosos abertos
Como se abrem nos campos as flores,
Com os mesmos orvalhos celestes
Que enthesouram na rosa os olors.

Lá bem longe no seio profundo
De lembranças já meio apagadas,
Ha scintelhas que brilham constantes
Entre as cinzas no peito guardadas.

Muitas vezes é a luz d'alguns olhos
Que num dia dictoso se viu,
Que deixaram-nos n'alma um reflexo
Que ao depois nunca mais se extinguiu.

Mais em troca do brilho que fica
Vae-se um pouco de scismas voando
Em procura do céo... d'esses olhos...
Da ventura... que foge... até quando?..

Até quando?!.. Até nunca. Esta vida
Uma infancia, uma só dá p'ra flor;
Não repete a pureza das almas,
Não repete a pureza do amor...

XIII

A Camões

(NO DIA DO CENTENARIO)

Que é que elle amou? O mar, a patria, a gloria :
As expansões da vida e do futuro !
Dentro do peito o coração lhe arfava
Aos toques d'esses amor suave e puro..

O mar lhe deu a vastidão enorme
Em que na monte o Adamastor formou-se ;
A patria o retenir de acções heroicas
Em que o seu verso bronzeo emmoldurou-se.

A gloria lá no ceo das utopias
Gravou-lhe o nome fulgido, offuscante,
Como nm aviso ao caminhar dos homens
Em bnscã do porvir incerto, errante...

Com as azas traçara a vasta curva
Que o povo seu ousado inda de screve;
Por isso ainda agora a alma da patria
Com *seu nome* no mundo é que se inscreve !...



XIV

A' America

E' ella a terra das hymnos
Elucfuantes, das canções
Soltas n'aura aos sons divinos,
Dos céos nas ondulações !..
Em sonhos a humanidade,
Sedenta de liberdade,
Ausente um dia a sentiu,

E, abrindo as vélas ao vento
O seu nobre pensamento
Mais brilhante refulgiu,—

Como assustada, desperta,
A virgem barbara ficou ;
Curvos os arcos, á lerta
A grei cabocla estacou.
Novos convivos se mostram ;
Por ella as settas arrostram,
Aos beijos ella cedeu...
Como um amante trahido,
O selvagem compungido
Nas solidões se perdeu l...

Depois, altiva matrona,
Revê-se nos heróes seus ;
Escuta como resona
O vulto immenso dos céos.
Tem a fé da natureza,
Adora a santa belleza,
Não chora e sabe esperar ;
Do seu peito no sacrario
Abriga-se o sanctuario
De quantos podem amar.

Contra o gladio dos monarchas
Mandoa jorrar seus volcões,
Esses velhos patriarchas,
Cançados das solidões,
Tomam as iras das mattas
Dos rochedos, das cascatas,
Protestam com sua luz ;
E a alma logo se levanta
E ás idéas mais encanta
Rubro espiral que reluz !

Quando as fontes escurecem
As sombras da cerração,
Quando os peitos esmorecem
Lá na ousada legião
Larga o condor ás estrellas,
Os fortes correm a vél-as
No manto do ceo azul;
Toma a nota da alegria
Dos labjos da ventania
No seu pampeiro do sul!

Sobre os Andes levantada,
Gosta sempre de subir;
Ver-se de nevoas coroadas,
E Deus mais perto sentir;
Mais junto da immensidade,
A tira da soledade
O brado de Bolivar,
Longe o futuro estremece;
Como tocado, parece —
Por sobre as glorias boiar. . . —

Um dia lhe cresceu a alma,
Washington d'ella sahio,
Mostrando na fronte calma
Sancta a mão que na esculpiu.
Fôra então que o grande vulto,
Transformando no tumulto
Os pygmêus em heróes,
Talhara a sua bandeira,
Que nas dobras sobranceira,
Como um cèu, prendêra os sòes.

Accende a tocha dos bravos,
O captivo vae-se erguer! —
Todos os peitos escravos
Têm seu sancto alvorecer!
De John Brown a cabeça,

Como um astro que a esclareça,
 Na sua vida luziu...
 Fôra a sortida brilhante
 De um genio que para avante
 O Novo-Mundo—impelliu !...—



XV

Colombo

Dizem que a alma é um sonho ! Oh ! não ! não creio ;
 Que avejo ao sopro das paixões librar-se

Mas serena e capaz

Da, resistindo das paixões do norte,
 Em busca da grandeza embriagar-se,
 E dormir em paz...

Dizem que a alma é um sonho... Oh ! não ! não creio;
 Que ella sorri da sorte às tempestades

E enflora-se de amor,

Quando, crestalos os verges da vida,
 Do peito humano enchendo as soledades,
 Irradia-se em flor !...

A alma é a bussola ; o futuro os mares ;

A idéa é a coragem que nos guja...

Combatentes, a pé !

Os que podemos afirmar que as ondas
 Nos batem, mas recuam, affirmemol-o
 De Colombo na fé.

Se um dia a terra estreita foi p'ra o nauta ;

Se in urgido, arrojado, o pensamento

Todo o mundo correu,

Outro sol aclarou-lhe a profundeza.

Inda mais estendeu-se fulgurante

De sua mente o céu.

XVI

Jesus

Passava a aguia, que aos futuros vòs,
Levando n'aza a vastidão das queixas
Do homem captivo,—que já muitos seculos,
Curvados e decrepitos, dormiam
Nas jazidas da morte... Disse a aguia,
Ao vêr de longe um vulto de propheta,
Que tinha a côr do sol na fronte loura :

«Genio, que fazes, meditando á margem
Do lago ameno, solitario e triste?»

—«Vejo Michêas, que me aponta os astros ;
Quero colhê-los para dar aos pobres.—»

Passava o vento que o oceano austero
Manda ás mattas, que choram pensativas,
Para enchê-las de dôr... Dissêra o vento,
Vendo um joven, fitando os horisontes,
Que tinha estupefacto o céu nos olhos :

«Genio, que scismas na colina verde,
A sós com a noite, que te diz a sombra?»

—«Eu vejo Satanaz;—me mostra o mundo,
Quero vencê-lo para da-lo á morte.—»

E foi assim... Gennesareth o sabe.

Quando, ao sol pôsto, via céu dourado,
Sua alma, intumescida de esplendôres,
Lançava do futuro a gloria, os raios
Sobre as frontes curvadas.

Grande, ameno,
 Seu coração dos lyrios perfumosos
 Tirava o amor p'ra dá-lo a Magdalena.
 Quando as vagas revoltas se entreabriam,
 Abysmo escuro, tragal-o, só elle
 Sabia as amainar! Assim mais crença,
 Mais santa abnegação enchia os peitos!

Era justo, sublime, — era ineffavel
 Mostrava a candidez da estrella d'alva,
 Pensamento profundo como os mares
 Eternos, impassiveis, que meditam!

Seu nome? — «Elle era um Deus!» exclama Pathmos
 Abrindo do Vidente o Apocalypse...
 — «Elle era a humanidade sublimada!» —
 Diz dos seculos a voz embevecida;
 De lucto brada o Golgotha: — Eu confirmo. — »



XV: I

Psyché

Aqui da frente é que desponta a aurora,
 Aqui do peito só que o amor se exhala:
 Grega sublime, Psyché formosa,
 N'um sonho doce quem te ouvira a falla,
 O riso meigo, o harmonioso anseio
 Dos teus enlevos!.. Nas madeixas tuas,
 Ah! quem pousara de um suspiro, ao mence,
 O tenue mimo... nas espaduas nuas!

Mas, sonhadora, que altivez é essa?
 Deixando os labios, vais beijar as flôres?
 Dá que o teu seio, deslumbrante e meigo,
 Nos mostre a vida dentro em seus fervores.

O vento fresco das manhãs saudosas,
O azul da vaga, que desperta agora,
Todo o susurro, que os jasmims ondeam,
Por tuas graças é que tudo adera.

Oh! bella imagem das ternuras brandas,
O teu perfume pelo céo foi feito ;
Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos
Involta, e nua do sidereo leito,
Lindo e teu corpo; que as paixões desfolhas,
Já de cançadas de te ver ausente,
Dize—nas dobras de teu seio—oculta
Tambem uma alma não palpita e sente ?

II

Como que a vida se evapora em risos,
Lá no sacrario dessa noiva santa !
As nuvens louras dos cabellos soltos,
Rosada a bocca, que as manhãs encanta,
Indo mais bella, se ás estrellas falla,
Não. . . não é tudo, mas o puro espanto
Dos seus olhares, que reflectem mudos
A gloria e a sorte em divinal quebranto ? !

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão de um sonho,
Tingida a neve pela côr das rosas,
Tão transparente, que a sua alma em extase
Mostra-se toda nas feições mimosas ,
Ver como um susto lho descóra a face,
Como um anelo lhe entumece o seio,
E' ter a fronte sepultada em brilhos,
Longe os mysterios desvendando a meio. —

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
Rolando cheia, borbulhando em flores,
E sob o collo lhe ver a alma aberta
Em seus effluvios, lá nos seus fulgores. . .

Bello espectáculo ! E como todo riso
São devaneios, são caprichos vagos,
Como os desejos os ondulamentos
De alguma idéa que suspira affagos !...

III

O céu brilhante dessa plaga hellenica
Sobre a bafagem perfumosa e amena,
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena.
E com os enleios da sereia languida,
E com os arroubos de bachante louca,
Todos os sonhos, palpitanes, tumidos,
Abrem as azas... A amplidão é pouca !

E' da alma a empreza. Que expansões suave !
Assim Homéro devassara a sorte,
Platão entrava na sortida, às vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte,
Aqui da America na agitada arena
Cada um suspiro traz um ceu no fundo,
A cada idéa não sacia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa
Traz nos de longe alguma nova infinda ;
Que flor, aberta á madrugada amavel,
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voai, desejos ! aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha ;
Mas que parece que também procura
D'outras grandezas a sonhada trilha...

XVIII

A Flor

E's bella e um tanto vaidosa,
Leviana e um pouco altiva ;
Com esta alma, assim tão viva,
Nunca choraste ? Será ?
Duvido ; lá nos desertos,
Onde as auras se pranteiam,
Longos suspiros ondeiam ;
Só tua voz não virá ? !

Olha, serão só de perolas
Feitos de accesos brilhantes
Os teus mimos offuscantes,
Ou de lagrimas tambem ?
Dentro do seio sublime,
Cujos sonhos são olôres,
Não chegarão os pallores
E os prantos que a noite tem ?

Sei, os passaros celestos,
Quando lhes falha a ternura
Que os seus gôrgeios perdura,
Quando lhes morre a paixão,
Em teus, labios doces, puros,
Bebem, como em santa origem,
Essa divina vertigem,
Que incendeia o coração.

Se da tua alma de estrophes
Colhesses a mais formosa.
A mais linda, harmoniosa,
Para callar-lhes a dor,
Se do teu seio de encantos
Tirasses o mais querido,
Aquelle mais parecido
Com teus gracejos de olôr.

Elles podéram na vida
 Magoada, triste, sombria,
 Derramar toda a alegria
 Que uns olhos divinos têm ;
 Elles podéram na morte
 Fazer espalhar o aroma
 Que às tuas faces assoma.
 Quando o sol beijal-las vem.

Solemne o teu vulto airoso
 Pelas bafageus... Que arfadas !
 Por entre garças pasmadas,
 Agita o sereno odor
 Dos teus vestidos, que as auras
 Fizeram de gratos sonhos,
 De pensamento risonhos,
 De pudicícia e de amor.

Mas o teu seio se agita,
 O teu rosto empallidece ;
 Talvez tua alma padece,
 Tremeste o mimoso rir !...
 Querias beijar a fronte
 De algum amante vaidoso,
 Mas o teu labio cheiroso
 Sentiu-lhe a sombra fugir ?

Não ; de uma virgem travessa
 Os beijos são seus fulgores,
 Os seus airosos tremores,
 Seus beijos são sua luz.
 Alma de perfume e sonhos,
 Corpo d'alva e diamante,
 Que segredo palpitante
 No teu cal x não reluz !..

E' dos teus risos o sublime encanto
 Fallando, como arcano que o destino
 Soube guardar, profundo de esplendores,
 Do seio teu no calice divino.

XIX

A Terra

I

A terra !.. Em face della a prece é pouca,
 Tanto essa mãe sagrada é grandiosa !
 Só uma estrella languida, mimosa,
 Pode, vertida em cantos, a saudar.
 Negra e profunda, amamentando a vida
 Bebe os raios do sol, que na illuminam ;
 A' Vesta os seios calidos ensinam,
 Meio abertos, o modo de os beijar.

Filha da luz, enternecida ainda,
 Oh ! se lembra-se do homem, quanto infante,
 Odiando o temporal, moço gigante—
 A sua ossada enorme lhe entregou.
 Dentro, no corpo amado, é uma reliquia
 Que ella sabe guardar.. Narra aos espaços,
 Contando aos ceus azues, que nos seus braços
 A alma humana infantil acalentou.

Ao perfume balsamico das flores,
 E das auras ao tepido respiro,
 Brilhando o céu, das aguas ao suspiro,
 Um dia em seu sacrario um Deus sorriu.
 Primogenito do homem, das estrellas
 Das nuvens, seu tambem ; que soube amal-o...
 Que poema scintillou para adoral-o,
 Que nota nesse cô'o então se ouviu !

A natureza e as almas agitava
 O suave frescor da mocidade ;
 Sabia juvenil a divindade
 Sobre um collo de grega adormecer.
 E' intimo o segredo dos destinos !
 A terra acatificada e perfumosa

Fazia a flor em sonho, a moça em rosa,
Do crystal de uma ideia um Deus nascer !

Vasta herdeira de imperios, esquecidos
Atraz do tempo rapido, no escuro
Que elle deixa na busca do futuro,
Ancian, testemunha das nações,
Que glórias ! Quanto sol sob o seu manto !
De tremulas palmeiras sob o leque,
Como Thebas sonhava e amou Balbek ?
Como a vida estreara os corações ?

Viu-as lindas, sorrindo embriagadas
Aos effluvios cheirosos das auroras,
Festivas, deslumbrantes... Nessas horas
Quanta rosa nos peitos ase abrir !...
Cem cidades, em fulgido concerto,
Do seu collar as porolas !. nos seios
Após um sonho, em fervidos enleios,
Solta's lhe rolam todas a cahir...

II

E os seculos avançam, veloz a carreira,
Caminhos longinquos... E que alma, a primeira,
Sentia pelas fibras, no seu perpassar,
A sêde, os anhelos de um ceu que se ausenta ?...
«Que beijos sentidos ! A marcha se augmenta,
Passada a miragem, não pode chegar.»

Não pode !... Quem disse ? Se ideias aladas,
Que longe revoam das fronte's pasmadas,
De luz e de glorias a vida teceu ?
«Que sonhos mentidos ! Cahidas lembranças
De uns cheiros divinos, das nevoas as tranças...
Mais nada,—prophetas,—a sombra cresceu ! »

A sombra!... Mentira! ...—que os astros scintillam,
 E as roupas de gala das nuvens rutillam,
 E as auras mimosas esperam alguém..
 «São tudo chiméras! E' como dos mares
 A vida chorosa, buscando os olhares
 De estrellas amantes,—e as louras não veem!»

E os seculos caminham;—depressa estão longe :
 E o tempo, vestido de andrajos de monge,
 Não conta as feridas que o homem sentiu
 Atraz de phantasmas! E a terra esquecida,
 A terra dos crentes, a terra da vida,
 Que a todas as magoas seus braços abriu...



XX

O Mar

Dizer-te o que ? E's tão grande !
 Fallar-te como ? Não sei.
 Impetuosa se expande
 Tua vida ; com que lei ?
 Aquelle que as tempestades,
 Essas feras magestades,
 Um dia viram surgir
 Do teu seio marulhoso,
 Como um protesto pasmoso,
 Para fazel-os subir ;

E todos que um dia audazes,
 O pensamento a romper,
 Julgaram-se bons, capazes
 De a ti só deixal-o ver ;
 Esses que entendem as trevas,
 Que sabem quanto tu levas
 Para os abysmos de lá.

Porque a fórmula não traçam
Das profundezas que abraçam
Nos segredos que em ti ha ?

Como profundos seivillam
Escriptos os teus padrões !
E nelles como rutillam
De Colombo os galeões ?
Como a fecunda grandeza,
Que, largada na estreiteza
Que a terra apertava em si,
De genio e do azul das vagas
Amalgamou novas plagas,

Deixando a America ali !
Que arrancos e que onda brava,
E Demosthenes fallou !
O fundo pego escumava,
E Jesus então passou !
São jorros que purificam
As nodoas, que nulificam
D'alma humana a limpidez
Ao grego a palavra dada,
A crença ao hebreu firmada
São tua santa altivez.

Quanta cidade pasmada
Te mostra as galas que tem !
E como a aurora banhada
Nas tuas aguas não vem ?
Mergulham-se as esperanças
De cem povos nas lembranças
Que o teu susurro lhes dá ;
Onde houver um vão lamento,
Tua alma que vôe no vento,
Tua grandeza que vá.

E tanto as aguias remontam
 Para beber nova luz,
 Os pensamentos despon'am
 Da cabeça que reluz
 Para gastar os problemas
 Da noite, os ferreos emblemas
 Que a mão da morte traçou,
 Assim o teu forte brado
 Mostra ao mundo, despertado,
 Que um novo dia raiou!...



XXI

A manhã

I

A noite passa... e desse lago immenso
 A sombra foge e pelo ar fluctua,
 Como donzella que sah'u das aguas,
 Correndo tremula e agitada e nua.

A noite passa.. e que nos diz a sombra
 Que vaga e muda pelo céo se escôa?
 Como de uns sonhos de jasmins ethereos
 Narra um dialogo, que apressado voa:

—«Tenho n'alma um clarão que não viste,
 Vou mostrar-te uma petala de mais...

—«O meu peito, brilhante de magoas,
 Como orvalho só bebe os meus—ais.»

—«Olha, bella, no seio das luzes
 O amor tambem aureo brotou...»

—«São tristezas que ás luzes revoam,
 Saiba amargo em seus labios travou.»

—«E' um encanto que invale o seu brilho,
 Mais fulgor esse encanto accendeu...»
 —«Não! amar é sentir uns perfumes,
 E um gemido que n'alma doeu.»

—«Ai! não digas! um sonho é ventura;
 Quanta garça nos ares voou! ..
 —«Qual?! Nas ondas, correndo velozes,
 Um tormento de ma's me chegou.»»

—«Harmonias! Subamos aos astros,
 Das estrellas suguemos o mel...
 —«Não ha favos, que abelhas não moram
 Onde as flores têm gosto de fel.»

II

Mas eis chega a manhã... tudo radia
 As idéas se alargam mais ainda,
 Para prender nas fibras transparentes
 A sorte, a vida, o mundo, a gloria infinda.

Mas eis chega a manhã... e a onda cresce,
 Para arrojear mais forte as grandezas;
 E as auras descuidosas vão ouvindo
 O monologo suave das devezas:—

—«Sonhos! sonhos!... Amor é bonança,
 Que se entorna nos mares da vida;
 Por um beijo é que as nuvens suspiram,
 E' que a dhalia se mostra sentida.

Surja o gôzo, os prazeres despontem,
 Que, acordando, os vergeis embalsamam,
 Onde os risos susurram sonoros,
 E aos effluvios das flores se enramam.

E que risos ! E o que é que nos lembram ?
 Que blandicias que trazem segredos !
 São as petalas dos astros mimosos
 Desfolhadas d'auroa entre os dedos

E' mais bella que um canto de estrellas,
 Que sublimes relembram amores.
 Nossa vida que finda em abraços,
 Esta sêde que estancam olôres.

Sim ;—um céu que suspira e que sonha,
 Essa nuvem que é um devaneio
 São ternuras que Deus manda às auras
 Rubros labios das rosas no seio...»

III

Assim é que esta vida, em santo abraço,
 Loura a face das moças á das flores
 Ajunta como irmãs ;
 Por isto é que este céu vale o regaço
 Em que a sorte se enlaçe de esplendores
 Nas eternas manñans..



XXII

A Noite

O céu, cheio de amor e apaixonado,
 Traja de preto n'um sarau de estrellas.
 Por entre estas vaidosas, que desdenha,
 Elle vai escutar as harmonias
 Que, da lua no seio perpassando,
 Por ella meiga são no ar lançadas...
 A noite são aquellas harmonias
 Uma a uma no peito dosre amante

Infiltrando as saudades. Uma a uma
 Em sua alma de poeta transformadas
 Em perfumes de flôr. Quanta tristeza,
 Feita de insenso e encantos, não troscalla
 Seu coração,—immenso ramalhete
 Em que entram astros, onde Deus se estampa!
 A noite!... E' o manto perfumoso e santo,
 Que segreda mysterios ineffaveis
 Dos seios das donzellas. São as sombras,
 Lhes vendo os corpos de jasmims e rosas,
 Passando tremulas pelos seus cabellos...
 Tudo o que ha de mais languido e divino
 N'uns olhos virgens de visões celestes,
 De mais encantador n'uns labios doces
 De bella e pallida moça, de mais candido
 Em faces que retractam magnolias,
 Tudo aquillo ama a noite, e comprehende
 Esse immenso susurro inebriante
 D'azas brancas. de beijos, e de scismas,
 De segredos, e sonhos que se chocam!
 E' quando os pensamentos esvaeçam
 Atraz dos sons ethereos... Sim!.. é quando
 Toda a luz se recolhe enternecida,
 E o beijo da saude deposita
 Na fronte ao ceu azul.

Alma que soffre,

Peito cheio de glorias e perfumes,
 Mas agitando um mundo em cada abalo,
 Em cada susto o estremecer das flôres,
 Fronte batida pelo mar da sorte,
 Genio que asyla a immensidade inteira,
 Lá vai a sonhadora dos amores,
 Velada pela sombra, esse mysterio
 Que a noite, sua irmã, lhe empresta a mêdo.
 E' joven pallida, pelo amor ferida,
 Que se occulta no manto do segrêdo.

E vai pedir ao lago mais tristeza,
 A' lua mais saudade, ao céu mais dôres...
 Tão bella e pensativa! Arroja aos astros
 Sua idéa, celeste e lacrimosa;
 Escuta o susurrar de auras descidas,
 Para do seio admirar-lhe a alvura.
 Tão bella e pensativa! Attira ás ondas
 Sua alma de sacrificios e fulgores,
 Ouve as queixas do lago solitario,
 E espalha sobre as aguas mais mysterios...
 Bem parece escutar-se a magua doce
 De algum crente amaroso que suspira:

«Beijar-te a face?... para que?... Minha alma
 Ouve as censuras que murmura a flor:
 Mas os teus olhos me dão mais tristezas,
 E os teus cabellos me dão mais olor...

Sei,—não te vagam nos cabellos louros
 Maguas de genios que te chamem sua;
 Bem póde terna e amorosa e meiga
 Vêr-te os mysterios solitaria a lua.—

Ha muito abysmo neste ceu profundo,
 Muita harmonia em tua bocca linda;
 Se a aragem branda te conhece, virgem,
 O sol brilhante não beijou-te ainda...

Bem longe os sonhos. Para que mais prantos
 Sobre a corollas virginaes e puras?!
 Mas, minhas lagrimas te dão mais encantos
 E os meus suspiros te dão mais ternuras...»

Candida e bella. immaculada e santa...
 Que importa essa ave que chorou por ti?
 Tambem as rolas têm os seus quebrantos...
 Ouves a moita soluçando ali?

Sim, adorar te fôra grande e bello !
 Meu peito ardente occultaria a estrella,
 Que estremecesse, para que teus olhos
 Languidos, humidos não podessem ve-la.

Não!... não quizera! Como a noite é triste !
 Nem este bosque nos occulta o medo,
 Mais os teus labios de perfume e rosas,
 Mas a tua alma sabe o meu segredo ! »

Fallas do coração ! Ah ! quanto é puro
 Contal-as, sim, à noite ennegrecida !
 Quanto é sublime ouvi-las acordando
 Os prantos, os queixumes adormidos
 N'alma da natureza embriagada !...
 Scismas, queixes, ternuras e meiguices,
 Oh ! tudo quanto a noite comprehende,
 E as donzellas com lagrimas abraçdam l...



XXII

O Vergel

I

Serena corre a bafagem;
 Suaves, como o suspiro
 Que sae do ameno retiro
 De um peito cheio de flor,
 Derrama alli uns arrulhos
 A natureza amorosa,
 Flutuante, descuidesa,
 Toda de graça e condôr.

Bem lá, bem junto das folhas
 Espalha o cheiro, a frescura
 De um pensamento de alvura,
 Que morno das auras cae,

A exuberancia da vida
 Vasada nessa torrente,
 Em que a rosa docemente
 Em scisma sonho se esvae.

Ao som de muita meiguice,
 Ao trinar dos passarinhos,
 A ideia v^oa do ninho. —
 Que g^ozo ! que ondula^oes !
 Sente-se as gottas mellifluas
 Que as notas deixam esparsas
 Por sobre o collo das garças,
 No fundo dos cora^oes.

Bem abertos, scintillantes
 V^eem-se uns olhos na alfombra,
 Namoradores da sembra,
 Elles, t^oo feitos de luz !
 S^oo flores... ah ! n^oo sorprendas
 O doce languor, o encanto
 Calido, fervido, sauto
 Que os nossos beijos seduz.

II

As arvores frondosas se balouçam
 E que auras podem ir lá que n^oo ouçam
 As tremulas can^oes,
 Alternando com o som de harpas ethereas,
 Das aves as melodic^{as}, aereas,
 As saus modula^oes ?

Como que um riso eterno se mistura
 Ao mimo, á amabillissima ternura
 De uma alma a revelar
 Uns thesouros guardados... ella occulta
 Atraz do pensamento, que na exulta ;
 Que lá n^oo ha chorar...

III

Os labios, bem doces, doçura de favos,
 Que deixam aggravos
 De bons,
 Das rosas beijadas, que mimos que trazem,
 Que encantos que fazem,
 Que sons !

Se uns olhos amenos, saudoses, bonitos
 Se furtam afflictos
 Do mar,
 Por lá espraçados, perdidos se esquecem
 Da vida, fallecem
 De amar.

Por lá nossas festas das aves se enlaçam
 Ao canto, se abraçam,
 A rir,
 Aos meigos sonidos, aos tenues gorgeios
 Tombados dos seios
 A abrir..

As flores suspiram, as petalas se odoram,
 As graças se enfloram
 De amor,
 Nos seios das bellas fervores celestes,
 Das nnvens nas vestes
 Olôr..

Orvalhos de sonhos que valem ternuras,
 Que dizem venturas
 Dos cêus...!
 As dhalias são almas de moças cheirosas,
 Divinas, mimosas
 Meu Deus !..

IV

E soluçam. Que doces queixumes !
 Se o seu cheiro nas auras se esvae,
 Outros sonhos se entornam nas flôres,
 Outros labios nos dizem :—amai !—

Suurros, gracejos, sonoras risadas...
 Que peito foi esse que tanto se abriu ?
 Espalham-se as ondas de graças sonhadas,
 Bócejos, suspiros..—quem foi que os sentiu ?

Sorrisos, arroubos, que passam depressa,
 Que fogem, que morrem que voltam de mais...
 Assim ! que a abundancia não muda, não cessa
 De nossas bellezas, que nunca tombais.

São horas, vagando por sobre as fragancias
 Que os cheiros agrestes derramam no ar,
 Atraz de carinhos, em busca das ancias
 Das rolas implumes, que tentam voar...

São horas alegres, travessas ruidosas ;
 Revelam-se segredos... Que foi que se deu ?
 Descobrem-se as fórmas não vistas, mimosas
 D'aquella moçoila que abelha mordeu.—

V

E' a candida espadua, que se mostra,
 De menina, correndo atraz de mel ;
 Apparição de um sonho delirante,
 Derramando mais luz sobre o vergel....



XXIV

Adeus !...

—Adeus ! São d'alma as derradeiras petalas
 Cahidas hoje sobre a tua mão...
 Adeus !.. aves que se beijam timidas...
 Queixas que as graças soluçando vão...

E eu quero as sombras que meditam languidas
 Para escuta-las sobre o peito meu ;
 Quero encantos de uma tua lagrima
 Colhida ardente sobre o rosto teu.

Vejo que as nuvens não me fitam rindo,
 Que o céu sereno sente alguma dor ;
 E' que os teus labios tremem como as azas
 De um genio ethereo sobre rubra flor.

Vejo que a rosa empallidece triste,
 Que o lyrio a fronte pende tanto...—e cai ;
 E' que os teus olhos se humedecem santos,
 Que a tua face descorando vai

Adeus !. E a onde que sacode a morte
 E que a saudade desgrenhada traz...
 Adeus !... E' um sonho que perdeu o aroma,
 E que um poema de agonias faz...



XXV

Protesto

« Eu tambem sou pintor ! »

Correggio

« Eu tambem nasci na Arcadia !... »

Schiller

Eu tambem sou poeta : adoro a gloria,
 E a natureza inteira me captiva ;
 Gosto das auras, das manhans cheirosas,
 De tudo quanto tem uma alma viva...

De uns olhos de donzella o forte brilho,
 Que falla das paixões que ardem no seio,
 Tambem me faz arfar ; sim, eu me curvo
 De um corpo airoso ao languido meneio...

A alegria por vezes me visita,
E' velha companheira que estremeço ;
Quem não gosta dos risos das creanças,
Da vida forte em rapido arremesso ?

A pobreza, bem sei, sagrou-me ousado,
A lucta do futuro alevantou-me ;
Contra os erros e contra o despotismo
A coragem no peito despontou-me.

O soffrimento é meu amigo antigo,
O mysterio do céu tambem me abala :
Ai! por Deus, não penseis que eu seja surdo
A' dor das multidões que a todos falla.

Eu tambem sou poeta!—As formas virgens
Do ideal, que desfaz-se em sonhos ledos,
Tambem se me traduzem em suspiros,
Scismas, risos, encantos e folguedos...







XVIII

Felinto Elysio do Nascimento





I

Lagrima das cousas

Sempre, toda manhã, se ouvia um canto
 Para além do cerrado,
Um canto tal, tão doce e modulado,
 Tão terno, tão dolente,
Que penetrava o intimo da gente,
 Desafiando o pranto.

Nem que fosse um relógio, a horas certas,
Quando mal despertava a natureza,
Lá vinha aquella nota de tristeza
Casar-se ao hymno das manhãs desertas !

Era talvez arranco de saudade
 Cruel, devastadora,
Talvez... do coração d'ave cantora
 Ao avistar o ninho
D'onde roubara-lhe o gentil filhinho
 A mão da impiedade.

O amor que fecunda em seus prazeres
E é fonte perenne de ventura
Vive em tudo—na humana creatura
Até, meu Deus, nos pequeninos seres !

II

No Banho

Abrem aqui, ali, alvas bouinas
 Como estrellas em flores transformadas,
 Desce do céo o frio das noitadas,
 Um cheiro agreste sobe das campinas.

Pelos inquietos ventos baloiçadas,
 Sussurram brandamente casuarinas,
 O rio que se avista das collinas
 Trepido corre em ondas prateadas.

Já vem rasgando as nuvens caprichosas,
 Mostrando as bellas formas graciosas
 Que emergem d'agua crystalina a lua...

Manchas de luz se espalham sobre os montes,
 Nas solitarias noites e nas fontes,
 Quando ella sahe do banho semi-nua.



III

Ao Ideal

Ideal ! Ideal ! Tu que resistes
 Na vida humana a toda a desventura,
 Que porejas da dor e ainda existes,
 Como um clarão, nas noites de amargura,

Que não morres na morte, pois subistes
 Na cruz que alveja sobre a sepultura...
 Eu não sei, Ideal, em que consistes.
 Nem o sabe ninguem que te procura !

Ha millemios o mundo desvairado,
 Recolhendo as promessas que lhe atiras,
 Segue o teu curso, celere e agitado,

E o mundo é o mesmo valle da miseria,
 Onde a verdade vencem as mentiras,
 Onde direito é a força, amor: materia.



IV

Lei do Eden

Da maldição de Deus a Adão vencido
 Pelos encantos de Eva, tentadora,
 A nota mais cruel, mais vingadora
 Foi condemnal-o a amar e a ser trahido.

Esta é que foi a pena esmagadora,
 Adão não sentiria o bem perdido
 Se não visse Caim ser preferido
 Mais tarde pela ingrata peccadora.

As outras penas não, que supportam os :
 Padece o que trabalha confortado,
 Tendo junto de si quem diga—Vamos !

O proprio Alem da morte tão velado,
 Tão cheio de mysterios affrontamos..
 Não se arrasta o amor quando ultrajado.



V

Quatro estrophes

(NUM ALBUM)

Feita de riscs purpurios,
 De aroma e clarões suaves,
 Dos encantados murmuraes
 E de gorgeios de aves.

Tu copiaste a alegre
Da volta de primavera,
Da mais formosa chimera
Resumos toda a poesia.

Quando teus labios falando
Se abrem—de casto ninho,
Parece que sahe eantando
Mavioso passarinho.

Teus olhos têm taes fulgores,
Teu corpo é tão perfumado,
Que junto a ti deslumbrado
Julga se estar junto a flores.



VI

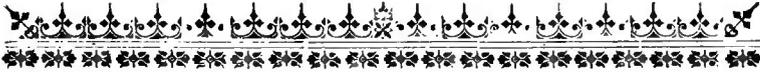
Job

De mim tem nojo o mundo impenitente
Desta minha epiderme carcomida
Que é no entanto a historia presumido
Da propria humanidade infelicamente !

Vós que viveis tambem d'uma outra vida
Porque, não sei á turba inconsciente
A vista recuaes tão seccamente
De sobre a minha carne apodrecida.

Pela fetida bocca destas chagas
Gangrenosas de pus e sangue tintas
Falam sonho d'amor, vozeam pragas.

Herdeiro universal de antigas, bodas,
De gerações innumerous extinctas
Eu sou a somma das miserias todas.



XIX

Francisco A. de Carvalho Lima Junior





I

Um hymineu na campa

Bem perto d'nma cabana,
N'um cêpo de cajazeira,
Sentados eram dous jovens
A' sombra d'uma mangueira,
A tarde ia já morrendo,
O sol ia-se escondendo
Ao longe por traz dos montes,
E os lindos passarinhos
Alegres buscavam os ninhos
Voando nos horizontes.

Era a hora do repouso
Dos camponios aldeiões,
D'esses mortaes que vegetam
No seio das solidões.
O bardo que ali passase,
Que um só momento gozasse
Daquella placida vida,
Taes encantos acharia,
Que mil cantos tiraria
De sua lyra querida.

Foi alli, aquellas horas,
Que foram vistos sentados
—Um jovem com sua bella
De labios finos, corados.
Aquelle, sempre tristonho,

E esta, como n'um sonho,
 Olhava o ente que amou.
 Depois de breves momentos,
 O jovem ao som dos ventos
 Foi a viola e cantou.

Ouçamos o seu canto
 Repassado do pranto :

Que vida que vive, vagando n'aldeia,
 Dos campos o filho, que os olhos perdeu !,
 Que sorte inditosa constante persegue
 A quem venturoso nas selvas nasceu !...

E' triste, bem triste, cruel e penoso,
 Não ver-se os fulgores do sol que raiou,
 Por isso eu maldigo, nos cantos que choro,
 A mão do destino que a luz me apagou.

Como é bello o dia ao nascer na floresta,
 A brisa e os encantos de leda manhã !..
 Mas eu não encherço, nem valle, nem serra,
 E a flor da campina risonha e louçan.

Aquellas bellezas da infancia querida,
 Que foram nos annos, que o tempo levou,
 Quizera inda vel-as, e as aves das selvas
 Que amei n'essa quadra, que cedo passou.

A relva macia das veigas viçosas,
 As fronteas bemditas dos meus ternos pais,
 Oh ! tudo afundou-se n'um barathro immenso,
 Por entre as negruras das sombras fataes.

Eulina que fazes, aqui á meu lado,
 De junto do misero, do matyr da sorte ?...
 Não vês que não pode fazer te ditosa,
 Um cego perdido, sem rumo, sem norte ?.

Tu eras a estrella de doce esperançã,
Que meiga br lhava no meu coração ;
Eu era o mancebo galhardo d'outr'ora,
Sou hoje um mendigo sem luz e sem pão.

Jã foram-se os tempos de tantas delicias,
De gozos infindos que então desfructei ;
Mas hoje só resta de tantos prazeres,
Somente a lembrança do anjo, que amei.

Aqui neste peito, que bate com força,
Eu sinto que a vida succumbe de dor :
São lavas ardentes que abrazam minh'alma,
Porque já não posso gozar teu amor.

Não posso, nem devo, sequer mesmo em sonhos,
Ao menos de leve pensar em te amar ;
Pois já que meus olhos não pedem fitar te,
Teu leito de virgem não quero manchar.

Eulina, não chores ; enchuga esse pranto,
Por entre soluços que estás a verter ;
Não chores que a vida sorri-te propicia,
Que a morte p'ra mim é melhor que o viver.

Eu sou um proscripto da vida no exilio
Que passo meus dias immerso na dor ;
Padeço torturas, porque não te vejo,
Porque já não posso gozar teu amor.

Foi assim que o joven cégo
Tristemente cantou ;
E banhado em quentes lagrimas,
Em silencio ficou.

Elle cantava
Ella chorava,
Entre suspiros e ais,

E assim sentidos,
 Eram descritos,
 Os dois corações leaes.

E foram-se os risos
 E vieram as dores,
 Chegaram os espinhos
 E não mais as flores.

Foi-se o canto, foi-se tudo ;
 N'aquelle deserto mudo
 Nenhuma voz se ergueu ;
 De repente a pobre virgem,
 N'um acesso de vertigem,
 No cego um beijo deu.

O cego tambem beijou-a
 E do seu pranto banhou a.
 Dias depois d'aquelle encontro
 D'aldeia os sinos resoaram,
 E n'um so dia duas campas
 Os dois amantes despoasaram.

Reuniram-se assim na fria eternidade,
 Onde tudo se esvai—amores, mocidade,
 E tudo em que se crê nas doces illusões.
 Na vida tudo é bom; sorri-nos a esperança,
 Succede a noite ao dia e nunca mais se alcança
 O porto desejado, um termo as afflicções.

Que val
 Por fim
 Assim
 Viver,
 Cançado
 Lutando,
 Penando
 Morrer ?

Se aventura
 Pouco dura
 Sobre a terra,
 Que primores
 E que flores
 Ella encerra ?...

Só
 A's
 De
 Mais,

Só
 Crnz
 Sem
 Luz.

A'sombra da mangueira erguida perto da cabana;
 Ahi cavaram as tumbas que os amantes desputaram:
 Ao sul jaz o mancebo; ao norte a virgem desditosa,
 Dormindo o mesmo sommo a sós, sonhando o q' sonharam.

Com linda capella
 Singela,
 Tão bella
 De rosa e jasmim
 Sepulta foi ella,
 Donzella,
 Estrella
 D'um céo de setim.

Em redor das duas cammas do noivado eterno,
 Um'alemeda de arbustos sombreando o chão,
 Assemelha-se um docel na funeral alcova,
 Tendo por tecto somente as azas d'amplidão.

Inda hoje se diz que nasceram,
 Sobre a campa dos dous desposados,
 Alguns pés de jasmim e roseiras
 Além d'outras florinhas dos prados.

Eram estas cultivadas
Pelas mãos das camponezas,
Que habitam as rudes devezas
Das montanhas do sertão.
—Donzellas alvas, morenas,
Que lá iam cada dia
Em modesta romaria
De prantos regar o chão.

Era crença das mulheres,
Das raparigas solteiras,
Que debaixo das roseiras
Dousanto deviam estar;
Por isso nas suas preces,
Nas preces de cada dia,
Lhes faziam com alegria,
Promessas para casar.

Quem hoje passa lá pelo caminho,
Onde fôra a cabana do cantor,
Avistará erecta uma capella,
E dentro d'ella a cruz do Redemptor.

Aqui, ali, além, por toda parte,
Symbolisam milagres, crença e luz,
Peitos de cêra, braços de madeira,
Pernas e pés e mãos e tudo a flux;
Por todo o sólo craneos derramados,
Fitas, crôas nos braços d'uma cruz.



II

Um Colloquio

Vem ó bella e feiticeira,
Vem ligeira,
Vem sentar-te junto a mim,
Vem a mim, não temas nada,
Vem ó fada,
Vem meu lindo cherubim.

Chega a cadeira mais perto,
Para aberto
Te mostrar o peito meu,
Pois te quero assim sorrindo,
Só me ouvindo
Fallar-te de um novo ceu,

Repara bem, vem no fundo
Mais profundo
Recanto do coração,
Uma pagina de minh'alma
Pura e calma
Em fervorosa oração.

Se não sabes por quem ora
Toda a hora
Est'alma que é toda tua,
Pergunta ao sol dos teus olhos,
Meus abrolhos,
Consulta, segreda á lua.

Olha alem como tão bella,
Luz a estrella
Peregrina do pastor !
Radiante
Estrella do men amor.

Vamos, anda, vem juntinho,
Mais pertinho ;.
Quando brilhas no meu ceu,
Não sei se sonho ou deliro,
N'um suspiro
Bebendo o perfume teu.

Assim: que eu leve consente
Docemente
Tua dextra ao labios meus,
Para libar com ternura
A mats pura
Um favo de mel dos ceus.

Mas tu, as mãosinhas tuas
Ai ! recuas
Com medo não sei de quem ;
Suppões por accão Ondina
Peregrina
Que aqui nos espreita a!guem !

Não tenhas receio ó bella,
Grata estrella,
Que illuminas o meu ser !
Consente em tua mão breve
Bem de leve
Um beijo puro morrer .

Ora está, que mal fez isto,
Pois se visto
Não foi de profano olhar !
Já é tarde, passarinho,
Busca o ninho,
Que te chama a repousar

III

Não Olhes

Seus olhos são tão negros e brilhantes,
Têm o brilho da luz dos diamantes.

Antonio Romariz (Auras Matutinas)

Não olhes para mim, que tu me matas
Ao languido volver do teu olhar.
Não olhes, que o luzir desses, teus olhos
Mais sabem que ferir, sabem matar.

Não olhes para mim, por Deus te peço,
Com esse teu olhar todo magia ;
Não olhes, que fascinam-me os teus olhos,
Fazendo-me sonhar de noite e dia.

Não olhes para mim, mulher divina,
Que podes sem querer, vir me a cegar ;
Se olhares me verás desfeito em chamas
Das lavas do vulcão do teu olhar.

Não olhes para mim, que vivo em trevas.
Com esse teu olhar que me seduz.
Não olhes, que eu me vejo nos teus olhos,
E cegou-me os lampejos dessa luz.

Porem, se tu, demonio ou anjo ou fada,
Quizeres impiedosa me matar,
Accende essa fogueira dos teus olhos,
Abraza-me na luz do teu olhar.

IV

No dia de teus annos

No dia venturoso de teus annos
 Ainda no verdor da idade em flor,
 Mais augmenta por ti minha ternura,
 Mais me sinto por ti morrer de amor

Neste dia festivo e desejado,
 Queimando-me o calor de tua mão,
 Quizera, junto a ti, ó minha amada,
 Que visses palpitar me o coração.

Quizera, ó sim ! Porém só quer o fado
 Que eu viva neste mundo amargurado
 Sem poder sempre estar ao lado teu

Embora ! mesmo assim, enquanto vivo,
 Do teu sublime amor sempre captivo,
 Serei, ó minha, amada, o teu Dirceu.



V

Teus Olhos

Teus olhos tão lindos, tão meigos, tão ternos
 São dous diamantes roubados dos ceus,
 Teus olhos são astros, fulgentes ethereos,
 São gottas de pranto dos olhos de Deus.

Teus olhos amenos, castanhos, escuros,
 São duas estrellas no mundo a luzir,
 Teus olhos brejeiros, travessos, mimosos,
 Aclaram-me as sendas de luz do porvir.

Teus olhos divinos teem magos enlevos
Que infiltram-se n'alma do teu trovador,
Teus olhos divinos são per'las, saphiras,
São gottas de orvalho no calix da flor.

Teus olhos de lynce, fitando meus olhos,
Me matam, me fazem morrer de paixão,
Teus olhos traquinas, ligeiros e castos,
São cordas da lyra de meu coração.

Eu amo os teus olhos tão bellos, tão puros,
Quando olham-me a furto com doce languor,
Eu amo os teus olhos, que dam-me ventura,
Que ferem minh alma, que morrem de amor.



VI

Caminhemos

Caminhemos, poeta,—pela estrada
De espinhos, cardos, urzes semeada
Do Occidente ao Nadir.
A vida é breve, e a sorte mal segura ;
Sigamos, pois, a estrella, que fulgura
E vamos ao povir.

Não sei porque esmorecis na tormenta,
Que rasga-se terrivel, poeirenta
No procelloso mar !
A vida do poeta é como a v'aga,
Lanterna do povir, que não se apaga,
Batel sempre á vogar.

Por uma lei fatal do impio fado
As sombras da tristeza tem nublado
Tua frente, cantor.

Ha muita inspiração, que desfallece
 Como petalas de rosa, que emmurchaça
 E perde a linda cör.

Nós somos os Prothens la nova idade,
 Que vemos no porvir da humanidade
 Completa a Redempção,
 Em quanto o idiotismo inconsciente
 Immola a Jehovah Sabio e Clemente
 No altar da corrupção.

Voemos n' aza verde da esperança
 Que pouasa em toda parte, e que não cança
 De continuo a voar.
 Dos craneos saculamos a poeira,
 Mostrem-lhes do sol a cabelleira
 Esparsa pelo ar.

E' certo que o cantor ja não agrada
 A's almas insensiveis ás rajadas
 Dos ventos do saber,
 E quando alguma Erato sobe o Pindo,
 Os gastos corações apupam rindo
 O sol inda ao nascer.

Mas sempre,—ao motejar essa vil turba
 Dos prantos de uma lyra, emboca a tuba
 E falla aos furações;
 Que aos cantos teus virá fallar-te a gloria
 N'um sorriso de amor. te abrindo a historia
 Ao claro dos vulções.

Dirão que somos loucos, visionarios;
 Que importam se entre tantos legendarios
 Foi louco o velho Hugo? !...
 Loucos foram Virgilio e Molière,
 Dante, Tasso e Camões, Byron, Voltaire,
 Racine e Boileau,

Ergue-te, pois, e juntos caminhemos.
 Como Colombo, ousados naveguemos
 Pelo Hypocreneo mar.
 Avante, viajor, fita o horisonte,
 Serei teu companheiro ao sacro monte
 E havemos de chegar



VII

O vôo da aguia

Desprende o vôo altivo, ó aguia soberana,
 A luz do sol em braza, ó aguia sergipana,
 Pelos pincaros dos ceus.
 Bate as azas condor, que rasgas o infinito,
 Que lá onde teu nome a gloria tem escripto,
 Fez teu ninho o proprio Deus.

Não pares na jornada, ó vate sublimado,
 Que tens na larga frente aos sec'los conquistado,
 O sello dos immortaes.
 Se é grande o teu lidar o mundo te admira,
 E' por causa da luz.—do estro que te inspira,
 Nos teus cantos divinaes.

A luta sem descanso, a vida sem doçuras
 No procelloso mar de eternas amarguras
 De continuo a navegar,
 E' a sorte do cantor,—dos genios como Tasso,
 Aguias como Camões, sem achar em todo o espaço
 Um lugar onde pousar.

Como outr'ora Jesus nas plagas da Judéa,
 Teu nome tambem vale homerica epopéa,
 Tua vida—uma ovação ;

Se a torpe inveja te ergue um throno no Calvario,
Enxuga com a sciencia o purpuro sudario
Dos mendigos de instrucção.

Muito te deve a patria,— as brazileiras lettras,
Athletas dos ideaes novos que soletras,
No immenso livro do sol,
Por escudo—a palavra, a penna e a sciencia
Forjando raios mihi—te deram omnipotencia,
Diadema—o arrebol.

Quando Allemanha vê por cima do oceano,
Como a sombra d'um Goethe, um astro americano
Transformada a treva em luz,
Dizem Richard e Harl e Cramés, Klotz, Hoekel ;
E' um sabio e nosso irmão divisio monostrel
Do Imperio de Santa Cruz.

Então, tendo na dextra o livro do propheta,
Philosopho da lei, na lyra do poeta
Canta a humanidade e Deus ;
Não esse feio Deus que os papas galvanisam,
Mas o Grande poder que os sabios lá divisam
N'outros mundos, n'outros ceus.

Desprende o vôo altivo, ó aguia seberana,
A' luz do sol em braza, ó agua sergipana,
Pelos pincaros dos ceus.
Bate as azas, condor, que rasgas o infinito.
Que lá onde o teu nome a gloria tem escripto,
Fez teu ninho o proprio Deus.



VII

A Sertaneja

I

Tenho saudades infindas,
Saudades de minha terra,
De tudo quanto ella encerra
—Campinas, vergeis e flores ;
A vida é lá mais suave,
As auras são mais fagueiras
A' sombra das caxaseiras
Ai ! terra dos meus amores.

Ai ! terra dos meus amores,
Meu viver de pequenina,
Quando eu brincava traqueira
No collo de minha mão !
Quem dêra-me oh ! Deus ! quem dêra,
Tornar áquelles lugares,
Visitar aquelles lares,
Que mil enlevos contem !

Que mil enlevos contem;
Se eu fosse um passarinho
Iria faser meu ninho
Nas serras do meu sertão;
Iria, meu Deus ! que sorte !
Cantar lá com as patativas
Nas lindas manhans estivas
De primavera e verão.

De primavera e verão,
Quem pode ouvir nas florestas
A mais sublime das festas
Sem de alegria saltar !

O *sanhasso* e as *arapongas*,
O *xexeu* e as *viuvinhas*
Fazem lembrar as *modinhas*,
Que aqui costumam cantar.

Que aqui costumam cantar
Não como na minha terra,
Que os gozos do mundo encerra
Fazendo inveja aos do ceus,
—Nos olhos de suas morenas,
—Nas aguas de suas fontes,
—Na luz dos seus horisontes,
—N'um raio dos olhos meus.

N'um raio dos olhos meus
Ha muita gente morrido,
Muitos peitos hão ferido
As settas do meu amor -
No sertão de minha terra
Tambem bebe-se ventura,
Nos seus campos de verduras
Nas suas relvas em flor.

Nas suas relvas em flor
Se sente a doce fragancia
Dos castos lyrios da infancia,
Falla Deus a Creação,
Em quanto na densa sombra
De suas escuras mattas,
As aves em serenatas
Dão-nos vida ao coração.

II

Quando eu ia com meu pote
Buscar agua na ribeira,
Trepava na ribanceira
E me punha a meditar,

Não se importavam commigo
As *nampupés* nem as *emas*,
Brincava com as *seriemas*,
Que vinham me festejar.

Que vinham me festejar,
Disia-me o som d'aragem,
O murmurio da folhagem,
Do campo as flores mais bellas,
E eu era muito ditosa
Vendo as *araquans* bravias,
As *numbús* e as *cotovias*
Quando eu brincava com ellas.

Quando eu brincava com ellas,
Do mundo eu nem me lembrava,
E muita vez as livrava
Do tiro do caçador.
De manhan ou á tardinhe,
Macio o vento soprava
Nas folhas da canna-brava,
Nos *umbuzeiros* em flor.

Nos *umbuzeiros* em flor,
Se os *papagaios* pousavam,
Se os *maracanans* cantavam,
Ouvia-se a *juryty* ;
E o bando dos *priquitos*
Semelhava *cardinheiras*
Sob o leque das *palmeiras*,
Nas palmas do *ouricury*.

Nas palmas do *ouricury*,
Quando a viração se agita,
Em nossas almas crepita
Todo o fogo da poesia.

Que também somos poetas
Naquellas plagas ridentes,
Naquellas areias quentes
Onde tudo é alegria.

Onde tudo é alegria
Como lá, não diz o fado,
Que já nos tem sepultado
Em trevas o coração.
Os *caetetús* em manadas,
As *cotias* e as *antas*,
Zabelés e *pacas* tantas
Só se vê lá no sertão.

Só se vê lá no sertão,
No meu retiro de outr'ora,
Que quizera ver agora
Junta aos meus irmãos e pais.
Quem dera abraçar Joanninha,
Olhar no curral o gado,
Meu pae caçando viado,
E eu feliz muito mais.

E eu feliz muito mais
Não posso ser nesta terra
Como andorinha que era
Sem dormir no ninho seu,
Sem armar minha *arapuca*
Sem ouvir correr na grôta
O som da cauda, que brota
Das cachoeiras do ceu.

Das cachoeiras do ceu,
Que lagrimas tão cristalinas
Humidecem as campinas
E as cabanas dos pastores !

E eu por aqui sozinha,
— Da sorte — filha engeitada,
Pela secca espatriada,
Curtindo só dissabores.

Curtrindo só dissabores
Por viver lonje dos meus,
Debaixo de estranhos ceus,
Sem amor no coração,
Pedindo a Deus que dê vida
A' triste rôla sem ninho,
Guiando-a pelo caminho,
Das plagas do meu sertão.







Jason Valladão







Ave libertas

Um dia, um povo sem luzes,
Sem direito e sem razão,
Dormia atôa na relva..
Sob o lençol da amplidão !
Olhando p'ra o firmamento
Procurava um pensamento
Nas esplanadas dos ceus !...
E os astros por entre sombras,
Deixavam ver as alfombras
Do grande throno de Deus !

Era que o povo pensava,
Em liberdade somente ;
Apagou-se o sol da idéa,
Se cravando no Occidente ;
Calaram-se todas as boccas
Das legiões negras, loucas..
Ante o espectro—escravidão !
E ungidas ao servilismo,
Rolaram no negro abysmo,
Se estorcendo pelo chão !.

Mizeria !... que neste seculo,
Que se diz cheio de luz ;
Ainda existem escravos,
No imperio de Santa Cruz !
Hoje que a imprensa enorme,
Essa aguia altiva que dorme,
Nas grimpas da immansidão,

E' pena que da historia,
Não sulque os mares da gloria,
Um povo que é nosso irmão.

Nas tempestades do craneo,
Dos pensamentos a flux...
Abalroam-se as idéas
Nos oceanos da luz !..
Perpassando as ventanias,
No dorso das penedias.
Da noite por sobre o veu ;
Fica de pé no procenio
O livro juncto do genio,
E ambos fitando o ceu !...

Portanto, quebrem-se os postes,
Da nefanda escravidão,
E deixem passar a turba,
Com a liberdade na mão..
São elles os condemnados
De braços alevantados
Nos ermos sombrios, nós..
Bradando, quasi arquejantes,
Mostram em gritos delirantes.
O Christo preso na Cruz !

Quando as almas se congregam
P'ra os festins da instrucção,
O livro abre se rindo...
No altar da educação !
Deroque-se o preconceito,
Abra-se a porta ao direito,
Abram-se as portas da escola !...
Que, na marcha triumphal
Do progresso um versal,
O povo bendiz a esmola !...

Depois... a aurora se alastra,
Cheia de vida e fulgor ;
Como um riso derramado
Lá dos lábios do Senhor !
E o povo grita :- Igualdade !
Nas luctas da Liberdade,
No choque das confusões,..
E Deus de lá dos espaços,
Abrindo sublime os braços,
Abençôa as multidões !

Por isso, vós, mocidade,
Os luzeiros do futuro,
Defendeis a causa santa,
Do povo rude, obscuro !
Tirai os ferros pesados,
D'estes pulsos alquebrados,
Do labor da escravidão ;
Que um povo sem liberdade,
E' povo sem caridade,
E' povo sem instrução !

Salve ! filhos da sciencia,
Navegantes do porvir ;
Quem caminha para a gloria,
Vai no infinito cair !
Marchai ao sopro dos ventos,
Por bussola—os pensamentos,
Por pharol - a instrução !
Quem trabalha pela Idèa,
Planta sempre uma epopèa,
P'ra vindoura geração !..





XXXI

Joaquim do Prado Sampaio



I

A' Tarde

Descamba no horisonte a noite, lentamente,
 Envolvendo em seu manto a azulea immensidade !
 E' a hora em qua a tristeza e a pallida saudade
 Se derramam no espaço em onda, no occidente !

Ao canto e ao murmurio das aves, na floresta,
 Cantando vae o moço, o joven sertanejo...
 Uns olhos que elle vira e a febre de um só beijo
 Deposto n'algum anjo, em meio a'alguma festa.

Tinha um rosto moreno e o andar firme e pesado,
 Um peito de poeta em sonhos revoltado,
 Pela luz de um sorriso em labios de mulher...

Parou ante a casinha, e a bella da creança
 N'um abraço de fogo, e em beijo de esperanza,
 Chorava de alegria — Em meio o anoitecer !...

(1883)



II

Ao Povo

Ergue a fronte de luz, gigante do passado
 Esmaga ao teu pisar a negra escravidão !
 Suspende o teu punhal em nome da vingança,
 Em nome do presente, em nome de Catão...
 Argonauta da mar, enorme — evolução !

Ergue a fronte de luz... proclama o teu direito
 Tranzido, esfarrapado aos pés de teu senhor ;
 Oh ! canta em santa estrophe o verbo liberdade ;
 Esmaga os teus grilhões, em frente do oppressor !
 Terás assim cumprido a lei do Creador !

Ergue a fronte de luz, Polónia desgrenhada,
 —Protesta de vigança ! esmaga o teu Czar !
 E' longo o teu martyrio, a dor te dilacera,
 Suspende o sabre agudo enorme, a gottejar !
 Assim podes do sol os raios aparar !...

Tu vives a morrer... não posso nem ouvir-te
 Chorando, macilenta no seu dizer—perdão !
 Suffocas no teu peito a voz da liberdade,
 Esmagas no pizar da negra escravidão !
 Assim chora da dor o busto de Catão !...

Não sei se isto é viver... Um homem ser escravo,
 Curvar-se aniquilado aos pés de seu senhor ..
 Não ter mesmo uma crença, um sol em seu futuro ;
 E' um quadro sem luz, um quadro só de horror,
 Dantesco e nevoento em que reside a dor !..

E gue a fronte de luz ! No cimo do calvario
 O homem—coração, sorrindo, já morreu !...
 Um protesto de luz lançado no presente,
 —Em prol da humanidade, enorme Gallileu !...

Rola a cnda do amor... descendo lá do céu !

(1883)



III

Acredita...

Teu riso encerra um mysterio
 Sublime, meigo e amoroso,
 Qual branco seio teimoso,
 Docemento a palpitar...
 Não é um riso.. é um assomo

De luz, de encantos e flores,
Lançado sobre os negroses
D'um coração a lutar !..

Se acaso fito as grutinhas
Que são trophéus de teu riso,
Mergulho n'um paraizo
De amor e sonhos talvez ;
Não comprehendo o mysterio
Que teu riso em mim at'cia,
Dura-me mais que uma ideia
Em tão doce embriaguez !

Só sei que vejo em teu riso,
Punhal agudo de uma alma,
Um combate, cuja palma,
Caindo... pertence a ti !
Teu riso... sim é teu riso,
Mar de luz e pensamento,
Revolto, como o tormento
Que ao ver-te n'alma sent !

(1883)



IV

Rosa

Arroubada de gloria em sonhos e chiméras,
Ella passa sorrindo as doces primaveras,
Tendo na alma a esperança—a estrella do viver,
Correndo na campina a luz do alvorecer ;
As vezes acordando a placidez das mattas
Com seus olhos azues e seios de cascatas
De sonhos sensuaes !

Era uma graça ; a Rosa
Era mesmo uma flor, tão linda e primorosa,
No hastil da innocencia dos beijos da alvorata,

Que eu não sei bem dizer... Minha alma, enamorada,
Parecia de amor tentar beijar-lhe os pés,
E offertar do futuro os pallidos laureis,
Por um riso dos seus...

Chamavam-lhe Rosinha

Na casa paternal, e era uma rainha !

Mas um dia, a luz do sol, raiando no oriente,
Escrevia no céo, em lamina fulgente,
Estrophe luminosa—em labios de creança,
Um escolho na vida, á vaga da esperança,
Que dá á frente mais luz, envolta em escuridão !

A moça se lembrou que tinha coração !...

E amou : tendo na alma um mundo de chiméras,
Não lembrou-se jamais das rosas de outras eras,
Nem dos brincos de então na casa paternal :
Em seu seio fervia a vaga colossal
Do amor.

Mas agarrada um dia com a miseria,

Ella pediu um pouso, á placidez funerea
Do leito do hospital.

E nesta escuridade,

Murchava Rosa triste—à mão necessidade !



V

Confissão

Minha Senhora, esente, eu fallo seriamente,
Soletrei em seu riso e gestos requebrados,
Confunde-me, Excellencia, aos pobres namorados,
Aos pobres D. Juas a encarar a gente !

Engano fatal ! não uzo de lunêta,
Nem suspiro de amor aos pés dessas mulheres,
Taverneiras sem brio, aos risos dos prazeres,
Sem vida e sem calor, de caulas de comêta

Sou um pouco orgulhoso, em meio ás bagatellas,
 Não me cega de luz as pallidas umbellas,
 Nem vestidos de seda á roda de *plieez*.

E p'ra não julgar-me aos entes que eu mais scismo,
 Sendo um dia atacado á mão do rheumatismo,
 Não deite em meu pescoço azuleo *cache-nez*.



VI

A Luz

O céo brilhante dessa plaga hellonica
 Sopra a baçagem perfumosa o amona,
 Lá dos astros desce o encanto fulgido,
 A paz, a calma, a mansidão serona,
 E com os enleios de seroia languida,
 E com os arroubos de baccante louca,
 Todos os sonhos palpitantes, tumidos,
 Abrem as azas... A amplidão è pouca !

Sylvio Romero.

A aurora vem rolaudo em endas no oriente
 E' um lago de luz... formoso, resplendente,
 Que irrompe como chispa enorme do senhor,
 Daquelle enorme peito, immenso como a dor
 Com a face cadaverica, em meio a convulsão,
 Levando a profundeza em ancia ao coração !...
 E a aurora, a noiva loura, em luta com o viver
 Traz ao homem a esperança em labios de mulher !...

A luz é sempre bella em onda pelo espaço,
 Dá á vida esperança, ao craneo enorme de aço
 A profundeza ingente em forma a immensidade,
 Que soffre como o homem em meio a soledade.

As vezes debochada as bellas melodias,
 Ao cantar gaguejante à voz das ventanias,
 Que veem bem de longe ao sopro do deserto...
 Outras vezes escura, em luta bem de perto,
 Sentindo o palpitar do abysmo — coração..

Se parece bem de perto a alma á immensidão !

E a manhã desabrocha em chammas no oriente,
 Ante si recuando as brumas do occidente,
 Vae do mundo varrendo a serpe escuridão,
 — Matilha que rebuça em Nero — corrupção
 Da humanidade, embalada ao sopro do ideal, —
 Que declara duello ao espirito do mal,
 E cahe lavada em prantos aos braços de uma Cruz,
 Pedindo ao mundo paz, pedindo ao céu mais luz !

Foi então que embuçado em brumas no infinito —
 Deus, o ser gigante, onvindo da alma o grito
 Lançou mais luz ao mundo em forma de caixões !
 Mandando a alma pensar, sentir os corações !
 Fazendo o homem grande, e a voz revolução
 Dar ao mundo o factor — a lei da evolução !

Em ti eu vejo, luz, um beijo do passado !
 Tens nos lábios tropheos, tua alma foi um brado
 Deslumbrante da vida em raios no presente,
 Que ao mundo maravilha, e vive todo ausente
 Da dor do peito humano, em luta com o sentir
 Ao beijo espectral dos lábios do porvir !



VII

A Republica

E' uma idéa de luz em craneos fumegantes
 A noite converter em magica alvorada,
 Fazer surgir do cahos a loira madrugada,
 O djreito e a razão fallarem triumphantes !

A idéa é como o sol, em doidas explosões,
 Acclara o mundo inteiro e fal-o então surgir...
 No craneo—o borbulhar enorme do porvir,
 No peito—o anhelar das novas gerações!...

Tremei, oh velha idéa! o mundo, o preconceito
 Assassina sem dor em nome do Direito,
 Bate palmas—o amor á nova geração...

A luz succede á treva ; Um dia esplanada
 A idéa se erguerá eléctrica, adorada,
 Movida pela lei de murdo—a Evolução !



VIII

V Hugo

Morreste e enlutou-se o sol no firmamento !
 —A terra no infinito um passo recuou !...
 Tú nos deste uma estrophe em cada pensamento,
 Cedeste á selacção e te sumiste, Hugo !

Mas... é mentira, bem sei, tú não des'pareceste,
 Repete altiloquente a vóz da eternidade;
 Começou para ti a sã prosteridade
 E até a lei da morte ardente tu venceste !

Oh ! grande lutador ! Oh ! alma de alabastro !
 Concentraste no craneo o borbulhar de um astro,
 Da França—o palpitar no estoso coração—.

Me curvo reverente ao teu soberbo genio,
 E o mundo, que tiveste um dia por proscenio,
 Te completa no espaço, oh ! fulgido clarão !

IX

Tiradentes

Tambem quero curvar me ante o teu grande vulto,
 Beber inspirações no teu martyrio heroico,
 Oh coração de luz ! oh grande estroico !
 Recebe de minh'alma o mais sincero culto.

A flor do sentimento, eu trago reverente
 P'ra te depor aos pés gigante ensanguentado,
 Que morrendo tombaste em ceo aljofrado
 Da historia co'um sorriso heroico e resplendente !...

Hoje que a multidão te divinisa avara,
 Sincera como a dor impavida depara
 Nesse teu pensamento — eterno refflorir !...

Consente me curvar ante o teu grande vulto,
 Prestar assim de amor o mais sincero culto
 Aos sonhos do passado — auroras do porvir !



X

Phantasiando

Minha Senhora, um dia o romantismo
 Morreu de uma maneira bestial,
 Foi baiar tristemente a um hospital,
 Espectro do deboche e do cynismo !

Ao grand jour da sciencia não se escreve
 Mais balladas, nem ternos madrigaes..
 Foram mortos, coitados ! a punhaes
 Esses cantos doentes que descreve...

A pura phantasia simplesmente...
 Querendo pôr ao vivo a singeleza,
 De seu rosto, eu diria *ingenuamente*:

Seu riso e seu olhar têm tal viveza
 Que em momentos de amor, heroicamente
 Deus se fosse os roubava á natureza !



XI

Escravo !

Tambem a ti, escravo, alguma piedade !
 Tu que curvas o dorso escuro sob o sol
 E trazes no teu peito, á especie de crysol,
 As idéas febris da santa liberdade...

Tambem a ti, escravo, o meu olhar de irmão !
 E' preciso aperrar, em nome do Direito.
 Uma carga de luz ao negro Preconceito
 Que mate de uma vez a fera «escravidão».

A ti, oh mocidade ! a ti a grande gloria !
 Se parares então pelas galés da historia
 Um dia a raça negra ;—os tristes parias..

Eu sei, terás guarida, em nome do futuro,
 Em cada coração e forte palinuro
 Pelos mares da gloria azylo encontrarás !



XII

Beatriz

Esqueceste o amor sincero e santo
 Que um dia consagrei-te em meu delirio,
 Oh ! mulher divina, formoso lyrio,
 Tu levaste a minh'alma amargo pranto !

E chorei teu amor—a perda enorme
 Dos meus sonhos febris de mocidade ;
 E senti no meu peito anciedade
 Depositar um turbilhão informe
 De treva e dor : Mas não maldigo os dias
 Em que vivi contigo nos teus lares
 Gozando puras, lyrícaes poesias,
 Corra-te a existencia sem pezares...
 Jamais olvidarei as harmonias
 Que me deste a beber em teus olhares.



XIII

Phtysica

Era um rapaz vadio alegre e jovial,
 Gostava do bulício enorme da cidade,
 Cantava ao violão da lua á claridade
 Sua vida de amor, seu pallido idéal.
 A's vezes descançava em meio de uma orgia,
 Bejava enfebrecido as bellas seminuas..
 Exhausto e adoentado a percorrer as ruas
 Depois voltava á casa ; era ao romper do dia !
 Oh ! era um *bon vivant*, trajava á moda ingleza,
 Uzava *pince-nez* com toda a gentileza
 O exímio palrador em pról da escravidão...
 Mas um dia, coitado ! a vaga da miseria
 A vida lhe envolveu em placidez funerea,
 Deixando-lhe adoentado o misero pulmão !



XIV

N' um Cartão

O teu sorrir nacarado,
 Purpureado, ridente,
 Tem os fluidos da serpente,
 Tem os odores do prado...

E acho tanto mysterio,
Tanto encanto, tanta luz,
Nesse sorriso sidereo,
Que teu ser todo traduz...

Que fico as vezes pensando
Se elle é feito do gorgeio
Das aves esvoaçando...

E nesse tão santo enleio—
Escuto voar cantando
Um suspiro do teu seio.



XV

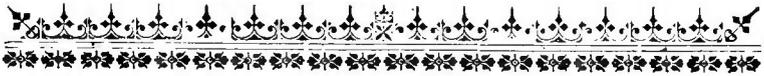
Romanza

Um dia eu despertei : As garrulas chíméras,
E o doido chilrear de minhas phantasias,
Lançaram no meu peito um mundo de poesias
E os hymnos matinaes de sanças primaveras !

Foi como o despertar hysterico de um sonho,
Sacudi de minh'alma excentricos pallores...
Phantasiei um mundo ao aromar das flores
Ao doce contemplar do ceo meigo e risonho !

Modulei-o no vasto e herculeo firmamento,
Traçou-me a inspiração as leis do sentimento
E a aurora irradiou da noite pelos ceos !

Só faltava uma força então, surpreendente
Que chamasse o universo á vida e o inconsciente
Essa força eras tú, eras meu Deus !



XXXII

Joaquim Fontes



Handwritten text at the top of the page, possibly a title or header, which is mostly illegible due to fading and blurring.

Small handwritten mark or signature in the middle of the page.

Small handwritten mark or signature at the bottom of the page.



I

Pelo Azul

Elle, á janella, inclina-se para o lado
Onde ella está —Visinha?—Ah... Visinho!

—Que bella flor eu vejo extasiado..

—Qual dellas é? São tantas e cheirosas...

Aqui nesta varanda : lyrios? rosas?...

—Não me refiro a estas.. —Mas a qual?

—A essa rosa rubra, de coral,

A' tua bôcca... Oh, deixa-me colhel-a!

Mas, como assim?—Com um beijo..—Ah! diz ella...

Sorrindo com meiguice divinal.

—Permittes? Torna o moço docemente...

Se quizeres... responde. Elle, ardente,

Senta-se, á cavalheiro, na janella.

Inclina-se para a outra, onde está ella,

E salta em sua alcova sorridente.

E com labios em braza, tresloucado
Entre os braços tendo o delieado
Corpinho de princeza, colhe a flor,
Que o tinha cegamente apaixonado,
Que lhe causara na alma tanto ardor!

—Ai, visinho!—Que é visinha? Então.

Tu não me havias dado?—Sim; mas, não...

—Mas o que? Suspirou a feiticeira:

—Mas não se colhem rosas pondo ao chão,

Por este modo, o pé de uma rozeira...

II

Felix culpa

E Laura se casou !... Seu pae—aristocrata—
 Chamava de plebeu áquelle que ella amava,
 Enquanto, receioso e attento, procurava
 Um fidalgo gentil, doutor e plutocrata,

Para casa—la então, Porém, o democrata,
 O poderoso amor, que ha muito ella guardava
 Em tão franzino peito, occulto preparava,
 O casamento seu co'um moço burocrata,

E muito pobre até !.. Chamaram-na perdida
 E mulher infeliz, fidalga desgraçada,
 Que fez uma familia nobre envilécida !

Mas o tempo correu... E apòs a temporada
 De pragas, maldições dos seus—á luz da vida
 Deu ella uma crença bella e bem nutrida.



III

A' Ceciliano Soledade

(Fallecido em S. Paulo)

Amigo, -

adeus !... adeus !... até um dia. . .
Talvez (quem sabe?) até a eternidade..
 De longe disse, pleno de saudade,
 A mim, o seu amigo, que partia !

Foi grande a dor que n'alma lhe doia !
 Fatal e triste foi esta verdade !
 Coitado presentia a crueldade !
 Da morte, já sabia que morria !

Honesto e bom, amigo dedicado,
Talentos claros, e sempre resignado
O coração no peito lhe batia !

Que Deus, se è justo e bom, se o bom ampara,
Faça de ti, ó alma grande e rara,
'A estrella mais fulgente e luzidia !...



IV

Apostrophe

(A' meus sobrinhos)

Tu, que um dia encheste a immensidade
De mundos, e bordaste o firmamento
De estrellas, e, por encantamento,
Da noite fazes vir a claridade !

Tu, que espalhas o bem, e que á maldade
Ondejas, e que em nosso pensamento
E's tão sublime e bom ; e tens assento
No coração de toda humanidade !

Tu, pae do amor, da crença e da esperança,
Aspiração do velho, e da creança
Enlevo ; amigo e protector dos ninhos !

Tu, meu Deus, qu'ès o Todo Poderoso,
Não achaste pungente e doloroso
Perderem sua mãe sete filhinhos ? !

V

A' Mihna Irman

(Fallecida a 24 de Junho de 92)

*Que Deus te dê o céo, Mãe carinhosa,
Irmã sincera, esposa estremeçada,
Filha obediente e agradecida,
Sublime coração, alma formosa !*

Tua rara virtude, e a genrôsa
 Bondade, que tiveste n'esta vida,
 Fizeram-te de certa, mui querida
 De Deus, n'essa morada luminosa.

Deixaste o eterno pranto da saudade
 A aquelles que ficaram só orphandado,
 Sem teu amor de mãe e de mulher !

- Porem lhes caberá tambem a gloria
 De que todos verão em tua historia
 Que soubeste cumprir o teu dever !



VI

Em caminho

(Do Lagarto a Simão-Dias)

Rompia alegremente a madrugada,
 A estrella d'alva rutila fulgia !
 E a luz suave e doce desse dia,
 Cantava, saltitando, a passarada !

De cada lado, margeando a estrada,
 Arbustos, hervas, flores eu bem via,
 De cujas folhas frescas escorria
 O pranto, gotta a gotta, d'orvalhada !

De meu cavallo a pata então soava
 No solo, lento ; e lento no meu peito
 O coração baixinho palpitava..

E ao mesmo tempo triste e satisfeito,
 O constellado ceu eu contemplava
 —Emquanto resonavas em teu leito !

VII

Rimembranza di te...

Se é dorida a saudade
Da pessoa que adoramos,
Porque é que não nos mata
E, chorando, mais a amamos ?

Tambem :—porque, se nos fere
Alma inteira e coração,
Em nós, quasi moribundos,
Mais recrudescer a paixão ?

Porque Deus, sabio profundo,
Dando risos ao amor,
Fel-o egualmente irmão gemeo
De tanta saudade e dôr ?

Será esse o mesmo arcano
Que une o espinho as rosas,
E os mais lethaes venenos
A muitas flores cheirosas ?

Não sei... Porem me parece
Que se acrysola a amizade,
Quando, ausente essa, que amamos,
Nos espinha uma saudade !

Pois, como as settas de Achilles,
A saudade,—essa afflicção—
Cura as chagas que ella mesma
Nos abre no coração—



VIII

Duas auroras !

Apenas acordado, fui, correndo,
Abrir de par em par minhas janellas...
No céo brilhavam todas as estrellas,
A casta aurora vinha já rompendo !

Estava um dia lindo amanhecendo...
As aves saltitavam, eu por vel-as
Assim, multicores e tão bellas,
Recordei-me de ti, e fui dizendo :

A natureza inteira esplende, encanta
Quando surge no céo a luz da aurora,
E toda a criação sorrindo canta

Uma canção de amor, pura e singella ?
Tambem miuh'alma ri, de prazer chora,
Quando *ella* me apparece na janella !



IX

Flores

A *Rosa* tem feitiço e formosura ;
Não se vê no jardim flor mais cheirosa ;
Mas espinhos agudos tem a rosa...
Ah, Deus têl-a imperfeita creatura !

O *Jasmim*, tem perfume e tem candura,
Mas é flor mui frausina e melindrosa ;
A *Violeta*, apesar de ser mimosa,
E' triste.. faz lembrar a sepultura !

A *Sempre-viva* vive eternamente,
Mas vive sem frescura e sem odor,
O *Lirio* dura um dia tão somente !...

As *flores* todas tem o seu senão...
Só tu és flor perfeita, sendo a flor
Que tem belleza, odor e... coração !...



X

Meu suspiro

Sahiu-me d'alma quando em ti pensava,
(Eu sempre passo a vida em ti pensando !)
Subtil, ligeiro, celere—foi andando
Atraz de nuvem rosea, que passava.

Corri logo após elle, e procurava
Vencêl-o na carreira. Porem quando
Eu ia, no caminho, o alcançando;
Subito, em beija-flôr se transformava !..

Rufando as azas tenras, pequeninas,
Doiradas pelos raios da manhã,
Corria atraz das brizas matutinas !

Parei... e disse assim :—Mas a que flor,
A' que rosa d'amor, fresca e louçã,
Procura aquelle doido beija flor ?



XI

Ama !

*Se Satanaz pudesse amar, querida,
Nunca seria máo, disse uma Santa :
Talvez a dor não fosse eterna e tanta
A envenenar nossa alma e nossa vida !*

Sua intermina maldade destemida,
Com que o amor espinha e a fé quebranta,
Com duvidas e pranto,—exulta e canta,
Se o coração nos leva de vencida !

Amar é crer :—é ter virtude e crença,
E' praticar o bem sem recompensa,
Só pelo bom sentir e o praticar !

*Vivei ! amai ! o amor é tudo : e é certo
Que sem o amor o mundo é um deserto,
E que só Satanaz não poudo amar !*



XII

Saudades homicidas

Quem diz que de saudades não se morre,
Já morreu-lhe no peito o coração ;
Ou perfido, cruel—ligeiro corre
Em busca de fatal ingratidão !

Não sente mais, não vive, e sim concorre
P'ra que sobre si caia a maldição ;
Não tem um só amigo, e vil percorre
Da a vida estrada sem uma afeição !

Nunca amou n'este mundo, e vindo a morte
Terá como sepulchro o esquecimento...
Em vez de mãe, lhe foi madastra a sorte !

—Ha saudades que matam—stá dizendo
A mim o coração n'este momento...
De saudades se morre...estou morrendo !



XIII

Porque ?

Talvez não saibas quanto me entristece
No teu semblante ver real tristeza !
Causa-me tedio inteira a natureza,
E tudo só negrura me parece !...

Não sei que amargo pranto te entumesce
As palpebras coradas e a viveza
De tuas roseas faces de princeza,
Tambem não sei porque desaparece !

Que mal fizemos nós a Divindade
Para que fosses tu assim punida,
Com tanto desamôr e impiedade ? !

Que crime pratiquei eu n'este mundo.
Para soffrer pezares toda a vida,
E Deus votar-nos sempre odio profundo ?



XIV

Meu amor

Eu venho do peito *Melle*,
Risonho, alegre, febril,
Como do sol vem o raio
E a primavera de Abril!

O meu pae chama-se *Acaso*,
Mas é tão filho de Deus,
Como as estrellas e as flores!
E o coral dos labios teus!

Quando nasci, toda a gente
Disse:—Teu nome é—Amôr,
Viverás de riso e pranto,
De prazer, saudade e dor!

Mas agora vim querida,
Fazer minha habitação
No ceu puro de tua alma,
Dentro do teu coração!





XXXIII

Manoel dos Passos de Oliveira Telles





I

Juramento

Prestei um juramento ante os altares,
Idolatra do amor, meu voto é firme :
Juro pelo universo e pelos mares
Amar-te casta flor. Ah ! Deus confirme.

Palavras que já disse aos quatro ventos,
Tomado o coração d'alma ventura !
Christão, nunca empunhei meus juramentos ;
Poeta, canto o amor que a alma jura.

Ve lá, musa do affecto, a quanto obrigas ?
Jurar.. é encadeiar a liberdade,
E' depor o querer ; e as inimigas
Verdades proferir á immensidade.

E' quebrar o bastão—conveniencia,
Isolador de lutas e despeitos ;
E do real na limpida fluencia
Ir affogar bem fundo preconceitos.

Tudo porque o quer o juramento.
A vontade é refem dessa peleja.
Perjuro, a honra e brio e sentimento
Conflagram-se a rugir... Tudo pragueja ;

Caem como pó as ululantes iras
Dos homens e das cousas revoltadas ;
Alevantam-se as pallidas mentiras.
Vão tremendo palavras consagradas.

Não : perjuro, jamais. Cumpro meu voto.
 —Jurei pelo ideal e causas grandes;
 Pelos mares e céos, pelo ignoto :
 Jurei por ti, amor, que mais te expandes ;

Jurei pelos affectos mais sublimes
 Que pode o peito humano alimentar !
 Adoro-te, mulher. E tu me eximes
 Da promessa jurada executar ? !

Foi grande o sacrificio ; o que denota
 A força deste amor que a ti me prende,
 Que faz que todo inteiro se alvorota
 O livre coração que a ti se rende.

Portanto, sobre o mar ou sobre a terra,
 Aqui ou além, em qualquer parte ;
 Ou me bafeje a paz, que longe erra,
 Ou me lacere a dor ; e de tal arte

Que nos labios me tolha o riso vario,
 Hei de inteiro zelar o bello ramo
 Dos votos que empenhei, esse rosario
 De minha devoção. Ouve : eu te amo !...

E juro até morrer a ti sómente
 Amar nesta existencia amarga e dura ;
 Adoro-te mulher. A alma não mente ,
 Penhor de tanto affecto é minha jura.



II

Navio Abandonado

No arrecife duro naufragado,
 Como um tritão sentado sobre as aguas,
 Aos ventos vás contando tuas maguas,
 As terras e regiões que has visitado.

Tu fallas de tufões, ó lenho ousado !
Solitario calando as tuas fraguas,
Um mundo inteiro tu desaguas.
De episodios tocantes do passado.

O homem, como tu, derrota certa
Vae seguindo, seguindo, sempre alerta
A alma e o coração d'amor sedento.

E ás vezes antes de chegar a morte,
Perdido o rumo que lhe aponta a sorte,
Naufraga no escolho-esquecimento...



III

A um tropeiro

Viandante, de onde vens
Que trazes tanta canseira,
E que toda a roupa tens
Entranhada da poeira ?

Chegas de longe.—Das Mattas ?
Roidas do pedregulho,
Vejo tuas alpargatas...
No sertão houve barulho ?

Ha ! não trescalas os cheiros
Que exala a flor de candeia,
Rasgaram-te os espinheiros...
Vens de alguma terra feia ?

Tu vens da Tabanga alem ?
Não és curáo; beiradeiro
Do S. Francisco. Pois bem :
Descança um pouco, tropeiro.

Na missão de almocrevar
 Vas gastando a existência.
 Correm rios para o mar,
 Tu corres para a indigência.

Sempre com rir jovial
 E pura alegria mansa.
 —Eu atraz d'uma ideal
 Corro perdendo a esperança.



IV

A'...

Escutemos. Uns vagos murmurinhos
 Entrançam-se na arvore sombria,
 E vê-se faiscar pelos caminhos
 As chispações do declinar do dia.

Não te assustes. Alegres passarinhos
 Aproveitando a tua companhia
 Vêm revoando procurar os ninhos;
 E' hera da saudade; o fim do dia.

Não vês nessa extensão do puro affecto
 —Onde o sonho é batel no mar inquieto—
 Raiar uma esperança que encandece?

Ai! vem commigo, ó minha doce amiga!
 Que longe, muito longe, a alma lobriga
 O astro de amor que adoro, que apparece...



V

Por teu amor

Quizera ser um dia um Doge de Veneza.
 Daropé r teu amor a mais rica princeza;
 A per'la mais gentil

Do meu gorro formoso ; as cidades de Creta,
As Cycladas gentis ou a Grec'ia dilecta,
As minas do Brazil.

Quizera ser um rei oriental, repito.
Como um lençol de neve alvo e bonito
Logo ao raiar d'aurora,
Rolaria meu nome assim de mundo a mundo,
Quente de todo abysmo arrastador, profundo...
Ainda mais, senhora,

Bem vêz, quizera ser na terra, nesta vida,
Tudo por te adorar : visão, sombra querida,
Banquejro, rei, senhor !
E de ti nada quero. Oh ! nada ! Mas anhele
Somente esse teu rir encantador e bello,
Somente o teu amor !



VI

A uma menina que me pediu versos

Se te dicesse que as flores
Do que tu são menos bellas ;
Que a ardente luz das estrellas
O luar com seus desmaios,
E' feito dos mesmos raios
Dos teus olhos matadores ;

Tu zombaras duvidosa !
Chamar-me-hias atheu
Por dar a couzas do céu
Um reflexo da terra :
Mas o que a alma descerra
E' a verdade, mimosa.

Ouve-me, pois, tu que és bella,
 E és subido primor :
 —Teu rir... é aurora do amor.
 Ao contemplar-te, formosa,
 Eu vejo abrindo uma rosa
 Ou penso que és estrella.



VII

A uns quinze annos

Hontem em frente ao luar
 Tu te chamaste infeliz.
 Mas ah ! não queiras pensar
 No que esta palavra diz.

Como ! Infeliz ?... Tua vida
 E' uma vicessão de auroras,
 Cada qual mais refulgida
 De cores mais seductoras.

Teus olhos veem o mundo :
 —E' uma candida imagem..
 O teu fallar mais profundo
 Parece uma voz da aragem.

E vês toda a natureza,
 —Mimos, luzes illusão,
 Tal e qual com a clareza
 Que te falla o coração.

Tudo vem annunciar-te
 Que vives como uma flor;
 As brisas em toda parte
 Fallam-te baixo de amor.

Inda julgas-te infeliz ?
Não digas mais, é loucura ;
Que a mesma palavra diz
Que tua vida é ventura.

Os sonhos riem-te n'alma,
E' todo azul o teu céu ;
Tua existencia é calma ;
A tua noite sem véo,

A tua bocca de rosa,
Preferindo a desventura
Tornou-a tão graciosa,
Disse com tanta frescura,

Que julguei ver um instante
Sorrir a propria tristeza...
Da lua um raio faiscante
Cahio-te aos pés com viveza.



VII

Estancias

I

Tu queres ver, amigo,
Qual o motivo porque vivo triste
Quando nada me falta aqui? Sentiste
Alguma vez em teu calado abrigo
Amor que te eleve a imaginação
Enchendo-te de solidão?

Oh ! sim, nada me falta aqui, eu juro:
Limpo ceo, bello sol, serena lua ;
Em cada bocca um riso; em cada seio

Ninho de anelo celestial e puro.
 Que mais quizera ver na terra tua ?
 Aves e rosas, corações, eu creio,
 Tudo vem me dizer cousas ignotas ;
 Tudo me leva a regiões remotas.

II

Portanto, eu quero rir se 'stou contigo.
 Quero illudir esta ancia inexgotavel
 De ver o que 'stá longe—um astro amigo,
 Nevoas, clarões, luar admiravel...

III

A tua terra, pois, é muito boa.
 Para viver aqui nada me falta;
 Para viver aqui ? E ando a toa ?
 Que pezadelo minha mente exalta ?

Ai ! falta—falta tudo quanto amo,
 Toda minha alegria,
 Todo o ideal que ao coração enramo !
 Sim, falta a harmonia
 Da sua voz.—Por ti embalde chamo,
 Falta-me tu, Maria !

IX

Os olhos verdes

Tenho visto muitos olhos :
 Uns são azues, cor dos ceos :
 Outros vivos ; e taes olhos
 Parecem astros sem véos.

Uns resumem faiscantes
 As irradiações do sol ;
 Outros imitam vibrantes
 A mansa luz do arrebol.

Copiam a fresca aurora,
São as tochas da alvorada,
Aquelles ; a toda hora
Prendem a alma arrebatada.

Esses, disseras ao vêl-os,
Scintillações do ideal ;
Nunca mais has de esquecer-os ;
São como o iman . . . Que tal ?

Olhos - perolas, diamantes,
Olhos negros de matar.
Mas uns olhos tão brilhantes,
Uns olhos da cor do mar ;

Como os teus, eu vejo agora :
Verdes como os vegetaes.
Nelles a luz avigora.
Nuanças originaes.

Olhos verdes são esp'ranças
Que se condensam em sóes ;
Por elles quebram-se lanças ;
Olhos que fazem heroes.

Olhos que fazem pcetas
Em lyra d'ouro a cantar ;
Tão verdes ! vozes dilectas
Parece que vão fallar.

São uns olhos verdes, bellos,
Verdes como a mocidade ;
São gêmeos globos de anhelos,
Que não fallam de saudade.

São uns olhos verdes, claros.
Como formosas paysagens ;
De tanta belleza avaros,
Lagos de errantes miragens.

Tenho visto muitos olhos:
 Vivos, negros de matar.
 Mas gosto só dos teus olhos,
 —São verdes da cor do mar.



X

Versos a aurora

Jurei escrever uns versos
 Para cantares. Mas vi
 Que uns versos feitos a ti
 Devem ter os tons diversos
 Das azas do colibry.

Devem pintar as auroras
 Com esmerado primor,
 E trescalar o frescor
 Desta cor de que te coras,
 Que exprime tanto dulçor.

Uns versos tão crystallinos,
 Que tenham a transparencia,
 Dos bellos céos : com a ardencia
 Dos teus risos argentinos,
 —Per'las da tua innocencia.

Versos que presto vislumbrem
 Emanações do ideal ;
 Cheios de perfeição tal
 Que a ti mesma deslumbrem,
 Pelo que tem de real.

Versos taes que das espheras
 Imitem colias notas ;
 Que lembrem cousas remotas,
 Distante ; das primaveras
 As maguas ignotas.

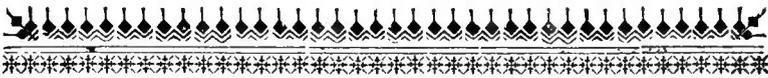
Versos taes dizem as aves
Perto, perto da alvorada :
Ou quando em revoada
Voltam aos ninho. Suaves
Como bella madrugada.

Mas eu . . . não sei escrevel-os !
Que para taes versos dar-te
Fora balda toda a arte.
Oh ! eu não posso dizel-os !
Que versos posso offertar-te ?

Versos cheios da doçura,
Dos mimos da tua idade ;
Sem um matiz de saudade ;
Co'essa etherea frescura
Dos risos da moccidade,

Não posso, é baldado intento !
Poeta, não sei dizer
Versos a aurora ! E' dever
Olvidar o juramento.
— Não posso os versos fazer.





João Ribeiro Fernandes





I

Amor e Rosas

Um anno agora faz que em minha casa estavas
Em meu pobre jardim rosas brancas havia.
Por desejal-as, tu nos pés te alevantavas
Para a rosa colher que mais alto floria.

Embalde ! pois que a tanta altura não chegavas !
Para ajudar-te fui, e quando o braço erguia
E erguia a mão buscando a flor que desejavas,
Do teu olhar gelou-me a constante ironia.

Nesse momento, eu tremo, e o galho me escapando
Dispersa pelo espaço as desfolhadas flores,
Que te vieram cobrir a fronte compungida.

—Não é muito, senhora, (eu te disse) attentando
Que quem amor nos dá partido em muitas dôres
Uma rosa receba em petalas partida.



II

Magdalena

• Vós que passaes, ó turba renegada
Olhae-me bem, dizei-me, vós senhores,
Se accaso tendes visto em vossa estrada
Dor que de longe lembre as minhas dores

«Cegos que sois e estúpidos ! as flores
 Dizem-me ao ver : la vai a desgraçada !—
 Eil a, a mesquinha !— a vaga diz, labores
 De lenço abrindo, em terra ajoelhada.

«Ide-vos, pois, eterna, indifferente,
 Vós me cuspis na fronte a injúria e o insulto
 Sem reparardes, crua e estranha gente,

«Que entre aromas a flor me fala, e exulto
 Ao ver que a propria vaga penitente
 Dobra os joelhos me prestando culto.»



III

Rimas

Estes versos onde a rima
 Está petizando, a medo,
 Como ave a cantar em cima
 Do arvoredó,

Imaginei-os um dia
 Não sei quando. (E nem se tracta
 Quando se escreve poesia,
 D'uma data.)

E' na verdade um tormento,
 E para o qual ninguem olha,
 Estar à mercê do vento,
 E ser folha,

Que se desprende do galho
 E perde esse amor profundo
 'Da patria, do sol, do orvalho
 E do mundo.

Como é doce o captiveiro !
Como é suave uma algema !
Fica, ó sonho derradeiro,
Neste poema !

Canta ! e dentro d'um *quartetto*,
Como se gaiola fôra,
Suspira um canto dilecto,
Ri-te, chora.

Eia, pois, contempla a calma
Da mulher idolatrada,
O corpo de joelhos, a alma
Ajoelhada ;

Pois que inopinadamente ;
Curvo-me onde quer que a veja.
Como quando passo em frente
D'uma igreja.

Tal essa luz que em caminho
Da vida envolve-me e que eu
Julgo bóveda de ninho,
Ou do céu.

Quero ver-lhe as formas quando
Vem ante mim, assombrado ;
Clara a voz, o rosto brando
E maguado.

Ver-lhe a bocca onde o rumor
(Como nas rosas) diviso
Do invisível beija-flor
Do sorriso.

Ver-lhe a fronte onde eu sentia
O gelo que nella esteve,
Pois que tão branca e tão fria
Só a neve ;

E a mão que em gentil desgarro
Sae de alvo braço... talvez
Lirio no boccal d'um jarro
Japonez.

Ver-lhe os cabellos chanfrando
A banca fronte sem véo,
Tal supponho a noite entrando
Pelo céo,

Se pode a noite funesta,
Rompendo a azulada umbella,
Passar atravez da fresta
D'uma estrella.

Neste mundo, quem me dera
Possuir esse ideal de amor!
Se canta—è ave. Se cheira,
—Uma flor.

Mas ave sem ter guarida,
E flor que não tem um ramo.
Minha vida, minha vida,
Como eu te amo!

Amal-a! e mais do que tudo
A adorar, prostrar-se ao vel-a
Deante d'ella, ficar mudo
Deante d'ella.

Sei que estes versos brunidos
Como insectos d'oiro vão
Buscar os pet'los ungidos
De alva mão,

Zumbir-lhe por entre os dedos
Nas roseas unhas, e voar
Com as azas dos meus segredos
Terra e mar.

Uão de chegar algum dia.
Não sei quando, e nem se tracta
Quando se escreve poesia
D'ama data.



IV

Flesh and soul

Que és um astro, supponho, que emigrado,
Rolou do céu à terra ennegrecida ;
Porque não tenho ainda me explicado
Como haja tanta aurora em tua vida.

Mal me achego de ti, minha querida,
Tu me illuminas d'esse amor sagrado,
Entra-me n'alma a dentro o sol doirado
Da tua voz magoada e dolorida.

Comtudo és mais que o sol que vae embora,
Quando a terra volita soluçante
Abrindo as azas pelo espaço a fora .

O contrario é contigo, ó minha amante !
Tu sempre me illuminas, a toda hora
Vivo voltado para o teu semblante.



V

Razão do silencio

A pena tomo e escrevo, e todavia
 A' primeira palavra páro e hesito :
 Quem sabe se este pequenino escripto
 Novas tristezas não lhe augmentaria ?!

Que importa á Lucia o meu profundo grito,
 Que lhe importa saber a historia fria
 Dessa paixão cujo soffrer maldito
 As carnes me devora noite e dia ?

E a pena deixo. E a penna atiro a um canto.
 Eu não devo escrever-te ! as minhas dores
 Busquem, se querem, expansão no pranto.

E nunca mais hei de escrever, porquanto
 Perdem à luz os nossos dissabores
 O proprio aroma tal se fossem flores



VI

Museon

(ENTRADA)

Museon ! museon ! meu templo d'Arte
 Feito de sangue, de meu sangue feito,
 Das magoas concentradas
 Das minhas dores todas amantoadas.

Fil-o blindado d'uma e d'outra parte
 Pela asperrima energia de meu peito
 Cuja eterna couraça
 A mesma bala da dor não traspassa.

Fil-o de pedras, rochas e diamantes
E da condensação das causas fortes
A panoplia de tudo
Que pode ser espada ou ser escudo.

Não lhe escorrem piedades lacrymantes
A bruta face, mas vozes de cohortes
Imprecações guerreiras
Das longas linguas rubras das bandeiras.

Mas as palavras cruas do soldado,
A sonora furia da batalha
Onde eterno se agita
O Odio rubro juncto á rubra Vindicta.

Templo do Abysmo! Egreja do Peccado
O Contacto da funebre mortalha
Que transmitta á epiderme
A força viva e postuma do verme.

Tudo isto são restos e estilhaços
D'um cadaver. São rapidas fagulhas,
Deleterios fulgores
Da composição das minhas dores.

Collaboraram n'elle os meus canções,
E d'um templo as altissimas agulhas
São as cristalisadas
Aspirações para o ar arrojadas.

São as bavas cuspidas, as salivas
Das blasphemias que dentro me consomem
No desespero eterno
De novo Lucifer sem um novo inferno.

E n'elle gastarei as forças vivas
A mocidade tudo quanto d'Homem
Em mim e existe e medra
Vamos ! ao tumulo ! á primeira pedra !

(N. 1.)

Entras no banho, Fulvia, e a lympha mansa
 Onde teu pé mergulha estaca e mira,
 A face, a bocca—essa verme'ha pyra
 Que o insenso, em ro'as, do sorriso lança.

Vem preso ao rosto o branco torço e a lyra
 Dos teus braços endareo donde a trança
 Em polychordio chove e abaixo atira,
 Do nocturno cabello a basta frança.

Tudo se espêlha n'agua sonorôsa
 Que de vaidades calida borbulha
 (Nunca o fizera marmore nem rosa).

E a lympha corre, passa, vae, murmulha
 Toda cheia de ti, desde a formosa
 Fronte ao lugar onde teu pé mergulha.

(N 2.)

Hellés, a formosissima das gregas,
 Roseo trecho de marmor sob escumbros
 D'um Pantheon que as divindades cegas
 Soterraram depois de tel-o aos hombros,

Hellés, um dia, sobre a praia chegas...
 Inclina se extensissimo os combros
 E o vento alarga em fremito de assombros
 Da tunica do mar as verdes pregas.

E tu reinas, tu só ! De balde, vagas
 Sobre outras vagas se atropellam ; correm,
 Uma por uma, indifferente esmagas :

Como as paixões na tua vida occorrem,
 Uma e mais outra nas desertas plagas
 Chegam e morrem, e chegam e morrem.

(N. 3)

Simples braço d'um satyro, imagina,
Que phantasia de esculptor gerara.
Que gesto raro n'esta mão ! que rara
A formosura d'essa antiga ruina !

Ai ! quanto não serei peregrina
A bella voz que a frauta lhe vibrara
Nos finos dedos e na mão tão fina,
Que transparece a luz do dia clara.

Dizer-se que este braço esteve outr'ora
Preso ao torso de um bode ! e mais espanta
Saber que n'esta mão encantadora

Que dedilhara a citola de flora,
Onde a harmonia da floresta canta,
E' n'esta mão que a impudicicia mora.

(N. 4.)

Este vaso quem fez, por certo fel-o
Folhas de acantho e parras imitando,
E' do ver-se a aza fosca o setestrello
De saboroso cacho alevantando.

Que desejo viria de sorvel-o
Os gomos todos um a um sugando.
Quando, contam, dos passaros o bando
Do céo descia prestes a bebel-o.

Examina este vaso. N'um momento
Crê-se vê-lo a voar, o movimento
D'aza soltando, como aereo ninho...

Será verdade que este vaso vôa
Ou por ventura á mente me atordôa
Seu capitoso odor de antigo vinho ?

(N. 5)

Nitrem fogosos os cavallos...vê-se
Do freio em frocos a cahir a espuma.
Cavalleiros, pareo ! a noite desce,
Cae o manto, extensissimo da bruma.

Dentre de pouco pallida apparece
A branca lua. Estrellas uma a uma
Do campo azul por onde a luz reçuma
Formam nos ermos a dourada messe.

Então, ide-vos, rapidos, levando
Os rijes coraçãoes sob a couraça...
Porem cautos que sois vades lembrando

Que resistente á lança, esta carcassa
Subtil e surrateiramente o brando
Amor vezes e vezes a traspassa.

(N. 6.)

Telasippa, honra a Theos ! à pyra em brasa
Ajunta o fogo e mais prouvera ao Nume
Ardel-o em ti do que no pollen dá aza
Do astro que a chamma celestial consume.

Crepita o sacro rhodo, dentro abrása
A oliva em lascas cheias de perfume.
Vivo este fogo, Telasippa ! o lume
Vivo, honra a Theos, em sua ingente casa !

Ai d'aquella que um dia aos ermos lares
Deixar a chamma virginal desfeita,
Azul, torcida, reiambendo os ares

E tremula apagar-se. Ai d'ella ! feita
Uma estatua de cinza nos altares
Sujeita ao crime e a todo o mal sujeita !

(N. 7)

A toda sala que tristeza empresta
Essa panoplia ! a espada antiga, a lança,
O escudo lucido e brunido, a aresta
Do arnez que a vista experiente cança.

As armas todas me despertam, esta,
D'um cavalheiro a varonil lembrança,
Aquella, um moço, acaso imberbe creança
Que o sol dos campos de batalha cresta.

Quanta promessa, em meio das conquistas,
Cortara o gladio, o mesmo que depois
Esplende a sala, e aqui deslumbra as vistas.

Pois esses brrilhos rutilos de sóes
São por ventura as derradeiras pistas
Das luminosas almas dos heroes.

(N. 8.)

Foi com esta maçan d'oiro polida
Que as ambições movendo de Atalanta,
Poude Hippoménes alcançal-a. E quanta
Victoria a essa em tudo parecida !

Ao ideal aspira ! à estrella aspira ! à vida
Aspira ao nada, ó turba agonizante,
Ou chores quando a terra alegre cante
Ou cantes quando a lagrima vertida

Desça-te á bocca E bastaria apenas
Para galgar essas regiões serenas
A maçan de Hippoménes, flebil, louro...

E chegáras ao ideal, a vida, o pomo
Aureo atirando á propria estrella, como
Lá chega a luz—por uma escada de ouro,

(N. 9)

Lahis cujo semblantes copiado
 Foi da espuma tyrrhena e a sangue tinto
 Dos roseiras de Kypre, abrindo o cinto
 Que foi da vespa aos elytros tomado,

Deixa o manto cair e o labirinto
 De mil dobras da tunica. O nevado
 Corpo lhe escorre o sangue derramado
 Do rubro manto agora aos pés extinto.

E o seio tremulo surge, e o collo, e a alvura
 Do collo, o corpo todo e a claridade
 Do corpo todo, pallida, fulgura.

A purpura no chão mira a deidade
 Torre-se, enfunha-se e medindo a altura
 Salta de baixo e a face d'ella invade.

(N. 10)

Na floresta os crepusculos eu passo
 A flor colhendo e o saboroso fructo
 Ouço um rumor, e cauteloso, astuto,
 Apalpo as folhas estendendo o braço.

Fauno talvez ! e horripilado escuto . .
 Eis quando surge sob um sol escasso
 Não qual imaginara o Deus hirsuto,
 Mas uma nympha de ligeiro passo.

Ah não fosse eu mortal e fosse dado
 Ao humano ser dos deuses o pecado !
 Se n'aquelle momento um deus eu fosse,

Ao vento a flor e o fructo desprezando,
 Minha fôra esta deuza que è, passando,
 Mais que a flor mais que o fructo bella e doce.

(N. 11.)

Do mar e das espumas tu nasceste,
 O' forma ideal de todas as bellezas,
 Inda teu corpo, mal vestindo-o, véste
 Um collar de maritimas turquezas.

Milhares d'annos ha que appareceste,
 Outros milhares d'almas sempre accezas
 No teu amor, la vão seguindo prezas
 Da tua garra olympica e celeste.

Beijo-te a boca e sigo embevecido
 Ondas sobre ondas, pelo mar afora,
 Louco, arrastado qual os mais têm sido,

Ora te vendo as formas nuas, ora
 Toda nua a sentir-te em meu ouvido
 Do eterno som dos beijos meus sonora.



VII

Vingança de uma arvore

I

Perto d'uma cidade antiga afama havia
 D'um carvalho sagrado. A' sombra-lhe acorria
 Todo o povo a prestar o culto e adoração
 D'aquelle idolo forte, enrijado no chão,
 E da terra nativa o habitante mais velho.
 Haviam-n'o plantado os deuses em conselho
 Reunidos para oppor aos inimigos a audaz
 Sentinella na guerra ou nos tempos de paz.

Era de ver-lhe a altiva, a deleitosa fronde
 Que uma parte do azul com ramaria esconde
 Harpa de vozes mil de passaros, cantar

Alto erguida no céu e coagulando o ar
 De verdura ; de vêr-lhe o lenho annoso e forte
 Quando, retemperado às ameaças de morte
 Ao flanco o manto asperrimo, ia o Frio hybernal
 Britando tiritante a brenha, e o mattagal..

Extraordinario, o vêr-se, em perspectivas, as ramas
 Lineadas a buril sobre o poénte, e as chammas
 Da luz ora entornada ao chão flexuoso, mol,
 Discos que arremeçava o muribundo sol
 Longinquo. Era de ouvir-se as cantigas ferozes
 Dos echos—natural sombra, ao longe, das vozes...
 E sempre a fronde queda altissima a cantar
 Theorba da Tradição coagulada no ar.

Ao pé da arvare havia, emtanto, o sorvedouro
 D'nm rio que passava a fulva capa de ouro
 Undivaga arrastando, encontroando estouraz
 A cava rocha troante —o pouso contumaz
 De cyclope bravio entre as esconsas fragoas
 Feitas pela caricia indomavel das aguas.
 Era o rio, de certo, a defeza melhor
 Da cidade porquanto a vence!-o e a transpor
 Somente chegaria o genio do Charonte
 Se houvesse o inesperado auxilio d'uma ponte.

Por isso, recresça o culto e adoração
 Daquelle idolo forte, enrijalo no chão :
 Todo povo acorria ao pé da arvare santa
 Primeira a ver a luz quando o sol se levanta.

II

Ora, a negra caudal de sangue veiu um dia
 E jorrou sobre o Imperio a legião sombria
 Dos barbaros. A guerra, a pilhagem cruel
 Sobre a Italia tombou, devastando o vergel
 De Roma, e campo, o trigo, emurchecendo as seáras,

O Incendio, a Peste, a Fome, as expansões avaras
 Rebentaram do solo estrumado na dor
 Na decomposição do conforto e do amor...
 E o camponez fugia aos Herulos bravios,
 Deixando os arraiaes, pingues margens de rios,
 O arado ao cepto, a fouce ociosa entregue ao vil
 Descanço, e desarmado o ariete, o projectil,
 Faminto, ia buscar no seio das florestas
 O conchego d'um lar para as esposas honestas.

Os germanos, descendo a Italia a demarcar
 Por contornos de fogo o campo inteiro e o mar,
 Chegaram. Noite afora um bando cruento invade
 Para tomar de assalto a misera cidade.
 Loucura ! quem podéra a cidade assaltar
 Seentre ella e o campo havia inda peor que um mar
 Indomavel um rio espumante impetuoso ?

Sombrio imaginando um plano tenebroso

O barbaro pensava :—impossivel talvez
 Transpor aquelle rio !—

E na hedionda ebriez
 Do crime : A's armas ! clama. A's armas ! necessario
 E' fazer-se uma ponte atravez d'esse estuario,
 Desse abysmo que impede a estrada a todos nós...
 (Todos vieram cercal o afim de ouvir-lhe a voz)
 Derrubemos esta arvore e o tronco selvagem
 Tombando sobre o rio ha de dar-nos passagem.—

III

Alta a fronde no espaço escuta...sem mover
 As folhas. Quem lhe dera os braços estender
 E a hospitaleira sombra aos seus velhos affectos,
 Quem dera a pequenez dos celeres insectos
 Para n'esse momento a distancia affrontar,

Das barbaras legiões o segredo levar
 A' cidade que dorme esquecida, impolluta !
 Alta a fronde no espaço immota e queda escuta...
 Em baixo, em terra, zumbe enxameia a legião !
 Trôa a barbara voz «Promptos !» promptos estão.

Breve, o machado imigo o rijo lenho fende,
 Golpe sobre outro golpe e lactescente osplende
 Lacrimante resina. O tronco a estremecer
 Trepido a fronde abala apiedade a chover
 Sobre o seu proprio algos a corbelha de flores,
 Respondendo ao golpear de machado os rumores
 Da passurada em cima o vôo a levantar..

E uma pausa se faz. Vae a arvore tombar...
 Range retoras e cae estrugindo sobre a onda,
 Ronco, ao longe, o fargor pelos valles estronda.
 —Ell-a, a ponte! o germano alegreme
 Passamos pois, o Deus dos barbaros o quiz.—

E aahoste inimiga irrompe o tronco todo enchendo,
 Feros, armas a mão, ao rio emfim vencendo.
 Porem, dentro de si emfim, concentrando o poder
 A rude arvore enrija as fibras e a gemer
 Arrebenta-se e vinga as suffocadas maguas
 Os barbaros cusbindo aos abysmos das aguas.





Augusto A. de Carvalho Franha







I

Domus aurea

Sobre a montanha do meu tedio erguida,
Cheia de luz, alvíssima, sonora,
Minha alma è como encantadora ermida,
Onde podeis entrar, gentil Senhora.

Resôa o psalmo que a scismar convida
E vai subindo ao céo, espaço em fóra.
Quem reza? O amor que me illumina a vida,
Dá sangue à idéa e os versos me ávigorá.

Paira em redor indefinido e vago
Rumor vindo do *Alem*, tal sobre o lago
Deslisa o pescador, cantando ao longe.

De joelhos, Santa! E' o nosso ideal que passa
Fazendo, ao vir do almo paiz da Graça,
Gemer n'esta alma as vespéras de um monge.



II

Acto de contricção

Da magua infinda dos teus martyrios,
Virgem das Dôres, immaculada,
Desponta, rútila, a madrugada
Beijando as rosas, abrindo os lyrjos.

Suavisa todos os corações
 A castidade dos teus olhares ;
 E do teu rosto nos mil scismares
 Eu vejo bençams, vejo perdões.

Eu trago o peito todo ferido,
 Todo ferido de vis peccados.
 Estrella maga dos condemnados,
 Attendo ás vozes do meu gemido.

Ah, se pudesse trazer quizera
 As crenças puras que tive outr'ora :
 —Rosas sangrentas da côr da aurora,
 Jasmims nevados da Primavera.

Mas eu que venho pelos caminhos
 Buscando, embalde, velhas visões
 Trago, olvidadas, as orações,
 D'alma vasio os pobres ninhos.

Amor celeste, piedade immensæ,
 Nossa Senhora, do meu pezar
 Faze, Rainha, resuscitar
 Mais claro e fulgido o sol da crença.



III

Contemplação

Homem ! Debalde olhando o céu tranquillo
 Perguntarás, talvez, porque é que existes.
 —O céu è como murmurante Nilo
 Que, em vão, fecunda as orações dos tristes.
 Dos teus anhelos as formosas plagas
 Jámais fará florir benino orvalho.
 Dirás, de certo, ao rio : «Porque esmagas
 Meus sonhos se como elles tanto valho ?

Vem do teu leito a cheia transbordante
Que, altiva, traz o Amor e o Odio conduz ;
E no teu curso ha forças de gigante,
A alma da côr e as vibrações da luz.

Da vaga branca que abre, em flor, a espuma,
Uma outra vaga, celere, renasce ;
E tanto mais teu leito se avoluma
Quanto mais elle te florêa a face.

Tu vaes banhar o inabrigado porto
Onde não chega o pensamento humano.
Tens a systole e a diastole do morto,
Terrível coração, que foi do oceano..

A' noite ás vezes, lúgubres, sangrentas
Parecem molles collossaes dos astrós,
Naves que vão, ao silvo das tormentas,
De vélas rôtas e parlidos mastros...

A lua é como extremo sonho vago
De paz e de esperança ao que naufraga ;
Lenho que os ventos, em traidor afago,
Hão de levar a mais remota plaga.

E então sondando o pélago profundo
O velho Deus, o legendario, o forte,
Murmura, a rir — Este mesquinho mundo
E' o rio negro onde desagua a morte.

E tu, homem, fitando o céu tranquillo
Dizes, envolto em extasis tristonho :
— Deslisa mais veloz, nevoento Nilo
Das crenças mortas, dos fanados sonhos. »

VI

Saudade

Auda minha alma triste e errante
No céu sem fim e pelo mar
Ah, que saudade lacerante
Fal-a chorar, fal-a chorar !

Oh, minha Mãe, piedosa e amante,
Estrella vèspèr do meu lar !
Oh, minha Mãe, que estás distante,
Vem-n'a, cantando, acalentar.

Eu fito as bandas do levante,
Tristonho o rosto, em pranto o olhar ;
Mas só deviso, tremulante,
Morrer a luz crepuscular.

Ai, que saudade suffocante !
Que nostalgia do meu lar !
Tomba em minha alma agonisante
A luz de um sol a declinar.



V

Balada do rei do Thule

(GOETHE)

Viveu, em Thule, um rei outr'ora,
que foi modelo dos amantes,
e na mulher prezada a aurora
revia em todos os instantes.

Ao d. visar a morte, rindo
legou-lhe a amada um vaso de ouro,
que foi de todos o mais lindo
e raro dom do real thescuro.

Punham-n'ò sempre á sua mesa,
pois por aquelle è que bebia.
Ao ver-lhe a face triste, presa
a alma ficava á dor sombria.

Aos seus herdeiros fez doar,
ao presentir extincta a vida,
joias de preço, bens sem par,
excepto a prenda estremecida.

Tal succedeu em um de maguas
banquete dado á fidalguia,
em —torre herdada, que, das aguas
marinhas, lugubre immergia.

Aos poucos, o ultimo conforto
tendo, a sorrir, calmo bebido,
com o braço quasi, quasi morto
levanta o seu penhor querido.

Pela janella ao mar o atira,
por não querer deixal-o á terra :
enche-se, ondeja e, alfim, revira
o vaso, que hoje o oceano encerra.

Então, no mesmo instante, quando
no mar o vaso se abysmava
o rei de Thule, o olhar velando,
sereno, em sonhos, expirava.



IV

Musa

I

Desprende as azas, phantasia louca !
Bem sabes tu que o tédio hoje não veio
A gargalhada que os mortaes apouca
Estridente soltar dentro em meu seio.

Busca um regato de rumores cheio
 A minha Musa e a cabecinha touca
 De alvos jasmims e em matinal gorgoio
 Descerra a fresca e peregrina bocca.

Procura, a rir, algum recesso grato,
 Sonoro pouso onde palpitem azas
 E a alma do aroma delicie o olfacto

E de onde possa, despedindo as penas
 Subir, amor que o coração me abraza,
 Ao claro céu das illusões serenas.

II

Pensando, agora, que me tinham dado
 As niveas azas que a utopia empresta
 Aos que percorrem todo o illimitado,
 Amplo horizonte, num vibrar de festa,

Fui pela esphera, em sonhos bons, levado,
 Da hypocrisia livre e da funesta
 Luta da vida de tremendo brado
 Da magoa atroz, que aos infelizes resta.

Que ares tão puros, que subtil aroma,
 A largos austos, eu bebera ancioso
 Como o que a sede, em lymphas claras, doma !

Para melhor cantar, meus versos trajem
 Rima de luz, possam dizer o gozo,
 Do olhar de Musa, immerso na paisagem.

III

Julgo que vou, de algum rochedo alpestre,
 Gozar com ella todo o panorama...
 — Talvez, Senhor, meu animo sequestre,
 Por algum tempo, á vida que me chama.

E' como ninho de aguias e derrama
A Natureza, em tórna da silvestre
Motanha, pura e feiticeira gamma
De sons que, em terra, ninguem ha que orchestre...

Outro me sinto. A minha Musa canta
Commigo o breve duetto dos felizes
Numa attitude mystica de santa.

E então eu creio, eu sinto bem que vivo
Desse amor que dá seivas ás raizes
E deu sonhos ao homem primitivo...



VII

Dum spiro, spero

Natureza gentil, venho pedir-te agora
Uns balsamos subtis á dor que me lacera ;
Quero a seiva beber que do teu seio irrorra,
O sangue arterial da fresca Primavera.

A alma tonificar, de pampanos e de hera
Minha fronte cingir, e á rutila e sonora
Plaga dos céus azues,—a fronte curva e austera—
Ouvir, qual velho Deus, as orações de outr'ora.

Aspiro adormecer à magua, ao murmurio
Que vem do mattagal, do arrojo ermo e sombrio,
Num extranho rumor de cantico selvagem.

Basta, depois, a mim, pobre alma descontente,
Uma cruz espectral, erguida tristemente,
De braços para o céu, num leito de folhagem.

VIII

Mundo interior

Hontem, meu Deus, eu despertei chorando ;
 Alguem morreu dentro de mim... Parece
 Que sinto bimbalar, saudoso e brando,
 Um velho sino convidando á prece.

Dlin, dlon; dlin, dlon... Os échos despertando
 Este som semelha a voz de quem padece,
 Voz desoiada, estertorosa, quando
 A grande vaga do *Infinito* desce...

Ouço um confuso soluçar, em torno,
 E a alma pyrilampeja commovida
 N'um derradeiro raio baço e morno...

E sinto, agora, em trêmulos; plangente
 Vibrar o sino em funeral á vida,
 Que em meu olhar é como um sol poente...



IX

Ironias

I

Riso nos labios, coração sereno
 Hei de cortar a dor que me apunhala
 Sem que revôlva as ondas de veneno
 Murmurejande aos tremulos da falla.

Mascara ao rosto... O espirito occultal-a
 Deve, de todo—pouco importa pleno
 De angustias seja... A lyra geme e estala ?
 Pois que emudeça, suffocando o threno,

Outros dirão, velando, o que ora digo
Os versos meus humilimos urdindo,
Sem que tenham no aspeito um gesto amigo.

Mas alguém haverá, que a propria magoa
Na minha magoa eterna traduzindo,
Ha de me ler, com os olhos rasos d'agua.

II

Eu não maldigo essa immortal tortura,
E não quisera partilha-a ; esqueça
Quem vai da vida pela róta escura
O desastre da sorte, e a sorte avêssa.

Quem busca abysmos que aos abysmos desça
Illudido, em demanda da ventura
Quer espedace os pés, quer a cabeça
Baile, na sombra immensa da loucura...

Balsamo nunca hei de pedir ; a alheia
Piedade doe, se a vemos simulada
Fugindo á luz, só porque a luz receia,

Desalentos mortaes, vós, que os sentistes,
Entendereis, de certo, a gargalhada
Que eu, triste dou para illudir os tristes !



X

Monologo do verme

«Fria noite cruel de fundos pesadelos.
Ah, como a neve é intensa e como o vento corta !
A' mortalha desfaço e, celere, os cabellos
Que entrelaçam, subtis, a fronte alva da morta.

Tenho uma carne fresca e uma epiderme branca
Onde matar, talvez, meu lubrico desejo ;
E as babujar-lhe o corpo e sê-le se me estanca
No delirio febril do meu nofento beijo

Trouxerm-n'a, chorando, ao derradeiro asylo :
Na fronte uma grinalda — amados cravos brancos — ;
E entreaberto o rosal, num ar doce e tranquillo,
Numa vaga expressão, dos seus sorrisos francos

Ao vel-a, então, mil alvuras revestida
Eu murmurei a rir : — A noite, calma, desce
E a aurora para mim, oh naufraga da vida
E' o teu corpo que tomba, ao murmurar da prece ».

E enquanto o verme falla, ao luar que alveja o campo,
O meu affecto ideal, visão cheia de graça
Divino a soluçar : tua alma é o pylirampo,
Que era sob, ora desce, e, entre phantasmas passa.

Vejo-te morta ; as mãos, em cruz, por sobre o seio ;
Mas inda espero em Deus que as frescas alvoradas
Brotarão d'essa tumba, oh meu primeiro anseio,
E d'esse olhar, fatal, violetas maceradas.





XXVI

COSTA E SILVA







I

Intimo

Diz uma lenda russa que o famoso
Danubio tem as ondas azuladas,
Porque porção de nymphas e de fadas
Lá destillaram pranto copioso.

Antes, porém, horrífico e trevoso
Era o rio, de vagas alteradas,
Onde um bando de circes encantadas
Prendia sempre ao viajor teimoso.

Meu pobre coração, bem como o rio,
Era trevoso, lurido e sombrio,
Vivia sempre entrestecido e dubio ;

Mas depois que em minh'alma derramaste
A luz do teu olhar, tu me deixaste
O coração mais claro que o Danubio.



II

Hontem

Hontem, quando chegavas á janella
Com teu vestido celico azulado,
Preso o cabello, o rosto serenado,
Prostrada a fronte em languidez singela :

Aberta a bocca a trescallar perfumes,
Bocca que um lindo cravo a não iguala !
Arfante o seio, divinal a falla,
Olhos luzentes como vagalumes ;

Os braços meionús, os labios castos
 Que matavam de inveja a violeta,
 Senti minh'alma, como borboleta,
 Ir oscular os teus cabellos bastos !

Meu coração voraz quiz agarrar-te
 Louco de amor, repleto de desejos,
 E, com ancia frenética, ensopar-te
 N'um diluvio frenetico de beijos !



III

A gondola

Desce a corrente a gondola doirada :
 Vão n'um doce de seda cor de rosa
 O príncipe formoso e a mais formosa
 Princeza d'entre as outras cubiçada.

Ella, collando a bocca nacarada
 A' bocca do fidalgo, receiosa,
 Tem uns desejos de voluptuosa
 Dama por muitos beijos instigada...

Fusila o sol, e o crystalino rio
 Sente no dorso o deslizar macio
 Da gondola gentil que vae boiando.

Fallam de amor os principes viajantes,
 E ouvem-se as vozes garrulas, vibrantes,
 De uma porção de naiades cantando.

IV

A morte de um poeta

Como a creança as palpebras cerrando
 Por mellifluos carinhos embalada,
 E que adormece após a nacarada
 Bocca materna lhe beijar cantando :

Como o pequeno passaro que entrando
 Para o seu ninho—tepida morada—
 Dormita na floresta, onde encantada
 Vesper o meigo olhar vai penetrando ;

Tal o poeta envolto nos segredos
 De sua lyra, brandamente os dedos
 N' ella repousa e canta enthusiasmado !...

Depois... os olhos cerra lentamente
 E vê co'os olhos d'alma unicamente
 O seu nome de louros circundado.



V

Tédio

A's vezes aborreço-me de tudo :
 Um tédio enorme invade o corpo meu,
 Como se acaso eu fosse algum pançudo,
 Fabuloso e riquissimo judeu.

Em soberba almofada de velludo
 Bordada à seda pura e camafeu,
 Tenho desejo de dormir agudo
 Somno tal qual ridiculo sandeu.

E começo a pensar porque me embrenho
 Nesse tédio nevrotico e ferranho,
 Como um typo dyspeptico e sombrio ;

E come um triste passaro esgarrado,
 Eu tambem sinto o coração, coitado !
 Dentro em meu peito inanimado e frio.



VI

Carlos Gomes

Para teu nome enaltecer e justa
 Homenagem render-te agora aqui,
 Homem superior que ao mundo assusta
 Da harmonia no louco frenesi ;

Para sagrar-te a soberana e augusta
 Fronte, soberbo autor do Guarany,
 Genio que sabe quanto vale e custa,
 A divina ballada de Cecy ;

Para elevar o merito inda mais
 Do teu grande e immortal «Salvador Rosa»
 Bello poema em phrazes musicaes,

Meu estro se incendeia, e harmoniosa
 Minha lyra desfere triumphaes
 Odes n'uma aria assáz melodiosa.



VII

Pulvis est...

A' Memoria do Dr. Cyridião Durval

Sonhador ! Sonhador ! Que não te acordem
 Estes meus versos cheios de pesar,
 Para que a dor e o luto não transbordem
 Quando teu corpo ao tumulo baixar.

Que minha lyra entristecida bordem
 As flores da Saudade, e a singular
 Verbosidade intermina recordem
 Aquelles que souberam te escutar .

Descança em paz, oh sonhador, descança !
 Ceder a lei da morte é necessario,
 Pois que a morte das Maguas é bonança.

Teu nome guardaremos num sacrario ;
 P'ra teu corpo envolver doce lembrança !
 Nós faremos das lagrimas saudario.



VIII

Porque ?

Muitos perguntam porque não escrevo
 Versos para os jornaes sempre, a mludo,
 Eu que perfume o coração de tudo
 Que é doce e tem da candidez o enlevo.

Não devo responder lhes, não, não devo,
 E ante quero passar por surdo e mudo ;
 Pois sem querer consciencia estudo
 D'esses que tem do hypocrita o relevo.

Elles perguntam, não porque desejem
 Ver o meu nome impresso nos jornaes
 Mas para que seu fel em mim despejem.

Malta de nescios, bando de chacaes,
 Rujam, blasfemem contra mim, praguejem,
 Que hei de accender meu estro mais e mais !



IX

Christo

Sec'los e sec'los foram-se ; no entanto,
 Inda o teu Dogma, como um livro aberto,
 As gerações guiando no deserto
 Da vida, o nome fez-te puro e santo.

Oh ! loiro Nazareno ! Tudo quanto
 Traz de pezar e luto hoje coberto
 O coração da humanidade, certo
 Vem dos teus olhos humidados de pranto.

D'esse madeiro estúpido e pesado
 Onde as turbas antigas te pregaram
 Como se fosses, Christo, um scelerado,

Lança o germen da fé aos que ficaram
 Manchados dessa origem do peccado
 Que os Scribas do mundo não tiraram.



X

Cego de amor

A quem me ajuda a carregar o lenho da vida

Vivo por ti ; somente por teus olhos
 Hei de guiar-me, porque são estrellas
 Que eu não posso entender, nem posso vel-as,
 Porque do Amor prohibem-me os antolhos.

De nossas almas jovens nos refolhos,
 Onde existem soberbas aquarellas
 Que, por certo, ninguem comprehendel-as
 Pode, fugiram todos os abrolhos.

Tu somente fizeste-me subir
 A um céu de puros gosos e venturas
 Para as portas do lar irmos abrir.

Lá, sim, foi que encontramos mil doçuras
 E nossa historia fomos repetir
 A duas pequeninas creaturas.

XI

Via crucis

A infancia passa e vão com ella os santos
 Beijos maternos e as caricias puras,
 E nos chegam da vida as desventuras
 Galvanisadas com perennes prantos.

Quantos desgostos nos assaltam, quantos!
 Na flor da mocidade aberta ás duras
 Rajadas do infortunio e ás mal seguras
 Horas de gozo, de delicia e encantos!

E tudo supportamos sem ao menos
 Deixar cahir dos limpos e serenos
 Olhos o pranto da saudade ingente;

Mas si a morte arrebatá-nos aquella
 Que deu-nos vida, a dôr — negra cadella—
 Nos morde o coração eternamente.



XII

Precocidade

Eu sou um moço velho, olha, repara
 Na minha frente; um mundo de pesares
 Tolda minha alma, como tolda os mares
 O temporal que as fúrcas escancára.

Qual um sultão na pompa audaz e rara
 Perpassando por entre os populares,
 Meu coração por entre as seculares
 Turbas do Ólio impavido passára.

E não curvei-me ás turbas porque tive
 Um coração que altivo me gulasse,
 —Reliquia de ouro que em meu peito vive.

E fui seguindo e fui... ai se durasse
 A mocidade isenta do declive
 Que, inesperado, se me faz na face!

VIII

Lenda Tudesca

I

Ha pelas brancas e extensas margens
Do antigo Rheno, velhos solares
Onde viveram lindas imagens,
Formosas filhas de titulares.

Contam que n'um d'esses castellos
Vivera outr'ora linda condessa
Cujos cuidados, cujos desvellos,
Foram d'um conde pela cabeça.

Moço e guerreiro, tinha o fidalgo
Pelas cruzadas de ir ver as guerras ;
Era forçoso partir, mas algo
Prendia-o sempre nas patrias terras.

(E' longa a historia mysteriosa
Que o ingenuo povo do antigo Rheno
Narra tristonho, com voz saudosa,
Sobre a condessa de olhar sereno.)

Era nas longas escadarias
Feitas do marmor branco de Paros,
Que essa condessa todos os dias
Fallava ao Conde duns sonhos raros.

Filha de nobres condes flamengos
Tinha no louro perfil tudesco
A fidalguia dos avoengos,
Como um perfume madrigalesco.

Do seu castello pelos m'rantes
Semi cerrados com persianas,
Pendiam flores myrabollantes
Das finas jarras de porcellanas,

Noites havia que o joven conde
 Transpunham a escada d'esse palacio
 E penetrava tremulo aonde
 Fora de amores todo prefacio :

Aqui, soberbas telas de bravos,
 Duques, marquezes, grandes guerreiros,
 Bustos de nobres principes slavos,
 Brazões fidalgos nos reposteiros.

Fci n'este vasto salão que um dia
 O conde em phrases pausada e triste
 Disse a condessa que elle partia
 Para as crusadas, e a lança em riste

Fallou : «Por este nobre e azulado
 Sangue que em minhas veias se agita,
 Juro que nunca será manchado
 O amor perenne que em mim palpita.»

Disse e... partiu... Luar em pleno
 Illuminando todo o aposento,
 Então as aguas mansas do Rheno
 Cuviram prantos nesse momento.

II

Tempos volveram. Vagas noticias
 Vinham do conde para os solares ;
 Tudo que outr'ora fora delicias
 Transfigurou-se logo em pesares.

Funebre nova um dia invale
 Todo castello rapidamente,
 Dizem ser mesmo plena verdade
 Do conde a morte subitamente.

Foram-se os annos. Ninguem no feudo
 Viu mais o rosto louro e formoso
 Dessa condessa que havia teudo
 Por noivo um conde mui valoroso

III

Um dia, um duque l'atancias galga
E da condessa sabendo a fama,
Pede-lhe a mão branca e fidalga
E o breve enlace logo proclama.

IV

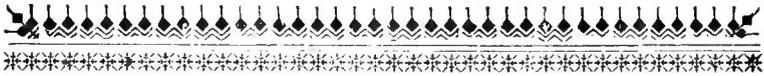
Noites de nupcias : nas vastas salas
Espadanejam das serpentinas
Ondas de luzes, vibram as falas
De boccas rubras e pequeninas.

Subito um vulto tibio apparece,
A cabeleira traz desgrenhada,
E enquanto o vivo prazer recresce,
Elle raivoso pucha da espada.

«O conde ! O conde ! » Todos bradaram.
De medo tremem as viscondessas,
O conde avança... juntas rolaram
Pelo tapete duas cabeças.

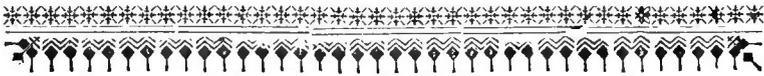
O duque e a noiva são decepados !
Gargalha o conde mas em excesso...
Depois em gritos desesperados
Lança-se ao Rheno como um possesso.

Eis porque o povo do antigo Rheno
Falla tristonho com voz saudosa
Sobre a condessa de olhar sereno,
Dona da história mysteriosa,



XXXVII

João Pereira Barreto





I

Basta !.

Ai ! basta coração !... eu luto, eu morro:
morro lutando e desvairado rio !...
por entre sombras tropeçando corro,
e só vejo em redor tudo vazio !...

Nem um astro no céu, nem flôr na terra
derrama sobre mim a luz e o aroma !!
Tudo foge de mim !... Estranha guerra
O phantasma da dôr acena e assoma !...

E sigo taciturno o meu caminho
sem um raio de amor !... O' desventura,
não se me dá pedir o teu carinho,
e o carinho fatal da sepultura !..

Quem não amou, quem não sentiu nos labios
o estranho calor de um beijo cheio
de tantas harmonias e resabios,
que quer da vida, que pedir-lhe veio ?..

O' virgem, se pudera no meu verso
desfiar o rosario de meu pranto,
talvez soubesse o martyrio terso,
que eu choro as vezes e as vezes canto.

Pouco, entretanto, eu te pedia.. ou nada:
—o vislumbre que rola de teus olhos
atê ao fundo d'alma desvairada
dos que vão tristes tacteando escolhos.

Pouco negaste-me apontando a morte !..
 E eu quero o riso, a esperança e a vida,
 pois, pulsa ainda, stóicamente forte
 minh'alma que estortega-se ferida...



II

Teu coração

Escuta-me gemer, minh'alma iuda soluça
 Quando alongo um olhar por este mar em fora,
 Onde,—fanada flôr, nas aguas se debruça
 Um sonho morto já, uma illusão, Senhora!

Escuta-me chorar. minh'alma gemo agora!
 Na noute da loucura a tiritar se embuça!
 Oh! meu labio é revel, como um punhal, Senhora,
 Nos flancos da ironia à blasphemar se aguça.

Não carmina teu rosto a sombra d'um despeito:
 Teu rosto, como o marmor não cora nem descora,
 Mas, teu rude deslem não vencerá meu peito

Porque, rindo... vés tu? pergunto a luz d'aurora
 De que metal formou, de que metal é feito
 Teu frio coração, teu coração, Senhora?...



III

Flor de laranjeira

Como se occulta a perola formosa
 No profundo do mar serena e altiva,
 E na concha da almecega cheirosa
 Cresce a polpa nevada e sensitiva;

Como a noiva gentil e vergonhosa
 Foge á luz que o temor, o pejo aviva,
 E se retrahê na molta cautelosa
 A terna violêta casta e esquivã;

Assim da luz aos raios recatada,
Assim do sol ao beijo que rescalda
Não trescalla essa flor que a brisa afaga...

Mas, ao beijo da noite, apaixonada
Como noiva gentil se desgrinalda,
E a noite em seus perfumes embriaga.



IV

Um laço

Entra... » disseste ; a tua voz tremia
E da alcova a cortina de velludo
Cedendo à tua mão se entre abria.

Entreí... n'um só olhar desvendei tudo ;
Teu lab'io mais sereno se sorria
Buscando o lab'io meu tremulo e mudo.

—Amas-me muito, sim ?» e de teu braço,
A flexivel curva me estreitava,
Branco e nervoso n'um cerrado abraço...

Muito te amo, muito !.. murmurava
Preso e rendido no formoso laço
Que ao teu nevado seio me aportava

Acorda -te, Mary !... já pelo espaço
Plumoso bando leve gorgeiava, ¶
Inda me estreitas n'um cerrado abraço !

V

Palomba muerta

(No tumulto de minha sobrinha Maria Roméro)

Voaste para além.. Silenciosa e fria,
Afogada em clarões, descendo sobre os mares,
A noite, como um véo de luto, se estendia
Enegrecendo o mar, silenciosa e fria,
Escurecendo os céos e amortalhando os lares..

Voaste para além... Pelas mortiças fragoas
Esgueiram-se cantando as auras lamentosas....
A lua docemente erguia-se das agoas,
Projectando o clarão pelas mortiças fragoas,
Onde sopram cantando as virações medrosas....

Como um astro no céo das nuvens na escumilha,
Manso, manso, a tremer obumbra-se e desmaia,
Agonisaste ali, seguindo a mfausta trilha,
Como um astro a morrer das nuvens na escumilha,
Meiga, meiga a expirar do berço na cambraia.

Alma de pomba mansa, a tua alma, Maria,
A terra não na quiz, voaste para os céos....
Teu corpo já desceu á morada sombria,
Mas tua alma de pomba, a tua alma, Maria
Foi n'um anjo habitar, risonho aos pés de Deus.

Quando forem plantar ali, no cemiterio
Dos lirios da saudade a ephemera semente,
Teu corpo que baixou á sombra do mysterio
Germinará talvez, ali, no cemiterio,
Pobre clicia gentil, na flor mais innocente !

Uma camelia branca ou pallida verbena,
Que, nascendo, expirar suffocada de luz,
Dirá que tu morreste, oh Candida açucena,
Como a Camelia branca ou pallida verbena
Crestada inda em botão ao pé de ignota cruz.

VI

N'alva

Quando da terra, meo amor, partiste,
ias tão branca, tão mimosa e bella,
que assim tão branca, tão mimosa e triste
entre as estrellas só descubro aquella.

Longe, do espaço na amplidão em fóra,
longe, tão longe que a tremer desmaia,
a luz do astro que do céu descora
talvez tua alma virginal attraia.

Por isso, quando mêm finar na terra,
espaço em fóra procurar-te ó bella,
dos astros todos que o infinito encerra,
entre as estrellas buscarci aquella.



VII

Meditando

Esta caveira aqui, tão pallida, sombria,
como da vida o fim mysterioso e triste,
parece ler na bocca apathica e vasia
a palavra fatal a tudo quanto existe !..

E penso quando, a fito, ó Deus, em teus mysterios...
penso na morte e sinto uma tristesa enorme,
que me transporta além, aos brancos cemiterios,
onde tudo que è bello eternamente dorme !

Quanta illusão brotou ali, como n'um prado
fresco e virente, á luz, as flores vão nascendo !?
e como está deserto e frio e despresado
este craneo sem luz tragicamente horrendo ?!...

E dura sempre assim, silenciosa e triste !...
 gelaram-lhe na bocca estranhas ironias,
 que parecem dizer à tudo quanto existe,
 que tudo morre enfim, a dor e as alegrias !..



VIII

Seja

Eu te amava em silencio ; gemendo,
 este amor como uma ave no ninho,
 supplicava um atago, um carinho,
 um olhar, um sorriso, não mais...
 eu te amava em silencio ; e, tão grande,
 este affecto escaldava-me o peito,
 mas ás penas e às mogoas affeito,
 eu me ria abafando-lhe os ais !..

Eu te amava nutrindo em silencio,
 por um rasgo de louco heroismo,
 estes sonhos ardentes que scismo,
 do supplicio maior que me impuz...
 pois que vendo-te, assim, tão mimosa,
 ou seguindo-te os passos á esmo,
 eu mentia jurando á mim mesmo.
 não amar de meus olhos a luz !...

Eu te amava em silencio ; e ás horas
 em que os sonhos queimavam-me as veias,
 estes versos que eu quero que leias,
 aspirando de amor escrevi.
 mas duvidas ; não crês em meus olhos,
 nem te dóes do supplicio que existe,
 em minh'alma !... pois bem, hei-de triste,
 afastar-me, esquecer-me de ti !...



XXXVIII

DEODATO MAIA





I

Uma Saudade Azul

Na Piscina sombria e profunda do Pranto
 Desta Noite hybernal :
Eu vejo s'afundar o Ninho roseo esanto
 Do meu sagrado Ideal,
Na Piscina soturna e profunda do Pranto

Minh'alma s'estrebucha, em corcóvos, transida,
 N'um Barathro cruel,
Onde o spectro da dor no calice da Vida
 Derrama o negro Fel...
Minh'alma s'estrebucha, em corcóvos, transida

Saltitante Chiméra astral da mocidade
 Perfumada e gracil !
Porque não mais abris á tibia Claridade
 A Flor Primavera !
Saltitante Chiméra Astral da Mocidade

Ha plangencias nos Ceus, sarcasmos de Coveiros
 Leves tons d'Arreból :
E' o Ferectro a passar dos meos Sonhos Primeiros
 Com lampejos do Sol..
Ha plangencias nos Ceos, sarcasmos de Coveiros

Como um lothus abertos á flor d'um negro Lago,
 Estagnado Paul—
Medra agora em meo peito..a boiar.. sem affago
 Uma Saudade Azul—...
Como um lothus aberto á flor d'um negro Lago

Eis a Flor do Passado—Flâmmula que eu trago
 Entoxicando a Paz:
 Uma Saudade Azul.. a boiar.. sem affago
 Constante, pertinaz.
 Eis a Flor do Passado—a Flâmmula que eu trago

 Tem de uns olhos a Côr, quo amei na minha Infancia
 Demasiado talvez—
 Essa Flor que azucrina assim a fria Estancia
 Onde reina a Mudez.
 Tem de uns olhos a Cor que amei na minha Infancia

 Viyo agora a gemer, crivado de Tristezas
 Consternado, infeliz...
 Olhos da Cor do Cêo, do Mar e das turquezas
 Como então eu vos quiz !...
 Vivo agora a gemer, crivado de Tristezas.

 Gotta á gotta, sorvi o Philtro amargurado
 D'um Desespero atroz...
 —Vem tu, Anjo da Morte, ethereo, immaculado,
 Escutar minha Voz—
 Gotta a gotta, sorvi o Philtro amargurado

 Arranca do meu peito esta Flor do Mysterio
 Que na sombra transluz:
 Quero á paz soturnal do velho Cemiterio
 A forma d'uma Cruz—
 Arranca do meu peito esta Flor do Mysterio.



II

No campo

Alevanta-se o dia, e pelo céo rolando
 Singram frechas de luz a treva dissipando
 Da noite que desmaia. Ora torva, nervosa
 Empallidece, morre uma estrella radioesa;

E a bella estrella d'Alva angelica e louçã,
 Tambem vae se apagando aos beijos da manhã.
 O sol espreita a terra, e espreita o céu e o mar,
 E grave e sombrançeiro, o esplendoroso olhar
 Lampeja, treme, ri victoriosamente,
 Vibra por todo azul o leque resplandente,
 Da clara orchestração da cor, da phantasia.

O firmamento é todo um lago de poesia !...

Qual rutila cabeça enorme decepada,
 A natureza, a juba airosa emperolada,
 Saccode gottejando e a prece ao céu entoa.
 A passarada alegre encandeada voa
 A trinar chilreando uns hymnos crystalinos,
 A' aurora que lhe dá lampejos purpurinos,
 A' aurora que derrama em escalavrados montes,
 Nos densos areaes, nos rios, e nas fontes,
 Na selvagem floresta, em troncos denegridos
 Cascatas a correr como metaes fundidos,
 Como poemas de luz e mil canções divinas...

A terra é um tapiz de pedrarias finas !...
 O sol tambem aquece e bemfasejo doira
 A choupana, onde anceia a criancinha loira,
 Tão pequenina e bella outrora tão sadia
 Agora definhando enferma noite e dia.
 Que importa o festival, nuanças de alvorada,
 Céu de lapis-lasuli ao pobre ? E a passarada,
 Que importa o ciclar subtil da viração,
 Si elle vae ao trabalho a procurar o pão,
 Si a pequenina filha a quem a morte aterra,
 E' forçado a deixar e a resolver a terra ? ?

—Abraça o lavrador a criancinha loira
 Que está perdendo a vida. Olha-a, soluça e chora,
 E suffocando vae o pranto estrada em fóra...

A' tarde, o sol descamba às bandas do poente
 Vestido de europeis, como um Radjah fulgente.
 Não ha scintillações mais nas paragens cerulas...
 Mas rosea transparencia opalica de perolas,
 E em syncopes assim, là vae morrendo o dia...

A natureza ao ceo entoa uma elegia!...

Horas em que a tristesa ao nosso peito aferra
 A nostalgia e o amor que vêm baixando á terra;
 Horas em que a saudade aos corações afflictos
 Estende a extrema-unção dos que vivem constrictos.

—E l-o de volta agora, o lavrador tão pobre
 Que ha muito o veço da dor tragicamente encobre,
 Quando fez-se a caminhe era ao romper da aurora,
 Magestosa galã de que o mar se enamora,
 Levava na sua alma uma funda esperanza
 De revolver a terra e ver salva a creança,

Acalca no teu peito, oh lavrador honrado,
 A dura perda cruel do anginho idolatrado
 O brinco do teu lar, e a aurora de teus dias,
 Que a morte traçoeira, em vascas de agonias,
 Arrebentou deixando o fel de amargas dores...

—As almas infantis são perfume-das flores,
 Que brotam nas regiões azues do firmamento,
 Quando flavaas se vão da terra, n'um momento,
 Ellas voltam de novo ao calice primeiro...

Bemdicto sejas tu, oh grande amor de Pae,
 Que da alma nunca foge e d'alma não se esvae!



IV

Recordando

Porque hei de vel-a pallida surgindo
 Aclarando-me a louca phantasia ?
 Ao luar a vejo, vejo-a a luz do dia,
 Em cada estrella vejo-a refulgindo.

Recordo que seo labio rubro e lindo
 Tantas phrases, que phrases me dizia..
 E nunca mais voltar essa alegria
 De ouvir o que a soffrer vou referindo..

Bando alado de prófuga saudade,
 A' luz do occaso, á morna claridade,
 As solidões do mar, por tudo em fóra..

Aos secs olhos levae sempre a esperanza,
 E á noite dos cabellos suave e mansa..
 Illuminae com beijos còr de aurora.



IV

O Coração

Sob um Ceo soturnal cahótico de espanto
 Traja pompas de Horror a Noite tenebrosa
 O Vicio abre os salões ; na torva e desdenhosa
 Caverna do soffrer gotteja a dor e o Pranto

Qual uma ave infernal, a Furia pavorosa,
 Tatala aza em meo peito, e grasina o seu canto,
 Afugentando assimdo Templo sacrosanto
 O bando de illusões, de sonhos cor de rosa.

Ribomba o Velho Mar, e cavo e torvo espouca
 Ondas, n'uma soberba e forte orgia louca,
 Amordaçando a Terra—! o covil da Traicção...

Babel de minha vida—ao largo—enfuna a vela...
 Talvez o Velho Mar, entre uivos de Procella,
 Entenda esse outro Mar bravio :—O Coração !



III

Suprema dôr

Quando a noite destende mansamente
 O veo sinistro e negro sobre a terra,
 Eu sinto n'alma a louca dôr fremente
 Que o punhal da saudade ao peito afferra..

Desejo vel-a e vejo-a, de momento,
 Como se fôra a deusa das bonanças,
 Atirando ao batel do pensamento
 Um turbilhão dourado de esperanças

E o batel segue rumo, mar em fôra,
 Exposto a novo mal, á tempestade,
 Sem ao menos o brilho de uma aurora,
 Sem o riso fulgaz da mocidade !...

Cançado de soffrer, copioso pranto
 Corre-me logo ás faces doloridas ;
 E a noite sempre envolta em negro manto
 Faz-me lembrar as cousas esquecidas...

Das peregrinas aves da alegria
 Já não escuto as notas estridentes ;
 Se o tédio rosna em mim a nostalgia
 Abre as azas funereas e dolentes..

Ha ! que negro pesar tão forte e ingente,
 Como um verme maldito noite e dia
 Roe-me as fibras do peito !... Alma innocente,
 Eu não te vejo mais como então via !

Santa! que te partiste immaculada
Ao paramos do ceo serenamente :
Recebe na tua ultima morada
Fervorosa oraçãõ de um filho crente.

Quando a noite soturna o soffrimento
E a gamma da saudade regougar,
Como um pallio me abrigue do tormento
Oh, minha doce Mãe, o teu olhar!



VI

Sò'

Sigo pela aridez sombria dos caminhos
Sem amor e sem lar, exposto ao Vendaval.
Sempre calcando n'alma a rubra dor feral
Dos que vivem á sós, dos que se vão sosinhos...

Se para uns, o Silencio eterno e sepulchral,
E o soturno pavor das furnas, tem carinhos,
Para outros, o cantar de meigos passarinhos,
E o festivo romper da aurora. fazem mal.

Mulher aquem amei, como o nauta perdido
Em plena correção, ama ao longe... incendiado.
O pharol que transforma a Tormenta em Bonança

Na luz dos olhos teus, que trémulo diviso.
Quero ver as regiões azues do Paraiso,
Onde reponta o Amor, onde vive a Esperança!...



VII

A um anniversario

Mais um anno se vae, morosamente,
 Na ampulheta dos tempos, minha amada,
 Mais uma estrella tomba no Poente
 De vossa vida, intérmina jornada

Alma irmã de minh'alma, pura e crente
 E sempre a Dor e a Treva pela Estrada
 Companheiras fataes, constantemente
 A empanar-vos o brilho d'Alvorada

Nesse dia feliz, Santa, eu quizera
 Que rompesse a gloriosa Primavera
 Eterna de carinhos e de Amor...

Entretanto... eu te dou, recebe ainda
 Por entre as brumas desta Noite ínfida
 — Meu Coração desabrochando em flor



VIII

A' Velha Mangueira

Oh, vetusta mangueira, oh camarada antiga,
 Da-me ainda o teu collo e a tua sombra amiga
 Que eu preciso dormir... Quanta saudade, quanta
 Daquelles tempos tenho, os tempos de creança
 Quando minh'alma ainda era a Biblia da esperanza,
 E o mundo era tambem uma mansarda santa !.

Deixa matar asêde, eu trago-a dos caminhos,
 Nas gottas matinaes emperolando os ninhos
 Ao tepido pallor das roseas alvoradas...
 Era-me a vida então uns páramos risonhos
 Por onde eu arrastava o manto dos meus sonhos
 Que já se esfrangalhou ás urzes das estradas !...

Oh, minha velha amiga, dos annos se escamara,
 Aguçados punhaes os dias se cravaram
 No recesso mais fundo e frio do meo peito!
 Morreo-me a Inspiração e loura phantasia,
 N'um banquete infernal os corvos da Agonia
 Regougam funeraes a um Coração desfeito!

E's mais feliz do que eu, mangueira denegrada,
 Que a primavera beija! A primavera è a vida
 Que te ornamenta a frente e te renova as tranças.
 Quero apenas morrer aqui, na terra amada,
 Ouvindo o gargalhar sinistro da nortada
 E o naufragio cruel das minhas esperanças...



IX

Dona Mara

Fu sinto n'alma muita saudade
 De Dona Mara, do seo carinho:
 Em sitios ermos da Soledade
 Eu vivo triste, vivo sosinho.

Tem Dona Mara tanta doçura,
 Tanta caricia no seo olhar,
 Que a virgem santa, na Virgem Pura,
 Eu, muitas vezes, fico a pensar.

Alma purissima. Alma de lyrios,
 Quero-te minha, minha somente,
 Para adorar-te sem os martyrios
 Desta Saudade féra e pungente.

Quero-te minha, minha somente,
 Para guardar-te no Coração
 E, ao Ceo azuleo, devotamente,
 Ao Ceo levar-te n'uma Oração

A's tuas ordens tenho um Thesoiro
 Senhora minha, tenho um Solar,
 Nobre Castello de portas d'oiro
 Que se levanta perto do Mar !

Lá, não borbulham as grandes Maguas
 No meo castello de reaes senhores...
 Se escutam barcos singrando as agoas,
 E a voz dolente dos trovadores...

Aj, dona Mara, quanta saudade
 Dos teos amores, do teu carinho...
 Em sitios ermos da Soledade
 Eu vivo triste, vivo sosinho.

Versos, meos veross, Musa plangente
 Formae-vos todos em symetria !
 Quero uma escada bella, fulgente,
 Para o Palacio da Phantasia,

Pois dona Mara, senhora minha,
 Rumor de prece dos meos sonhares
 E' do meu peito agora a Rainha.
 Foram se todos os meos pesares !

Eu quero um throno para o Nascente
 Feito de nuvens, entre rosas...
 Seja o docél o pallie nitente
 Do Lyr'o Branco dos ideaes.

Aves e Artistas, vinde cantando
 Junto a seo throno, ouvir e vel-1,
 Porque em seos olhos passa boiando
 A alma perdida de alguma estrella !

Na Canja de oiro dos nossos sonhos
 Singrando as ondas do Céu Azul :
 Iremos ver os mundos risonhos,
 Longes da Terra —deste Paul—.

Si a Morte abrir a torva Caverna
Ao apanhar-nos por esses mares :
—Ha de em meu Poema ficar eterna
A Dona Mara dos meus sonhos !...

Versos, meus versos, Musa plangente,
Formae-vos todos em symetria,
Quero uma escada bella, fulgente,
Para o Palacio da Phantasia.



Appendice



I

José M. Machado de Araujo Filho





I

A Caridade

Por uma dádiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle gosa no céo.

TOBIAS BARRETTO.

Si não temeis sondar o artro da desgraça,
Vereis, caros da sorte, os seres que ella abraça.
Não tremaes ante a dor e o pranto da orphandade,
E os gritos de agonia, e os ais da mocidade,
Que o vicio corrompêra. Seus tibidos caminhos.
Teem flores occultando as pontas dos espinhos
Que vos podem ferir, rasgar-vos o calçado
Apenas consumido um solo adamascado.
Porem, deveis sabel-o, o espirito do mal
Transforma um leito augusto em catre de hospital.

A porta vae-se abrir. Coragem para ver
O que faz vacillar a penna descrever.

—As victimas do crime, as victimas da sorte,
São bandos de infelizes que se veem dar á morte.
Um geme enfraquecido, um outro alem suspira,
Ali um se contorce, aqui um outro expira,
E seu funebre leito espera proteger
Um corpo succumbido ás garras do prazer. —

No entanto, para ler no coração humano,
 E' mister ser o homem ás vezes deshumano,
 E rir, embora mesmo um riso belluino
 Como a fouce da morte e a furia do destino !
 Olhemos. Não tremaes em face da desgraça,
 Mirar unicamente os seres que elia abraça.

—Ali, na humilde barra, uma cabeça loura.
 Como o sol, que surgindo, as alvas nuvens doura,
 Descansa, como um fructo que, ao tombar da rama,
 Encontra um leito estranho, um leito sobre a gramma.
 E deixal a dormir, pois que lhe acaricia
 Com zêlo maternal, e pela tez macia
 A nivea mão passeia, candida beldade,
 —Ou Christo, si quizerdes, ou antes—Caridade.

—Alem repousa um velho, e sua mão nervosa
 Parece iuda conter uma arma criminosa.
 A sorte foi-lhe prodiga, o vicio fel-o réo ;
 Punir-lhe'o a consciencia, a dor abriu-lhe o ceo.
 Sabeis quem seja aquella forma humana,
 Que aos labios seus applica a salutar tisana ?
 E aquell'outra, que traz comsigo uma velhinha,
 A quem a vida peza e a morte se avisinha ?
 Julgaes uma mulher na flor da mocidade ?
 —E' Christo, acreditae, ou antes—Caridade.

Passemos adiante.—Aquella cama informe
 Acolhé um corpo nobre :—um rei é que ali dorme.
 Quo frio glacial percorre-lhe a epiderme
 Ao lembrar o throno ver se feito verme !
 Procura, ao despertar, o sequito real.
 Encontra novas faces, encontra o hospital ;
 Sonhando, julga ver o salto das cascatas,
 As luzes e os jardins, os bailes e as sonatas...

Desperta... encontra a morte em tetricos arrancos,
 E, em vez da regia c'roa, os seus cabellos brancos !
 Comtudo, elle tem sempre um riso de doçura

Sentindo junto a si a celica figura
 De uma extranha mnlher, que lhe proporciona
 Momentos mais suaves, e nunca lhe abandona,
 Como a filha a seu pae. E ser sabeis quem ha de?
 —O Christo, desfarçado ainda em—Caridade!—

Por toda a parte o mesmo :—a dor, a dor insana,
 E provas sobre provas da nullidade humana.
 Agora, que sabeis a vida do mortal,
 Temei que aqui vos lance o espirito do mal.
 Abrij aos desgraçados a bolsa protectora,
 A' quem chorar servi de voz consoladora.
 P'ra que, se vos ferir da sorte a atrocidade,
 Tenhaes—Chr sto, no céu ; na terra a—Caridade—.



II

No Campo

Quando o sopro hybernal, vindo de longe
 Traz-me o som de leihral monotonia ;
 Quando o som gemendo, lembra ao monge
 A sagrada oração d'Ave Maria ;

Quando o estalar das folhas resequidas
 Das aves succeder parece à festa,
 E distante, canções entrestecidas
 Calam o proprio ruide da floresta ;

Quando ao passar ligeiro do favonio,
 Emanação campestre sinto amena,
 Ou quando ao modular ouço o camponio
 Sentidas notas na sentida avena ;

E quando um céu de nuvens carregado
 Tempestades à noite prezagia :
 Eu me sinto morrer abandonado,
 Eu me sinto finir de nostalgia ;

III

Exilada

Pobre creança ! Vêde-a na passagem,
 Por entre essa cidade arruinada,
 Como uma ave de nitida plumagem
 Voando, sem achar uma pousada !

Condernada, bem sei ! Ao soffrimento
 A vontade paterna a condemnou,
 Porque p'ra crime atroz, atroz tormento,
 A que fez ella jús porquanto amou !

Eis porque em noites de luar, de encanto,
 Ella passa tão só, tão sem cortejo !
 Si recorda esse amor, corre-lhe o pranto
 E dos labios lhe escapa o som de um beijo.

As vezes, como um anjo abandonado,
 Elle passa a sorrir tão meigamente...
 E' quando está vivendo ao passado,
 Julgando um sonho máo o seu presente.

Faze estancar o pranto que assim cae,
 Esse pranto que mata e que te humilha ;
 Breve serás de alguém, melhor que um pae
 Que mercadeija o coração da filha.



IV

Antes e depois

Transparecia nella tal candura
 Tanta innocencia, ingenuidade tanta,
 Que às vezes, em lugar de creatura,
 Suppunham, com razão, ser uma santa.

Via-a crescer. Um riso de tristura,
 Que nessa idade sempre nos espanta,
 Tornava essa creança uma pintura
 Que quanto mais se vê, mais nos encanta.

Algun tempo se havia já passado,
Quando assisti-lhe as bodas do noivado,
Deste dia feliz, de amor, de goso...

E, em vez daquelle riso de tristura,
Nos labios, com alguma travessura,
Brincava-lhe um sorrir malicioso.



V

Leonor

Pairava pelo espaço bronzeado
Uns laivos de tristeza indefinida...
Na terra, nem um som articulado!
No céo, nem uma estrella amortecida,

Era minh'alma assim erma de vida,
Era-me a vida assim erma e sombria,
Mas fizeste, mulher desconhecida.
Das trevas de minh'alma a luz do dia!

E como Christo, o prematuro sabio,
Cujo poder enorme se advinha,
Dissera ao Lazaro:—Ergue-te e caminha—

Assim, com o teu sorriso à flor do labio,
Com esse vivido olhar, que nos enflamma,
Me disseste, Leonor:—Desperta e ama.



Julita

Em cada coração o sentimento,
Em cada face o vinculo do pranto,
A saudade minar, o desalento,
A dor, a dor pungente em cada canto!..

Eis o que ali então se distinguia,
 Ali, onde a verdade desfallece !
 E completava a funebre harmonia
 A voz do sacerdote e a voz da prece.

E era tudo por ti : essa tristeza,
 A dor, o pranto, o crepe, a luz do cyrio,
 Corollario fatal do teu martyrio !

Mas que importa, Julita ? Com certeza,
 Uma verdade a tua morte encerra :
 —Que não consente Deus anjos da terra.



VII

Soneto

Reinava a escuridão. Quase defronte,
 E o mal te distinguia a forma airosa.
 Mas, se abrindo a janella impectuosa
 Veio um jorro de luz banhar-te a fronte.

(Quadro ideal ! mirei-o extasiado
 Pela sublime correcção do estylo . . .
 Dir-se-ia que a Virgem de Murillo
 Havia-se de subito animado !)

E lendo nos teus olhos claramente
 E desvendando em tua face calma
 A grandeza, creança, de tua alma,

Vi que serias, e affirmei-o crente,
 Raro exemplo de amor, de amor profundo
 Em livro de moral aberto ao mundo.

VIII

Tua Lagryma

Ver-te chorar a lagrima saudosa
Ver-te correr na face avelludada;
Como de orvalho em mystica alvorada
Uma gôtta na petala da rosa !

E sentir-me feliz naquelle instante !
Demudados os traços de teu rosto
Avalia-se o maximo desgosto
Pela expressão, mulher, de teu semblante.

E, por ver-te chorar, ri-me, de que ?
De tua dor, talvez ? Não, impossivel !
E' que através da lagrima irisada
A correr pela face avelludada
Se divisara um coração sensivel.

Quero ver-te chorar ! ter o trabalho
De contar uma a uma
As gôttas desse orvalho ;

Pois á virgem que não chora
Falta o mais sublime encanto ;
— E' como ave sem canto,
Como ninho já vazio,
Como céu sem primavera,
Mocidade sem chimera,
Madrugada sem rocio ;
E' como um corpo sem vida
Como vida sem desejos,
Lábios que não pedem beijos,
Arbusto que não dá flor.
E' como flor sem perfume,
Amante sem ter ciume,
Coração sem ter amor,

IX

Si quizeres

Olha, pousaram ambos
 Na frança mais viçosa
 Dessa arvore frondosa,
 Que ali está ;
 Dulios trinados pelo ar espalham
 E voarão depois,
 Em plena liberdade,
 Sumindo-se por fim na immensidade .

Onde quer que o conduza seu destino,
 Onde quer que o tufão o arremece,
 Esse casal feliz de tudo esquece :
 A fome, a sede, o temporal bravio,
 Muitas vezes o sol,
 E quasi sempre o frio
 E' seu costume
 Soltar um canto em vez de algum queixume .

Olha como se vão para a floresta . . .
 Ahi vivem tranquillos,
 Cantando a aurora e repousando á sesta :

Em um ramo aberto em flores,
 Ou mesmo um galho de espinho
 Cantando alegremente seus amores,
 Trabalham ambos em fazer o ninho .

Dize tu, não achas bello
 Esse viver innocente
 Docemente
 Passado na solidão ?
 Pois então,
 Si tu quizeres, eu juro,
 Vivemos igualmente
 E não remoto futuro .

X

Doce castigo

Chorava a creança tanto,
Com tamanha impertinencia,
Que nem mesmo a paciencia
Resistiria de um santo !

Levantei-me então disposto
A dar severa lição,
Mas desarmou-me a afflicção
Que se pintara em seu rosto .

Era tão meiga e pequena !
Desisti tal foi a pena,
D'aquelle cruel desejo ;

Mas, lhe abrindo a mão de fada,
Depuz na palma rosada,
Como castigo, um só beijo .



XI

Entre nós

Mais bella que essa mão assetinada,
E mais perfeita que essa tua bocca,
Seria uma exigencia desmarcada,
P'ra não chamal-a uma exigencia louca .

Quando, ao contacto dessa mão tão branca,
Aperto-a sem querer, demasiado,
Vejo-te os labios, na expressão mais franca,
Abrirem-se de um modo apaixonado .

Então, não sei porque me vem a mente
Uma idéa feliz, que, certamente,
Se poderá chamar idéa louca . . .

—Adoptar entre nós este uso apenas :
—Em vez de te apertar as mãos pequenas,
Depositar um beijo em tua bocca —.



XII

Teu segredo

Bem sei: que fui cruel; mas entretanto,
Foi mister lançar mão de todo o meio
Para arrancar do imo de teu seio
Esse segredo, que occultava; tanto.

Em cada gesto, supplicante, mudo,
Na gelidez das mãos, no riso informe,
Se presentia um sacrificio enorme...
Mas, finalmente, me disseste tudo.

Parecia-me ouvir, quando fallavas,
Um cantico saudoso, que entoavas,
Repleto de expressão, embora a mêlo...

E, para te provar quanto sou grato,
Hei de guardar tão bem o teu segredo,
Como guardo em minh'alma o teu retrato.

—[FIM]—

INDICE

	PAGINAS °
JOSÉ JORGE DE SIQUEIRA FILHO :	
A visão do Orizaba	235
Serenata dos Mortos	238
Deus.	240
Em uma festividade Academica	242
A Maciel Pinheiro	244
O General das Massas	245
O Gaucho e o Dictador	248
Endechas.	249
Oriental	251
Theresinha	253
Jovita	254
PEDRO RIBEIRO MOREIRA :	
Recuerdos.	259
A' Sesta	261
JUSTINIANO DE MELLO E SILVA :	
Corre	269
Nuvens e luzes .	270
SYLVIO ROMERO :	
José do Anchieta.	275
O Eldorado	276
A fonte da mocidade.	277
A mancha negra	279
O desembarque.	281
A viola	282
Casamento Tabaréo	283
A caça aos Cambuls .	284
A Modinha	286
No Ribeiro	288

II

	PAGINAS
As ferias do Natal	290
Amores infantis.	292
A' Camões	293
A America	293
Colombo	296
Jesus	299
Psyché	300
A Flór	303
A Terra	305
O Mar	307
A manhã	309
A noite	311
O Vergel	314
Adeus	317
Protesto	318

FELIATO ELYSIO DO NASCIMENTO :

Lagrima das cousas	323
No Banho	324
Ao Ideal	324
Lei do Eden	325
Quatro estrophes	325
Job	326

FRANCISCO A. DE CARVALHO LIMA JUNIOR :

Um hymneu na campa.	328
Um Colloquio	335
Não Olhes	337
No dia de teus annos	338
Teus olhos	338
Caminheiros	339
O voo da aguia.	341
A Sertaneja	343

JASON VALIADÃO :

Ave libertas	351
------------------------	-----

JOAQUIM DO PRADO SAMPAIO :

A' Tarde	357
Ao Povo	357

III

	PAGINAS
Acredita	
Rosa	358
Confissão	359
A Luz	360
A Republica	361
V. Hugo	362
Tiradentes	363
Phantasiando	364
Escravo	365
Beatriz	365
Phtysica	366
Num Cartão	366
Romanza	367

JOAQUIM FONTES :

Pelo azul	371
Felix culpa	372
A' Ceciliano Soledade	372
Apostrophe	373
A' Minha Irmã	373
Em caminho	374
Rimembianza de te	375
Duas auroas	376
Flores	376
Meu suspiro	377
Ana	378
Saudades homicidas	378
Porque	379
Meu amor	380

MANOEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELLES :

Juramento	383
Navio Abanbonado	384
A' um tropeiro	385
A'	386
Por teu amor .	385
A uma menina que me pediu versos	387
A uns quinze annos	388
Estancias	389
Os olhos verdes	390

IV

	PAGINAS
Versos a aurora.	392
JOÃO RIBEIRO FERNANDES :	
Amor e Rosas	397
Magdalena.	397
Rimas	398
Flesh and soul	401
Razão do silencio	402
Museon	402
Vingança de uma arvore	409
AUGUSTO A. DE CARVALHO ARANHA :	
Domus aurea	415
Acto de contricção	415
Contemplação	416
Saudade	418
Balada do rei do Thule	418
Musa	419
Dum spiro, spero	421
Mundo interior	422
Ironias	422
Monologo do verme	423
COSTA E SILVA :	
Infrão	427
Hontem	427
A gondola.	428
A morte de um poeta.	428
Tédio.	429
Carlos Gomes	430
Pulvis est.	430
Porque	431
Christo	431
Cego de amor	432
Via crucis	433
Precocidade	433
Lenda Tudessa.	434
JOÃO PEREIRA BARRETO :	
Basta	439
Teu ccracção	440

V

	PAGINAS
Flor de laranjeira	440
Um laço	441
Palomba muerta	442
N'alva	443
Meditando.	443
Seja.	444

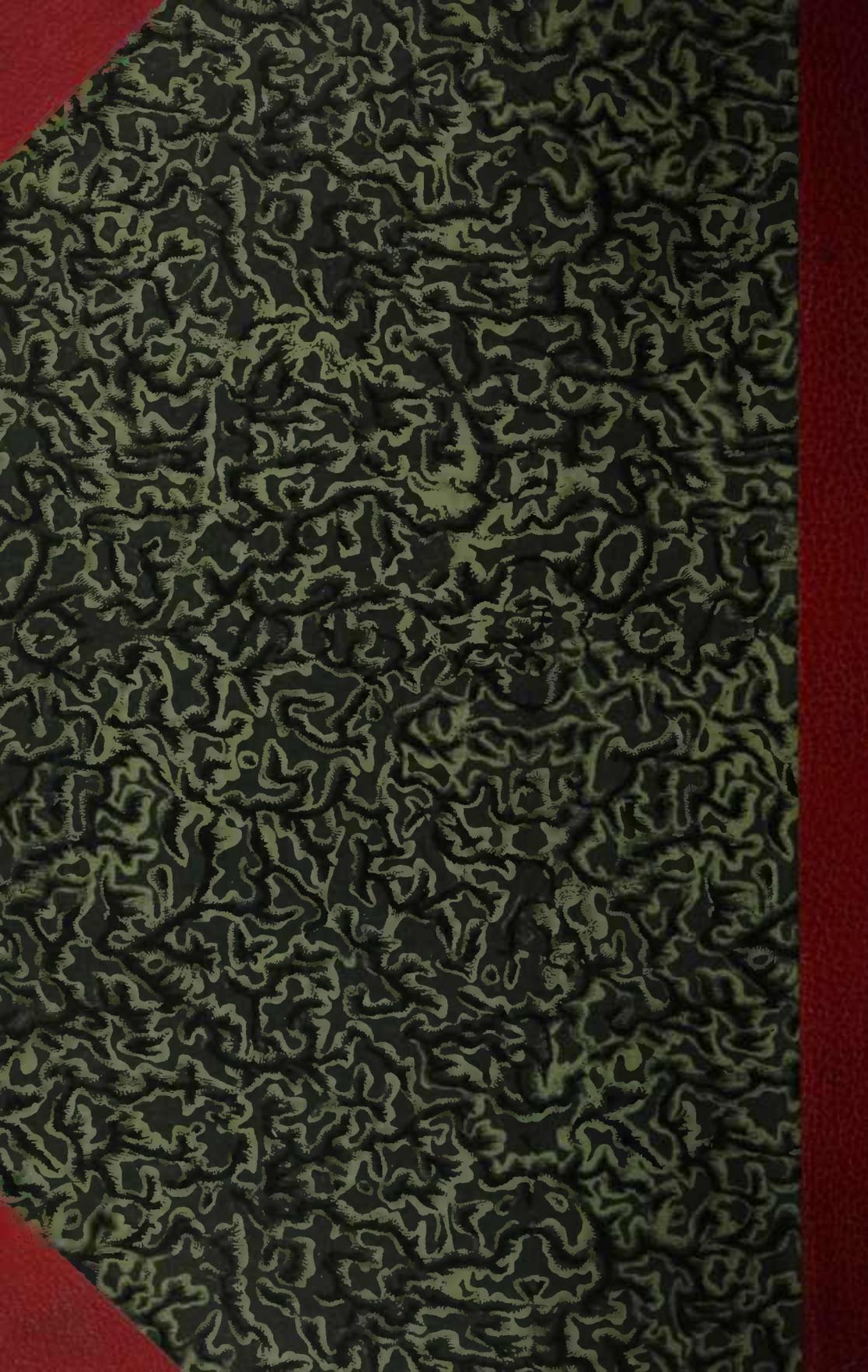
DEODATO MAIA :

Uma Sadade Azul	447
No campo.	448
Recordando.	451
O Coração.	451
Suprema dor	452
Só	453
A um anniversario	454
A' velha Mangueira	454
Dona Mara	455

JOSÉ M. MACHADO DE ARAUJO FILHO :

A Caridade	463
No Campo	465
Exilada	466
Antes e depois	466
Leonor	467
Julita	467
Soneto	468
Tua lagryma	469
Si quizeres	470
Doce castigo	471
Entre nós	471
Teu segredo	472





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).